

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
*CAMPUS CATALÃO*  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

**AS GRIMPAS LEXICAIS E SEUS DIAMANTES LINGUÍSTICOS: O  
VOCABULÁRIO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO MUNICÍPIO DE  
TRÊS RANCHOS-GOIÁS (1944-1981)**

GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO

CATALÃO-GO

2014

GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO

**AS GRIMPAS LEXICAIS E SEUS DIAMANTES LINGUÍSTICOS: O  
VOCABULÁRIO DO GARIMPO DE DIAMANTE NO MUNICÍPIO DE  
TRÊS RANCHOS-GOIÁS (1944-1981)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagens e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena de Paula

CATALÃO-GO

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)  
GPT/BSCAC/UFG**

Jeronimo, Gabriela Guimarães.

J56g      As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos[manuscrito]: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1940-1981) / Gabriela Guimarães Jeronimo. - 2014.  
134 f. : il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena de Paula.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,  
Campus Catalão, Departamento de Letras, 2014.

Bibliografia.  
Inclui Anexos.  
Apêndices.

1.Garimpo de Diamantes. 2. Campos Lexicais. 3.Vocabulário do Garimpo. I. Título.

CDU:622.2:81'373

GABRIELA GUIMARÃES JERÔNIMO

**“AS GRIMPAS LEXICAIS E SEUS DIAMANTES LINGUÍSTICOS:  
O VOCABULÁRIO DO GARIMPO DE DIAMANTES NO  
MUNICÍPIO DE TRÊS RANCHOS–GOIÁS (1944-1981)”**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em 20 de janeiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

*Maria Helena de Paula*

---

Prof.ª. Dr.ª. Maria Helena de Paula  
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

*Kênia Mara de Freitas Siqueira*

---

Prof.ª. Dr.ª. Kênia Mara de Freitas Siqueira  
Universidade Estadual de Goiás

*Vanessa Regina Duarte Xavier*

---

Prof.ª. Dr.ª. Vanessa Regina Duarte Xavier  
Programa Nacional de Pós-Doutorado/CAPES

*Aos senhores e senhoras que com a sabedoria de quem sabe o significado das linhas temporais que brotam no rosto das gentes, presentearam-me com suas memórias sobre os tempos de garimpo. Sem vocês esta pesquisa não teria acontecido.*

## AGRADECIMENTOS

Começamos pela parte subjetiva, afinal, a ciência também tem coração, devemos admitir.

Agradeço com toda minha admiração e dedico esta pesquisa aos senhores e senhoras entrevistados, *trechos de garimpos linguísticos* vivos, cheios de vida e história. Jamais me esquecerei da expressão incógnita de seus olhos.

Aos meus pais, porque sem eles eu não teria chegado até aqui. Se devo alguma coisa a alguém, é a vocês, que foram os primeiros a me incentivar e mostrar a importância dos estudos, quando nos tempos de escola, ao invés de fotocopiarem os livros de literatura, preferiam comprá-los, mesmo com o dinheiro curto. Livros que guardo com imenso carinho. Criar e educar é para os que são especiais.

À minha irmã Fernanda, digo que nossa amizade transcende os nossos laços de sangue. Obrigada pelas risadas diárias.

Garimpeira em busca de diamantes linguísticos, ainda uma *cabeça de pedra*, contei com garimpeiros experientes, que me levaram aos primeiros *lances de cabo*, a vocês, agradeço imensamente pelo apoio: Iris, José Luiz, Simone, Dona Fátima e Gláucia Mirian.

À orientadora Maria Helena de Paula, *mangueira*, sempre atenta enquanto eu mergulhava nestes garimpos linguísticos. De todas as pessoas que conheci, você é a única que se compara a uma criação roseana. És como um neologismo de Guimarães Rosa: complexa, tocante, especial. Sentirei muitas saudades!

Como *bombeiros*, tive meus amigos para os momentos em que o ar me faltou. Renan (alma gêmea minha), Rayne (companheira de viagens e conselheira inesquecível) e Vanessa (eterna coordenadora): obrigada por me escutarem, respeitarem minhas ausências, por me quererem bem. Sem vocês, as longas conversas e desabafos, eu não teria terminado este trabalho. Vocês são amigos por mérito e amor, estiveram comigo nos piores e melhores momentos.

Ao meu analista Daniel Calaça posso dizer que as minhas quintas-feiras são os sessenta minutos mais prazerosos, momentos em que mergulho em lugares muito profundos de mim. Obrigada por cuidar para que minha mente ficasse em condições consideráveis para que eu conseguisse finalizar, não apenas esta pesquisa, mas questões outras que me impediam de dar continuidade a minha vida.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa GEPHPOR e do LALEFIL, pelas trocas, conversas e o compartilhar das mesmas inquietações teóricas.

Aos mestres que contribuíram com minha pesquisa: Professora Doutora Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (durante o SEPMEEL), Professor Doutor Braz José Coelho (exame de qualificação), Professora Doutora Vanessa Regina Duarte Xavier (defesa), Professora Doutora Kênia Mara de Freitas Siqueira (qualificação e defesa). Todas as sugestões foram enriquecedoras. Como *canoeiros*, vocês foram de grande importância às lavações dos cascalhos teóricos.

Devo agradecer também ao Programa de Pós-graduação *Mestrado em Estudos da Linguagem* e à FAPEG que financiou minha pesquisa por meio da bolsa de mestrado. Ambos foram meus *fornecedores* a quem entrego meus cinquenta por cento através do término desta dissertação, bem como dos eventos acadêmicos que participei e das publicações resultantes das discussões realizadas no decorrer destes dois anos de pesquisa.

De antemão, agradeço aos futuros leitores deste trabalho que, como meus *capangueiros*, comprarão ou não as reflexões realizadas através deste estudo.

“[...] Me doeu a impotência  
Diante da sorte má  
Então eu fiz paciência  
Bem maior do que o azar  
Convoquei os meus duendes  
Pra fazer mutirão  
Logo um toque de magia  
Passou de mão em mão

Esse ano com certeza  
Desengano vai ter fim  
Natureza tem seus planos  
Mas não sabe ser ruim  
Tão seguro quanto o ar  
Ser mais quente no verão  
Da semente sai futuro  
nem que seja temporão”  
(*Semente*, Almir Sater)

JERONIMO, Gabriela Guimarães. *As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)*. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*, 2014.

## RESUMO

Este estudo investigou o léxico utilizado no garimpo tendo como campo de pesquisa o município de Três Ranchos-Goiás onde a atividade teve seu auge no período de 1944 a 1981. No que se refere aos sujeitos de nossa pesquisa, foram entrevistadas treze pessoas, sendo dez ex-garimpeiros, uma esposa de garimpeiro, um fornecedor e um morador que conviveu diretamente com garimpeiros em sua infância, todos numa faixa de sessenta a oitenta anos de idade, exceto este último, que possui quarenta e oito anos. A escolha pelo vocabulário dos garimpeiros advém do fato de que a prática do garimpo serviu de grande contribuição para o processo de formação do referido município no início do século XX, pois os garimpos ficavam concentrados nas proximidades do rio Paranaíba que perpassava a cidade. A garimpagem artesanal é a atividade de onde a maioria dos moradores tirava o seu sustento, o que resultou no povoamento da cidade, principalmente após o entroncamento da estrada de ferro, pois através dela vieram garimpeiros até da região do Mato Grosso e Bahia. Quanto ao *corpus*, este foi constituído através dos itens lexicais cuja seleção foi realizada a partir das entrevistas transcritas e que, após a consulta em dicionários, como Houaiss e Villar (2009), Bluteau (1712-1728), Carvalho; Deus (1916) e Nascentes (1966), nos certificamos da especificidade do vocabulário. Por fim, fizemos a análise destes itens baseando-nos na discussão sobre a relação entre léxico e cultura, como também aquelas que dizem sobre os aspectos concernentes à motivação do signo linguístico. No que diz respeito ao método de análise e à descrição semântica das unidades léxicas nos servimos da teoria dos campos lexicais desenvolvida por Eugenio Coseriu (1977) e Horst Geckeler (1976). Desta forma, acreditamos que contribuímos tanto para os estudos realizados na área da Lexicologia, quanto para a historiografia do município supracitado.

**Palavras chave:** Garimpo de diamantes. Léxico. Cultura. Campos lexicais.

## ABSTRACT

This study investigated the lexicon used in mining, having as research field the city of Três Ranchos – Goiás, where the activity had its peak between 1944 and 1981. Regarding the subjects of our research, thirteen people were interviewed, from which ten are former miners, one a miner's wife, a provider and a dweller who lived directly with miners in their childhood, all of them aging about sixty-eight years old, except the latter, who is forty-eight. The choice for the mining vocabulary comes from the fact that the mining practice served as a great contribution for the process of formation of the city early in the twentieth century, because the miners were concentrated nearby Parnaíba River that crossed the city. Handcrafted mining is the activity from which most of the dwellers used to take their livelihood, which resulted in the settlement of the town, mainly after the intersection of the railroad, because after it the miners came even from the states of Mato Grosso and Bahia. Regarding the corpus, it was constituted through the lexical items which selection was performed from the transcribed interviews and that, after the consultation in dictionaries, like Houaiss and Villar (2009), Bluteau (1712-1728), Carvalho (1916) and Nascentes (1966), we made sure of the specificity of the vocabulary. At last, we made the analysis of these items based on the discussion about the relation between lexicon and culture, as well as those which regard the aspects concerning the motivation of the linguistic sign. Regarding the analysis method and the semantic description of the lexical units we used the theory of the lexical fields developed by Eugenio Coseriu (1977) and Horst Geckeler (1976). Thus, we believe that we contributed both for the studies carried in the Lexicology area, and for the historiography of the mentioned city.

Key-words: Diamond mining. Lexicon. Culture. Lexical fields.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Macrocampo <i>Funções da escala</i> .....	96
Quadro 2 – Macrocampo <i>Lance de cabo, bater cabo, mergulho de exploração</i> .....	98
Quadro 3 – Macrocampo <i>Extração do cascalho</i> .....	101
Quadro 4 – Macrocampo <i>Lavagem do cascalho</i> .....	104
Quadro 5 – Macrocampo <i>Venda das pedras</i> .....	107

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>I – SURUCA, A PRIMEIRA PENEIRA: LAVANDO OS CASCALHOS HISTÓRICOS</b> .....	14
<b>1.1 De todas as grimpas brasileiras, as trirranchenses</b> .....	14
<b>1.2 De todos que têm sua faina, o garimpeiro</b> .....	26
<b>1.3 De todas as formas de língua, a falada</b> .....	42
<b>II – MÉDIA, A SEGUNDA PENEIRA: PENEIRANDO OS CASCALHOS TEÓRICOS</b> .....	46
<b>III – FINA, A TERCEIRA PENEIRA: PENEIRANDO OS DIAMANTES LINGUÍSTICOS</b> .....	67
<b>3.1 Nomes guardados sob as águas da memória</b> .....	67
<b>3.2 O rio linguístico em trechos lexicais</b> .....	92
3.2.1 Quadro ilustrativo dos campos lexicais.....	94
3.2.2 Garimpo artesanal de diamantes.....	95
3.2.3 Funções da escala.....	96
3.2.4 Lance de cabo, bater cabo, mergulho de exploração.....	98
3.2.5 Extração do cascalho.....	101
3.2.6 Lavagem do cascalho.....	104
3.2.7 Venda das pedras.....	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113
<b>ANEXOS</b> .....	117
<b>APÊNDICES</b> .....	128

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de investigação o vocabulário utilizado no garimpo artesanal de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás nos anos de 1944 a 1981. Este recorte temporal se justifica pelo fato de que foi em 1944 que houve a descoberta da *Mancha Velha*, local de garimpo em que foram extraídas pedras em abundância, atraindo garimpeiros de toda parte e, 1981, pois foi neste ano que as águas do lago terminaram de cobrir os garimpos, interrompendo assim, a atividade.

O interesse em trabalhar com os estudos de léxico e cultura despertou durante a disciplina *Linguística Antropológica*, cujas discussões giravam em torno do processo de formação da língua portuguesa falada no Brasil e da grande diversidade cultural e linguística resultante deste processo, bem como dos processos de enraizamento e desenraizamento das manifestações culturais ou dos falares de um grupo específico de falantes.

Além disso, durante a realização do projeto *Caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva* de Guimarães Rosa em *Primeiras Estórias* (PIBIC-CNPq), através da análise dos neologismos roseanos presentes na referida obra, discutimos sobre teoria lexical, compreendendo que as criações do escritor resgatam parte da tradição e da cultura mineiras, especialmente do homem sertanejo que, com o capitalismo e o desenvolvimento das cidades, teve muitas de suas atividades de homem do campo desvalorizadas e substituídas pelas máquinas. Esta discussão vai ao encontro da prática da garimpagem rudimentar, que também passou por alterações semelhantes tanto na organização do trabalho como nas ferramentas utilizadas para retirada e lavagem do cascalho diamantino.

Desta forma, através de alguns encontros e conversas com Melo (2008) e Sousa (2012), tomamos conhecimento sobre um pouco da história de Três Ranchos e, a partir disto, nos sentimos motivados por três aspectos importantes. Primeiramente, porque mesmo estando localizada no sudeste goiano – caracterizado pela forte atividade agropecuária –, Três Ranchos destoa com relação aos outros municípios, em que na construção de sua história possui quatro figuras relevantes: as quebradeiras de coco (babaçu), os ferroviários, os tropeiros e os garimpeiros de diamante, de modo que os moradores da cidade entendem que a atividade com o garimpo, devido ao crescimento econômico com a venda das pedras, serviu de grande contribuição para o processo de formação do município, como também para a municipalização da cidade em 1953.

O segundo aspecto se refere ao nosso problema de pesquisa relacionado à importância de se realizar um estudo em nível lexical sobre vocabulário de garimpo diamantino, pois não existem estudos na área da Lexicologia que estejam relacionados ao garimpo, especialmente, no município de Três Ranchos-Goiás.

O terceiro está relacionado às questões metodológicas, pois devido ao tempo que demandaria a pesquisa, foi necessária a realização de um recorte, em que focalizaremos apenas neste município, o que não descarta a possibilidade de haver outra cidade com características semelhantes em sua constituição. Apesar disso, tratando-se do sudeste goiano, não encontraremos outros municípios onde, no imaginário dos seus moradores, a importância do garimpo esteja tão arraigada e atrelada à sua história e à memória dos falantes.

Desta forma, a escolha pelo município supracitado não se trata da hipótese de que o falar dos homens que ali garimpam seja distinto dos falares dos garimpeiros de outras cidades em que esta atividade também foi/é marcante, como Diamantina-MG, Coromandel-MG, Campos Verdes-GO, Jacobina-BA, Patrocínio Paulista-SP, e demais. Seria deveras algo a ser pesquisado, no entanto, para um estudo nesta perspectiva, demandaríamos mais tempo e fôlego para sua realização.

Assim, esta dissertação se divide em três capítulos: no primeiro intitulado '*Suruca*', a primeira peneira: lavando os cascalhos históricos, que se subdivide em três seções, discorreremos sobre a história da garimpagem no Brasil, em que focamos na realização desta atividade no município de Três Ranchos, bem como sobre sua importância para este município.

Posteriormente, focamos na figura do garimpeiro e nas mudanças pelas quais este trabalhador passou no decorrer da história, especificamente, aquele que garimpou nas margens do Paranaíba circunscritas ao território do município acima citado. Além disso, apresentamos os sujeitos de nossa pesquisa, dentre eles: ex-garimpeiros, moradores que com eles tiveram e têm contato, mulheres que foram/são esposas de homens que ali garimpam e senhores que atuaram como fornecedores.

Destinamos a última seção aos procedimentos metodológicos, em que explicitamos todas as etapas desta pesquisa cujo método é de cunho qualitativo e interpretativo. Assim, nesta parte, temos descrito desde o levantamento prévio dos possíveis entrevistados à constituição do *corpus*, em que apresentamos a chave de transcrição elaborada para a realização das transcrições.

O segundo capítulo '*Média*', *a segunda peneira: peneirando os cascalhos teóricos*, apresentamos o arcabouço teórico no qual nos fundamentamos. Recorremos aos estudos feitos na área de Lexicologia, com ênfase em vocabulário, como também nas pesquisas realizadas em torno da relação entre língua e cultura. No que concerne às questões históricas e culturais que envolvem os garimpeiros, buscamos respaldo nos estudos sobre a história do garimpo no Brasil e, no que se refere a Três Ranchos, tivemos o privilégio de ter disponíveis três trabalhos voltados para a constituição do município.

No terceiro e último capítulo '*Fina*', *a terceira peneira: peneirando os diamantes linguísticos* se encontra a descrição dos dados, bem como a análise dos itens lexicais que foram selecionados e constituem o *corpus* desta pesquisa; neste, direcionamos as nossas discussões para a teoria dos campos lexicais e para a relação entre léxico e cultura.

Desta maneira, além de contribuirmos para a Lexicologia, por se tratar de uma área de estudos do Léxico que nos permite fazer um estudo levando em consideração seus aspectos culturais, históricos e sociais, acreditamos que colaboraremos também para a construção da história escrita de Três Ranchos-Goiás.

## **I – SURUCA, A PRIMEIRA PENEIRA: LAVANDO OS CASCALHOS HISTÓRICOS**

Neste capítulo, discutimos sobre a história do garimpo de diamantes no Brasil, especificamente, no município de Três Ranchos-Goiás. Além disto, fazemos a descrição dos sujeitos da pesquisa e falamos sobre a constituição do *corpus* que será analisado.

### **1.1 De todas as grimpas brasileiras, as trirranchenses**

Como já dito, nossas atenções, nesta pesquisa, foram direcionadas à atividade de garimpo no município de Três Ranchos-Goiás, no entanto, é sabido que não podemos deixar de falar sobre o aparecimento desta prática em nosso país, devido a sua importância histórica e econômica desde as primeiras descobertas das jazidas auríferas e, posteriormente, diamantíferas.

Foi durante o processo de expansão marítima, com as grandes descobertas, principalmente nas últimas décadas do século XV (1401-1500), que o Brasil foi colonizado pelos portugueses, mesma época em que as correntes renascentistas estavam em voga na sociedade e nas artes de modo geral.

De acordo com Gonçalves (2012), nos primeiros anos de colonização, os indígenas que aqui já habitavam foram dominados, massacrados e escravizados, se vendo obrigados a destruir a própria terra, primeiramente, na exploração das regiões litorâneas do país, com a comercialização do pau-brasil. Deste modo, nos dois primeiros séculos (XVI até meados do XVII), os minerais ainda não haviam sido descobertos, por estarem localizados nas regiões interioranas do país, ainda inexploradas, de modo que por questões econômicas, pois Portugal passava por uma grande crise, se tornou necessário embrenhar pelas matas e conquistar os sertões rapidamente, porém,

[...] Desde os primeiros tempos da presença portuguesa no Brasil, o sertão fascinava e ao mesmo tempo, despertava temor, incertezas e riscos. Contraditoriamente, era no sertão que os maiores tesouros se encerravam, depositário de “infinitas” riquezas. Inculto, inabitado por humanos “civilizados”, morada de feras e cobras venenosas, onde o risco da morte estaria em qualquer ponto, também era no sertão que o imaginário criativo dos conquistadores idealizaram as fantásticas reservas de ouro, prata e diamantes [...] (GONÇALVES, 2012, p. 107, grifos do autor).

Diante disto, foi preciso encontrar homens para explorar aquelas matas tão temidas e desejadas; assim, de acordo com Gonçalves (2012), aparecem, em nossa história, os Bandeirantes, dando início à ocupação dos sertões brasileiros.

A atividade de mineração no Brasil começou com a descoberta do ouro no final do século XVII, no interior do estado que hoje conhecemos por Minas Gerais e, posteriormente, foi se alastrando pelas demais regiões interioranas do país, como Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A pesquisa de Costa (2007) sobre toda a trajetória da mineração, desde o descobrimento do Brasil até a modernização, com o surgimento de novas ferramentas e organização do trabalho, coaduna com as abordagens feitas por Gonçalves (2012) a respeito do início da extração de minérios na região central do país. Segundo o autor, esta prática, no Brasil, teve seu início nos séculos XVII e XVIII, com a grande procura e exploração das minas de ouro e diamante, o que posteriormente, resultaria no esgotamento do primeiro.

Segundo Gonçalves (2012), em sua dissertação de mestrado sobre o garimpo de diamantes em Coromandel-MG, com a notícia das descobertas dos minerais, principalmente o ouro e a prata e, posteriormente, o diamante, vieram para o interior de Minas gentes de todos os tipos, inclusive negros fugidos ou a serviço de seus senhores. Como os garimpos não ficavam aglomerados, mas esparramados por locais específicos, logo foram se formando povoados, arraiais, vilas e cidades. Dentre todos, o que mais se destacou naqueles anos corridos de Setecentos, foi o Arraial do Tijuco que, devido à grande extração, viria a ser o centro do Distrito Diamantino.

Machado Filho (1964), em sua obra *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, trata especificamente do garimpo de diamantes no Tijuco, que, futuramente, receberia o nome de Diamantina. Segundo o autor, o diamante foi descoberto ali em 1729, sendo estabelecido pelo Governador da Capitania na época, D. Lourenço de Almeida, o imposto da capitação, em que “Eram proibidas lojas e vendas nas lavras, e duas léguas em derredor delas nem se podia comprar diamante em mãos de escravos, sob pena de confisco de todos os bens” (MACHADO FILHO, 1964, p. 11). Com este imposto, os escravos eram alugados para trabalharem nas lavras e, com o intuito de evitar o contrabando, ou seja, a venda das pedras sem o conhecimento e consentimento da Coroa, pessoas foram contratadas para realizarem a fiscalização.

Entretanto, com as zonas de extração espalhadas por todas as partes, o número de lavras clandestinas, roubos e contrabando aumentaram, de modo que foi decretada pela coroa

portuguesa a *Real Extração*, formada por um intendente e três caixas administradoras. Daquele ano de 1772 em diante, todos os pontos de mineração seriam fiscalizados e controlados. Feito isto, para se certificar de seu monopólio sobre o que era extraído das minas e monitorar a administração da Real Extração, criou-se o *Regimento Diamantino*, uma espécie de livro, que por conta de seu aspecto físico (encadernado em marroquim da cor verde) era chamado pela população de *Livro da Capa Verde*, sendo um “[...] instrumento que pairava além do bem e do mal nas mãos dos intendentes e outras autoridades da Demarcação [...]” (GONÇALVES, 2012, p. 117).

No entanto, mesmo a fiscalização sendo rigorosa, não foi o suficiente para evitar que homens se aventurassem à mineração clandestina, pois “[...] As terras diamantinas, além de extensas, eram muito acidentadas e, em vários lugares, quase intransitáveis [...]” (MACHADO FILHO, 1964, p. 12). Mais adiante, veremos que foi exatamente destes pontos incógnitos que brotaram os primeiros trabalhadores, cuja função receberia o nome de garimpeiro.

No que diz respeito a uma possível data em que o primeiro diamante *croô*<sup>1</sup> nos cascalhos brasileiros, de acordo com Gonçalves (2012), não se tem notícias de uma marcação temporal exata. Na época em que o ouro era o foco dos mineradores e a existência do diamante ainda desconhecida, em muitas lavações de cascalho na beira dos rios, eram encontradas esporadicamente “[...] *pedrinhas brilhantes*, às quais não davam grande importância. Por causa de seu belo brilho foram apanhadas, algumas usadas como tentos de jogo e ao que souberam depois, eram diamantes [...]” (GONÇALVES, 2012, p. 111).

A partir desta afirmação, podemos dizer que existe uma grande possibilidade de o diamante ter sido encontrado muito antes do que tivemos notícia, de modo que o seu brilho natural e reluzente não foi o suficiente para chamar a atenção do seu amante que, despercebido, deixou passar por entre suas mãos experientes e calejadas o motivo futuro de sua sina: o diamante.

Segundo Gonçalves (2012), há indícios de que as primeiras pedras foram encontradas no início do século XVIII, na região do *Serro Frio*, localizada no norte de Minas Gerais, geograficamente, como parte da Serra do Espinhaço, mas ainda de acordo com o autor, outras versões afirmam que este acontecimento ocorreu mesmo em 1714, nas proximidades do Arraial do Tijucu (Diamantina), no rio Pinheiro. No entanto, independentemente de onde o

---

<sup>1</sup> Quando o diamante sai por cima do cascalho na virada da peneira.

diamante tenha sido reconhecido como tal, é certo que a partir do século XVIII, na década de 30, começaram a busca e extração da pedra preciosa.

No que diz respeito à primeira pessoa que identificou uma pedra de diamante, é citado o nome de Bernardo da Fonseca Lobo como o oficial, por ter sido o próprio a presentear o rei, em Portugal, no ano de 1729, com uma quantia das pedras preciosas, mas há controvérsias sobre este fato se levamos em consideração que seu nome pode ter sido oficializado por uma questão política devido a sua atitude sagaz de levar a notícia ao rei.

A questão é que após o primeiro achado e com as descobertas de outros pontos de extração, não apenas de diamante, mas primeiramente de ouro e prata, outras regiões começaram a ser exploradas e “descobertas” pelos bandeirantes, que autorizados pela Coroa portuguesa, se embrenharam matas adentro com a missão de escravizar os nativos e procurar por novas minas.

Dentre estas regiões, estava o, hoje, estado de Goiás, que em 1748 se tornou capitania independente de São Paulo e, em 1822, foi elevada à situação de província. Trilhando o mesmo caminho das bandeiras e passando pela Estrada Real<sup>2</sup>, chega-se ao sudeste goiano, especificamente, em uma das regiões que faz divisa com estado de Minas Gerais, corruptela e ponto de pouso para os tropeiros que por ali passavam com suas boiadas, geralmente, com destino a São Paulo. Trata-se, aqui, do município que, desde antes de sua emancipação, era chamado de Três Ranchos, grimpada por nós escolhida e de onde tiramos muitos *bamburros*<sup>3</sup> e enchemos o nosso *picuá*<sup>4</sup> léxico-cultural.

Apesar de o foco desta pesquisa não ser detalhadamente sobre toda a história do referido município, é importante fazermos um breve percurso sobre a sua constituição, visto que estes dados facilitaram e foram essenciais para o nosso entender sobre a importância do garimpo para a cidade.

Ressaltamos, também, que mesmo se quiséssemos fazer aqui um estudo aprofundado sobre a história de Três Ranchos, seria um trabalho que demandaria outra pesquisa. Dizemos isto, devido à quase inexistência da menção a respeito deste município nos livros históricos sobre a história de Goiás, especialmente, de Catalão<sup>5</sup>, como também à escassez de estudos específicos sobre sua história. Nas palavras dos garimpeiros, estaríamos, enfim, diante de um

---

<sup>2</sup> “[...] foi o único [caminho] permitido pela Coroa Portuguesa durante um longo tempo, justamente pelo temor do “descaminho” das riquezas que eram exploradas em Goiás [...]” (SOUSA, 2012, p. 18).

<sup>3</sup> Ao encontrar uma pedra boa, os garimpeiros de diamante utilizavam este item lexical para dizer que tinham tirado a sorte grande.

<sup>4</sup> Espécie de recipiente feito de osso ou bambu para guardar as pedras que eram encontradas na lavagem do cascalho.

<sup>5</sup> Adiante, explicitaremos o motivo de nossa menção a este município.

*trecho virgem*, inexplorado, em que contamos com três pesquisas que nos serviram de verdadeiros alicerces para compreendermos um pouco sobre a história deste lugar.

Lembrando que, quando falamos aqui em história, estamos primeiramente interessados naquela maioria que é omitida dos livros oficiais, reduzida ao esquecimento e levada ao túmulo a cada vez que um ancião se vai para a *terceira margem* guardando em sua memória os fatos pretéritos para que, hoje, pudéssemos chamar aquela corruptela de cidade, pois “[...] é sabido que os eventos sucedem em consequência de outros precedentes e contribuem para que os subsequentes ocorram, num perene e dinâmico refazer [...]” (SOUSA, 2012, p. 11).

Temos, então, a pesquisa de Iris Consuelo de Melo (2008), que discorre sobre o processo de municipalização de Três Ranchos, com a finalidade de investigar a contribuição dos tropeiros de boiada<sup>6</sup> para a formação da cidade, mas que disponibiliza um capítulo para falar especificamente sobre a participação dos garimpeiros, que “[...] vieram seduzidos pela notícia da abundância das ‘pedras’ no Paranaíba, e muitos deles ficaram por aqui, se casaram e constituíram família [...]” (MELO, 2008, p. 21).

Dispomos, ainda, do trabalho de José Luís Vaz de Sousa (2012), que discute sobre a importância histórica da garimpagem para Três Ranchos e de como os garimpeiros de diamante inseriram-se e foram inseridos no processo de constituição socioeconômica do município. O autor disponibilizou um capítulo para tratar especificamente do trajeto histórico da cidade, bem como outra seção em que é feita uma abordagem sobre a presença do garimpo e a identidade do garimpeiro em Três Ranchos.

Contamos também com o estudo realizado por Simone Aparecida Arruda (2011), que realizou entrevistas orais com mulheres residentes em Três Ranchos e que trabalharam como quebradeiras de coco babaçu, palmeira nativa abundante nas margens do Rio Paranaíba e que, também como o garimpo, foi uma atividade interrompida pelo represamento do rio para a construção da Usina Hidrelétrica.

Anteriormente, mencionamos o município de Catalão porque Três Ranchos a ele pertenceu até 1948, ano em que foi elevada à categoria de Distrito em 19 de dezembro, tornando-se independente em 19 de outubro de 1953, quando:

[...] se formou o aglomerado urbano com um número de habitantes suficiente para se elevar à categoria de cidade e, para que isso se tornasse realidade coube ao farmacêutico Luis Ribeiro Horta, então vereador representante da região, diligenciar junto ao prefeito de Catalão à época, João Netto de

---

<sup>6</sup> A autora explica que existiam outros tropeiros que transportavam mercadorias, mas que seu estudo fora focado apenas nos tropeiros condutores de gado.

Campos, para que a emancipação fosse decretada, o que deveras aconteceu [...] sob a chancela do então governador de Goiás Dr. Pedro Ludovico Teixeira (MELO, 2008, p. 25).

No entanto, a cidade foi emancipada com o nome de Paranaíba de Goiás, acontecimento que além de causar transtorno entre os moradores que já haviam se habituado ao antigo nome, acarretou o desvio de cargas e correspondências, como salienta a autora, para lugares homônimos. Depois de algumas sessões para discutir a mudança do nome, no ano de 1959, a partir do dia primeiro de janeiro, a cidade voltou a ser nomeada como Três Ranchos.

Sobre a origem deste topônimo, tanto Melo (2008) quanto Sousa (2012) apontam duas versões igualmente plausíveis de argumentos: uma que ficou oficializada nos registros e a outra, talvez gravada na memória, de modo que a dúvida continua a pairar. A que se manteve oficializada e é mais aceita, provavelmente por questões ideológicas e culturais, é de que os três ranchos que havia ali serviam de pouso para os tropeiros que passavam com sua boiada. A outra, de menos prestígio, é de que foram construídos, estrategicamente, três ranchos, no alto de uma serra, por escravos fugidos, de modo que eles tinham uma visão melhor do local para se certificarem de sua proteção. De qualquer forma, o fato é que existiram mesmo os “[...] três casebres construídos com folhas da palmeira babaçu [...]” (SOUSA, 2012, p. 45), no alto da serra.

Além destes, muitos outros fatos antecederam este acontecimento de 1953 (a emancipação de Três Ranchos) e um deles foi o garimpo. Começamos, no entanto, pelos introdutórios deste processo.

Segundo Melo (2008), a atual região de Três Ranchos foi cortada pela Estrada Real (Anexo A), que perpassava o Porto Mão-de-Pau (localizado nas margens do Rio Paranaíba) e duas principais vias urbanas do município, hoje nomeadas Avenida Coronel Levino e Rua José Barbosa, sendo esta uma importante rota comercial e a principal travessia entre Minas Gerais e Goiás naquela época.

Esta estrada é a mesma a que Sousa (2012) faz referência ao explicar que se tratava da única estrada considerada oficial pela Coroa por uma questão de controle e precaução contra os contrabandos, de modo que, além de ter servido de passagem aos tropeiros, antes foi o caminho por onde as bandeiras adentraram com suas expedições durante a conquista<sup>7</sup> do Brasil Central, em que, atravessando o Rio Paranaíba, seguiam rumo a Catalão.

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar aqui que, inicialmente, o interesse desta conquista estava em primeiro lugar na dominação dos indígenas, de modo que, posteriormente, quando as jazidas de ouro começaram a serem descobertas, despertou-se o interesse da Coroa portuguesa pelos minerais e, futuramente, pelas pedras preciosas, como o diamante.

O autor ainda conta que, dos bandeirantes que passaram por aqui, destacaram-se na história oficial<sup>8</sup> Bartolomeu Bueno da Silva, chamado Anhanguera e, depois, seu filho, de mesmo nome e alcunha. Possivelmente, no ano de 1726, Bartolomeu (filho) em sua terceira jornada para estas bandas, já que nas outras duas viera com seu pai, provavelmente com o intuito de marcar o caminho, deixou uma cruz cravada na margem direita do ribeirão Ouvidor, que ficou conhecida por “Cruz do Anhanguera”. Apesar de não se ter notícias do lugar exato em que a cruz foi cravada, este dado de certa forma comprovaria a passagem dos bandeirantes pelas terras trirranchenses, “[...] pois um longo trecho desse riacho é a linha demarcatória entre os municípios de Três Ranchos e Catalão, sendo que este está na margem esquerda [...]” (SOUSA, 2012, p. 26).

Quanto ao processo de povoamento, após a movimentação das bandeiras, já no século XIX, movidos pela curiosidade e interesse, vieram viajantes. Segundo Melo (2008), alguns deles adquiriram suas terras por conta do comércio de gado que existia no porto Mão-de-Pau<sup>9</sup> e acabaram ficando por ali, na região de Três Ranchos, em que:

[...] No cartório de registro de imóveis foram encontrados registros dos imóveis que vieram a se constituir no atual município de Três Ranchos, originalmente composto das fazendas Lagoa, Fundos, Casados, Posse e Sacco. Essa divisão da terra ocorreu no ano de 1896, quando toda a área ainda pertencia ao município de Catalão e era considerada como um bairro deste [...] (MELO, 2008, p. 14).

Deste modo, a autora ressalta que Três Ranchos não chegou a se constituir enquanto arraial ou povoado, sendo considerado até sua emancipação política um bairro pertencente ao município de Catalão, algo que pode ser comprovado através de registro<sup>10</sup> lavrado em cartório. Além disto, outro acontecimento que contribuiu para a povoação da cidade foi a construção de uma igreja em louvor a Nossa Senhora da Abadia<sup>11</sup>, em 1882, que hoje, se encontra em destroços, “[...] percebe-se o surgimento das famílias pioneiras, ascendentes de grande parte da demografia atual de Três Ranchos como, dentre outras, os Vaz – a nordeste, os Carneiro – no centro, e os Mariano – a sudoeste” (SOUSA, 2012, p. 34).

---

<sup>8</sup> Segundo Sousa (2012), alguns historiadores afirmam que antes de Bartolomeu, tanto o pai quanto o filho, já haviam passado por ali outros homens, porém, como eles foram autorizados pela Coroa portuguesa a seguirem com aquela missão, o título de descobridor ficou para o Bartolomeu filho, o Anhanguera.

<sup>9</sup> Segundo Melo (2008) e Sousa (2012), de acordo com os registros por eles consultados, este porto teve uma importância econômica considerável para a Província de Goiás durante algumas décadas.

<sup>10</sup> Para maior esclarecimento, ver Melo (2008, p. 13-16).

<sup>11</sup> A autora acredita que provavelmente esta igreja tenha sido construída por devoção de algum garimpeiro, assim como existe a suspeita com relação à do Muquém, em Goiás, no ano de 1772 e Água Suja, atual Romaria, em Minas Gerais, ambas construídas em regiões de garimpo.

Outro acontecimento digno de nota foi a passagem de uma equipe de membros da Missão Cruls que na época (1892) estavam incumbidos de fazer a demarcação do território onde seria construída Brasília. Nos registros, além da passagem pelo porto Mão-de-pau, citou-se a “Povoação dos Trez Ranchos”<sup>12</sup> e mencionou-se também a existência de cascalhos diamantinos ou, como preferem os garimpeiros, *fórma de diamante*<sup>13</sup>. Noutra ocasião, em 1895, a Missão Cruls retornou novamente aquela região, mas desta vez por motivo da construção da ferrovia, em que estavam ali para fazer um levantamento do território.

Aqui, temos a construção da ferrovia que durante o tempo de seu funcionamento ligou Três Ranchos à Angra do Reis, parte do litoral do país, dando lugar ao ferroviário, trabalhador que assim como o tropeiro, garimpeiro e as quebradeira de côco, marcou a história do município. Segundo Melo (2008), depois de alguns contratempos financeiros e outras complicações, como o ocorrido que ficou conhecido por *massacre dos ferroviários*<sup>14</sup>, no dia 11 de novembro do ano de 1942, passou pela cidade o primeiro trem de ferro, no entanto, a inauguração da estação aconteceu em 1944, precisamente, no dia 11 de fevereiro. Sendo assim, em “[...] tese, portanto, Três Ranchos podia se ligar ao mundo inteiro por meio da ferrovia, embora fosse um tanto demorado chegar até o litoral brasileiro e de lá prosseguir viagem [...]” (SOUSA, 2012, p. 55).

Além das grandes possibilidades comerciais que a ferrovia poderia trazer à cidade, Sousa (2012) apontou outros benefícios, como a construção de uma Estação Ferroviária e a chegada do telégrafo.

Outra construção importante, inaugurada em 1960, no itinerário da BR-050, foi a ponte ferroviária nomeada Wagner Estelita Campos, que ligava Três Ranchos (do lado goiano) à Douradoquara (lado mineiro), o que facilitou a travessia do rio, especialmente aos tropeiros que antes passavam com suas boiadas a nado, como explica Melo (2008).

Nesta mesma época em que a ferrovia chegou à cidade, Arruda (2011) relata que, nas margens do Paranaíba, trabalhavam mulheres com a quebra do coco do babaçu, muitas delas viúvas e com muitos filhos. As que eram casadas, sendo várias esposas de garimpeiro, utilizavam o dinheiro do lucro para comprar roupas e utensílios domésticos.

---

<sup>12</sup> Ver (SOUSA, 2012, p. 24-44).

<sup>13</sup> Tipo específico de cascalho que acompanha o diamante, servindo de sinalização aos garimpeiros de que naquele lugar existe a possibilidade de encontrar a pedra preciosa.

<sup>14</sup> De acordo com Melo (2008), uma mulher, viúva de nome Emerenciana, amante de um comandante do departamento policial conhecido por Suã de Vaca, foi assassinada. A polícia, suspeitando que os assassinos fossem alguns dos ferroviários, armou uma emboscada em um trecho entre Catalão e Ouvidor. Quando os ferroviários foram apanhados, os policiais atiraram aleatoriamente, assassinando muitos daqueles homens.

A autora explica que, quando a distância a ser percorrida era muito longa, algumas quebradeiras se arranchavam nos coqueirais e ali ficavam por uma semana, porque além das ferramentas, levavam o de comer para elas e seus filhos que sempre as acompanhavam e aprendiam o ofício desde cedo, já que dali tiravam o seu sustento. No entanto, a partir de 1981, a atividade foi interrompida, extinguindo-se definitivamente devido ao represamento do rio cobrindo os babaçuais.

Assim como a chegada da ferrovia em 1944, a passagem das tropas de boiada e a quebra do coco babaçu, por volta do ano de 1930, emergia outra atividade de onde os moradores do lugar e de outras regiões tirariam seu sustento: a garimpagem. Vale ressaltar que Três Ranchos, juntamente com Grupiara, Cascalho Rico, Estrela do Sul (municípios mineiros), constituíam a Província Diamantífera do Alto do Paranaíba, como informa Sousa (2012). Inclusive, a referida província vinha sendo explorada desde a época em que a extração do diamante se iniciou no Brasil, tanto que “[...] A primeira notícia da existência de diamantes no Paranaíba está registrada no ‘Memorial da Fazenda Sacco’, de 1898 [...]” (MELO, 2008, p. 22), no entanto, foi a partir da década de 30 do século XX que se tiveram notícias de pedras encontradas pelas arredores de Três Ranchos.

Nas terras trirranchenses, especificamente, segundo relatos dos senhores ex-garimpeiros e moradores mais antigos, o primeiro garimpeiro que pegou diamantes na região foi um estrangeiro chamado Zé Italiano, de quem não se teve mais notícias, pois sumiu, sem deixar maiores esclarecimentos. Depois que a informação a respeito da existência das pedras se alastrou, o fluxo de moradores aumentou consideravelmente, vieram garimpeiros de todas as partes interessados em fazer fortuna devido à notícia dos *bamburros*, principalmente de Baliza-Goiás, município que faz divisa com Mato Grosso, onde os trabalhadores garimpavam nas águas do rio Araguaia, como um dos senhores entrevistados para constituição do *corpus* desta pesquisa.

Outro dado histórico recorrente na fala dos sujeitos deste estudo é que o garimpo em Três Ranchos começou mesmo com os Pereira, informação que coincide com os relatos de Melo (2008), ao afirmar que em 1940 chegou à cidade Miguel Pereira e sua família, trazendo equipamentos modernos para aquela época, dentre os quais, o escafandro. Contam os ex-garimpeiros que esta família, inicialmente chefiada por Miguel, foi a maior dona de garimpo, principalmente após a descoberta da *Mancha Velha* em 1944 (mesmo ano da inauguração da ferrovia), onde, segundo estes senhores, se encontrava diamante até na escuridão da noite.

Depois, veio Roldão Pereira, seu filho, dando continuidade ao trabalho do pai, que assim como ele, lucrou bastante e, em ocasião, abriu uma casa de lapidação na cidade.

Seguindo os mesmos passos do avô e do pai, Eurípedes Pereira, que além do gosto pelo garimpo, chegou a ser prefeito<sup>15</sup> da cidade de Três Ranchos (1989-1992). Entretanto, foi assassinado a tiros, morte até hoje cheia de mistérios e suposições quanto aos seus reais motivos. Inclusive muitos dos entrevistados conviveram com Eurípedes no tempo de garimpo e um deles relembra sua convivência com muita gratidão e, ao mesmo tempo, com muito pesar devido a sua morte.

No que se refere ao modo de organização de garimpo naquele período, trata-se de uma lida realizada de forma rústica<sup>16</sup>, manual na maior parte do tempo, de modo que existiam/existem diferentes formas de garimpar.

Desta feita, para compreendermos a diferença entre os tipos de garimpo, buscamos respaldo na pesquisa de Marconi (1978), intitulada *Garimpos e Garimpeiros em Patrocínio Paulista* que, assim como Machado Filho (1964), discute sobre garimpo de diamante, como também faz uma explicação sobre os tipos existentes. Segundo a autora, temos: a) o Garimpo de Monchão ou Manchão, realizado no seco, ou seja, distante da margem e do leito do rio; b) a Grupiara ou Cata D'água feita à margem ou no barranco dos rios, podendo ser seca ou molhada, no caso de ser molhada, pode ser chamada pelo segundo nome; c) Garimpo de virada ou Cerco: aqui, os garimpeiros fazem uma espécie cerco para desviar o curso do rio nos locais em que a correnteza está muito forte; d) Garimpo de Leito ou Saco em que a extração é feita no leito do rio, porém em lugares rasos, de modo que a água chega até o pescoço apenas e o garimpeiro utiliza um saco para despejar o cascalho; e) Escafandro ou Mergulho, garimpo que também acontece no leito do rio, porém em lugares mais profundos, em que o garimpeiro utiliza um equipamento de mergulho para sobreviver no fundo por muitas horas; f) Gruna é aquele localizado no interior das montanhas em que é cavado um túnel em formato de meia lua; g) Corrida, que é uma espécie de Monchão, mas que utiliza água para o desmonte.

Dentre os tipos apresentados, o mais utilizado na região de Três Ranchos, segundo os entrevistados, era o de escafandro. Lembrando que por conta da força da correnteza esta

---

<sup>15</sup> Ver no site do Portal da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás <http://www.assembleia.go.gov.br/deputado/perfil/deputado/1581> (Acesso em 23 de julho de 2013).

<sup>16</sup> Os equipamentos trazidos por Miguel Pereira eram considerados modernos para aquela época, como a utilização do escafandro, mas ainda assim, a atividade era realizada de forma rudimentar, visto que o escafandro permitia o mergulho em lugares mais profundos apenas, enquanto a extração continuou a ser realizada manualmente.

modalidade era realizada no período de estiagem do rio, provavelmente, do mês de abril a setembro, pois durante a cheia era muito arriscado mergulhar, pois a água poderia arrastar o garimpeiro ou até mesmo causar o desmoronamento de algum barranco, causando um acidente ou até a morte deste trabalhador.

Naquela época, era necessária uma turma de aproximadamente dez homens, cada um exercendo uma função dentro da *escala*<sup>17</sup>, organizada pelo *gerente*<sup>18</sup>, em que ia-se mudando de função toda vez que saía um *mergulhador*<sup>19</sup> da água e descia o próximo. Em cima de uma balsa construída por duas canoas e tábuas colocadas entre elas (Anexo G), ficava a bomba que fornecia o oxigênio para quem estava mergulhando. Esta bomba (Apêndice E) deveria ser tocada o tempo todo. Nos lugares em que a água era mais mansa, necessitava-se de dois homens, um de cada lado. Já nas regiões em que a água estava mais densa, ficavam quatro revezando de minuto em minuto, pois os braços não aguentavam a tarefa de bombear.

Segundo os entrevistados, o oxigênio passava por uma mangueira comprida que ficava ligada ao capacete do escafandro. Para se manter firme no fundo e não boiar, além da mencionada proteção para a cabeça feita de bronze, colocavam-se pesos, trinta quilos na frente e atrás. Lá descia o homem pela escada cautelosamente para não estourar os vasos sanguíneos do seu canal auditivo por conta da pressão da água. Já no fundo, o trabalhador dispunha de uma pá, uma alavanca e um saco de couro para encher de cascalho, este amarrado e puxado por uma corda (sarilho) para superfície. Do lado da balsa havia mais duas canoas, uma para colocar o cascalho que não era útil e a outra para o diamantino. Este material que era retirado do fundo era lavado já no leito do rio antes de ser levado para a margem e depositado no *paiol*<sup>20</sup>, esta lavagem era feita com a peneira mais grossa, a *suruca*, também chamada de *surucona* ou *surucão*.

Depois de garimpar por toda a semana, no sábado, era feita a lavagem do cascalho, cada um possuía o seu *terno de peneiras*<sup>21</sup> e o seu *paiol*, em que ficava amontoados tudo o que retirou durante o seu mergulho ou quantas vezes tivesse descido ao fundo do rio. Era exatamente neste momento que o garimpeiro, a cada virada de peneira, com olhos experientes, observava esperançoso que croasse do meio da *forma* o diamante tão esperado. Se por acaso nada acontecesse, se conformava, por entender que diamante é questão de sorte,

---

<sup>17</sup> Sistema organizado pelos garimpeiros em que cada qual tinha uma função específica.

<sup>18</sup> O garimpeiro mais experiente e responsável pelo garimpo.

<sup>19</sup> Nome dado à função do homem que estava recolhendo o cascalho no fundo do rio.

<sup>20</sup> Lugar onde era depositado separadamente o cascalho retirado por cada mergulhador, em que cada um tinha o seu.

<sup>21</sup> O *terno de peneiras* era composto pela *suruca*, *grossa*, *média* e  *fina*. Alguns ainda falam numa outra, *suruquinha*, colocada quando fosse necessário, antes da peneira grossa.

um dia ele seria beneficiado, dando continuidade, enfim, a sua incessante procura, que mesmo após um bamburro, não cessava e, que até hoje, se mantém viva no olhar nostálgico destes senhores ao contar destes tempos que não voltam, das esperanças que, assim como os garimpos, ficaram submersas no Lago Azul.

No tocante à construção da Usina Hidroelétrica de Emborcação (UHE), Sousa (2012) relata que as obras se iniciaram em 1970, no mesmo ano em que os trilhos da ferrovia, após o seu auge em 1950, começaram a ser retirados por conta da decadência a que ficou fadada por vários fatores (os interesses foram direcionados para o sistema rodoviário e a falta de cuidados com a manutenção dos trilhos) o que causava desconforto e insegurança aos passageiros.

Finalizada a construção da UHE, em 1981, as águas do Paranaíba, agora metamorfoseadas no Lago Azul, cobriram o garimpo, os babaçuais, as fazendas e a ponte, alagando grande parte do município, afetando diretamente no modo de vida de seus moradores que tiravam o seu sustento das regiões<sup>22</sup> que ficaram submersas, seja por meio da extração de diamantes, da quebra do coco do babaçu ou da lida com a terra. Podemos dizer que a transformação pela qual o rio passou atingiu diretamente o cotidiano das pessoas que sobreviviam das atividades (setor primário da economia) a ele circundantes, sendo, de certa forma, obrigadas a reconstruir o seu dia-a-dia, agora na situação de moradores em uma cidade turística.

Com o represamento do rio, novos empreendimentos chegaram à cidade, como a construção de hotéis, pousadas, mercearias e, conseqüentemente, trouxe novas funções (setor terciário) a serem assumidas pelos cidadãos e cidadãs trirranchenses, como os pedreiros, serventes, caseiros, garçons, garçonetes, arrumadeiras, comerciantes, corretores de imóveis, dentre outros.

Diante deste breve percurso que fizemos sobre a história do município de Três Ranchos, com respaldo nos autores retrocitados durante nosso trajeto, desde a chegada dos bandeirantes à construção do Lago Azul resultado da UHE, percebemos que além da importância histórica e cultural que os tropeiros, ferroviários, quebradeiras de coco e garimpeiros tiveram e têm para a cidade, não podemos nos esquecer da presença indispensável do rio Paranaíba, que:

---

<sup>22</sup> “[...] Três Ranchos é o município mais prejudicado com o alagamento provocado pelo reservatório da Usina Hidrelétrica de Emborcação. Mais de 20%, ou 87,28 dos 432,48 quilômetros quadrados que o lago-reservatório ocupa estão sobre terras de Três Ranchos [...]” (SOUSA, 2012, p. 73).

[...] num primeiro momento, foi a referência do início da conquista de Goiás, o marco geográfico para a ocupação definitiva, cuja travessia ocorreu ao sul do que hoje é o município. E desde antes daquele tempo, e por muito depois, a fartura de peixes era garantia de nutrimento dos moradores. Influenciou na economia, pois as melhores fazendas, os melhores pastos, de onde saíam os melhores gados, estavam nas margens férteis do Paranaíba. Detido, represado, o rio insiste na demonstração de múltiplas serventias: gerador de energia, grande potencial para a piscicultura intensiva e para a atividade turística, que mesmo ainda incipiente, alterou profundamente o modo de vida de grande parte da população [...] (SOUSA, 2012, p. 65).

Assim, este rio, ainda hoje, oferece suas águas, suas margens e suas profundezas para aqueles que sabem ou não tirar dele o seu sustento, “[...] nessa água que não pára, de longas beiras: e, [o povo], rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio” (ROSA, 1995 [1962], p. 37).

## 1.2 De todos que têm sua faina, o garimpeiro

Como vimos na seção anterior, a atividade de extração de minérios e pedras preciosas é antiga, iniciando-se no Brasil já nos séculos XVII e XVIII, quando foram criadas pela Coroa portuguesa várias formas de fiscalização<sup>23</sup> para controlar o desvio e o contrabando das riquezas retiradas das terras brasileiras. Além de impostos, os esforços dos colonizadores não foram o bastante para impedir que através de um ato subversivo por parte daqueles que tiveram coragem de se arriscar e se embrenhar pelo proibido, surgisse a mais nova velha função: garimpeiro, de onde conseqüentemente derivaria o nome da prática (garimpagem) e do seu local de trabalho (garimpo). Vale lembrar que com a escravização havia muitos afrodescendentes trabalhando nas minas e, posteriormente, nos garimpos também, principalmente os escravos fugidos.

Estes homens se escondiam nas *grimpas*<sup>24</sup> (ponto mais alto de uma colina, montanha ou qualquer tipo de edificação) com o intuito de garimparem fora dos domínios do fisco, mesmo conscientes das rigorosas punições. Nas regiões de extração, existiam lugares de difícil acesso “[...] E foi nesses pontos excusos que surgiram os primeiros garimpeiros” (MACHADO FILHO, 1964, p. 12), locais em que a fiscalização demorava a chegar.

---

<sup>23</sup> Códigos Mineiros de 1603 (o quinto); Regimento dos Superintendentes, Guardas-mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro (1720); Intendência das Minas. Ver (SILVA, 2006, p. 26-33).

<sup>24</sup> “[...] antepositivo, prov. do fr. *grimper* 'trepar, subir, elevar-se com o auxílio das mãos e dos pés, estender-se progressivamente para cima', f. nasalizada de *gripper* ver <sup>1</sup>*grip-*; ocorre em vocábulos dos XIX em diante (salvo *grimpa*, doc. desde o Renascimento): [...] *grimpador*, *grimpagem*, *grimpamento*, *grimpante*, *grimpar*, *grimpo* [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Assim, de um lado tínhamos o minerador, aquele trabalhador autorizado pela Coroa a minerar, do outro, o garimpeiro, inicialmente, chamado de *grimpeiro* (por ficarem escondidos e isolados nas grimpas), um “[...] trabalhador autônomo, que não concordava com as condições impostas para a sua atividade, e se arriscava na vida fora-da-lei [...]” (SOUSA, 2012, p. 148).

Ainda sobre o item lexical *garimpeiro*, a hipótese de que com o passar do tempo, através do acréscimo por epêntese da vogal “a” entre as duas consoantes de *grimpeiro* – provavelmente uma mudança fonética advinda da oralidade – pode ser comprovada através de registros<sup>25</sup> escritos em que foi utilizada a sequência fonética anterior às modificações, como também por meio da referência etimológica disponibilizada no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*<sup>26</sup> (2009), informações que coincidem com os acontecimentos históricos relatados pelos estudiosos que abordam a temática do garimpo.

Percebemos, então, que inicialmente, este trabalhador sobrevivia nas margens da ilegalidade ou, nas palavras de Gonçalves (2012), “[...] fugindo, aventurando, procurando e sendo procurado, grimpendo nas serrarias, sempre escorregadio, atento e audaz [...] personagem odiado e perseguido rigorosamente [...]” (GONÇALVES, 2012, p. 117); e foi desta sucessão de acontecimentos que *croaram* das grimpas os primeiros garimpeiros na história do Brasil.

Notamos, assim, que esta afirmação de Gonçalves (2012) vai ao encontro do que Silva (2006) propõe em sua dissertação sobre os garimpeiros de esmeralda em Campos Verdes-Goiás, em que este trabalhador era aquele cuja prática (a garimpagem) era subversiva, constituindo uma identidade cunhada na ilegalidade e naquele momento sócio-histórico e cultural, estes homens eram considerados foras da lei, infratores que deveriam ser severamente punidos.

Neste ínterim, o garimpeiro se aliou ao quilombola, pois de certa forma, ambos encontravam-se em condições semelhantes: o primeiro fugindo do fisco e o segundo do cativo, mas Machado Filho (1964) defende que mesmo se encontrando nesta situação de ilegalidade, ele (o garimpeiro) jamais deveria ser confundido ou comparado ao bandido, pois se tratavam, em sua maioria, de homens honestos, o que coincide com os depoimentos nas

---

<sup>25</sup> *Memória sobre as minas da capitania de Minas Geraes*: suas descrições, ensaios, e domicílio próprio, de José Vieira Couto (1842).

<sup>26</sup> “[...] antepositivo, do port. *garimpeiro*, f.epent. de *grimpa* + o suf. *-eiro*: ‘o garimpeiro andava pelas grimpas em busca de ouro’, observa J.P. Machado; ocorre em vocábulos de fins dos XIX em diante: *garimpa*, *garimpado*, *garimpagem*, *garimpar*, *garimpeira*, *garimpense*, *garimpo* [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

entrevistas com os sujeitos da pesquisa, quando afirmam que havia “confiança cuns’ os ôtro né, achava diamante do ôtro, amigo, entregava, diamante seu, achei ali e e[le]s também fazia o mesmo {...} é honesto, agora hoje num tem jeito de garimpá” (G1E1).

No entanto, sabemos que no acontecer dos anos, uma sociedade passa por modificações, seja em seu meio cultural, histórico ou político, de modo que outras ideologias são inculcadas, produzindo ou alterando alguns conceitos pré-estabelecidos. Isto não seria diferente com relação ao garimpeiro, visto quando já não éramos mais colonos de Portugal, o garimpo e o contrabando, neste sentido (garimpar escondido do fisco da coroa), já não cabiam mais neste novo contexto. Porém,

[...] o nome de garimpeiro não foi substituído por outro e ficou designado o pequeno explorador das lavras, que, agindo em liberdade e dentro da lei, jamais perdeu suas características inconfundíveis, encarnando um dos tipos mais interessantes de nossa terra [...] (MACHADO FILHO, 1964, p. 16).

No enalço do que afirma este estudioso, percebemos ter havido uma pequena mudança no significado deste item lexical devido, especialmente, aos acontecimentos históricos da Proclamação da Independência do Brasil.

Desta feita, a identidade deste trabalhador antes clandestino, mantém como uma de suas características o seu comportamento nômade, sempre se deslocando de um lugar para o outro, movido pela notícia de bamburro, isto é, “[...] indivíduos, que por sua conta e risco, enfrentavam os perigos dos sertões em busca de riqueza e sustento próprio [...]” (COSTA, 2007, p. 251) ou “[...] pessoas que abandonam famílias e se deslocam para onde foi descoberto um novo garimpo. Lá trabalham, se ganharem dinheiro, logo buscam a família [...]” (SILVA, 2006, p. 29).

Sobre esta questão do abandono da família mencionada por Silva (2006), gostaríamos de fazer uma pequena observação<sup>27</sup>. Durante as entrevistas com os sujeitos de nossa pesquisa, percebemos que não há de fato um abandonar no sentido literal<sup>28</sup> da palavra, pois o que acontece é que o isolamento do garimpeiro no seu local de trabalho é constitutivo de sua profissão, chegando o período de estiagem, a turma era reunida, a *traia* organizada e lá partiam para a sua lida.

---

<sup>27</sup> Não se trata aqui de defender o garimpeiro ou generalizar os fatos, mas de fazer uma discussão através dos dados coletados a partir das entrevistas, com o intuito de enriquecer este estudo e esclarecer o perfil dos sujeitos desta pesquisa.

<sup>28</sup> “[...] **1** deixar, afastar-se de (um lugar) para sempre ou por um longo período; **2** deixar à própria sorte; desamparar; **3** largar, deixar ficar (em determinado lugar) [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

A família não ficava desamparada porque, na maioria das vezes, o garimpeiro trabalhava para o *fornecedor*, que mantinha o garimpo fornecendo os mantimentos e tudo que fosse necessário para a sobrevivência dos trabalhadores e de sua família (no caso dos que eram casados), como também para a extração dos diamantes, como bem explica um dos entrevistados:

[...] Ele tinha tazido o fornecimento... pá dexa o fornecimento [...] Arroiz, feijão, açúcar, café esses trein né... e carne. Tud'é trazido. Vem muito trein. *Aí ele falô: Ó tem esse trein aí, cê divide aí cuns casado* [...] *Aí chamei ês [lá] em casa e nós dividiu o trein. *Aí falei pá (...): (...)* qu'é que cê acha? *Eu vô garimpá mais ou... isprementá mais no garimpo ou... Ela falô: Ah! Esses trein que tem aí dá pá eu e os minino cumê muitos dia, pode i[r]* [...]" (G2E1).*

O lucro das pedras era dividido em 50% para cada uma das partes, “[...] nós era cinquenta, os que merguiava; cinquenta era do home que dava as máquina, a cumida [...]” (G1E1), mas é claro que esta relação era, na maior parte dos casos, desigual, de modo que o fornecedor, utilizando de artimanhas, muitas vezes em parceria com o *capangueiro* (comprador de diamantes), conseguia ganhar mais dinheiro com as pedras extraídas pelos garimpeiros que, alheios à ideologia do acúmulo, gastavam tudo o que tinham e retornavam novamente para o garimpo, sempre na ilusão de que no outro dia pegariam mais pedras e, assim, sucessivamente.

Segundo Sousa (2012), esta desigualdade era gritante, a começar pela diferença da estrutura das moradias, em que a do garimpeiro era evidentemente mais simples do que a daquele que fazia o fornecimento. Entretanto, é importante observar que apesar de o fornecedor acabar se sobressaindo nesta sociedade, ele também contava com a sorte, acontecendo de haver o investimento, mas não ser extraída a pedra. Segundo um morador da cidade que conviveu com garimpeiros durante sua infância, houve caso de um fornecedor que ficou devendo no açougue o correspondente a vinte e duas vacas, algo que também foi relatado à Sousa (2012).

Mesmo nestas condições, sujeito a uma vida de incertezas, a depender da sorte, o garimpeiro era atraído também pela sensação, mesmo que ilusória, de liberdade, pois o fornecedor acabava se comportando mais como um sócio do que como um patrão propriamente dito e muitos deles nem ficavam no garimpo, iam para levar notícia dos familiares de algum garimpeiro ou quando alguma pedra era encontrada.

Atualmente, com o discurso que circula sobre a preservação ambiental, a identidade do garimpeiro passou por mais uma modificação, o de poluidor e destruidor do meio ambiente, “[...] agentes de poluição mercurial, destruidores de sociedades indígenas e várias outras formas de enfrentamento” (SILVA, 2006, p. 33).

Além destas modificações que ocorreram em torno desta profissão de uma forma geral, não podemos deixar de falar sobre as mudanças locais e, por isto, mais restritas. Neste caso, temos a atividade garimpeira no município de Três Ranchos-Goiás, que por questões políticas, históricas e socioculturais, passou por deslocamentos específicos devido ao represamento do Rio Paranaíba para a construção da UHE, que culminou no alagamento dos garimpos, impossibilitando a atividade, resultando em um “[...] deslocamento involuntário dos garimpeiros” (SOUSA, 2012, p. 23). Porém, inusitadamente, a maioria, ao invés de fazer o costume de procurar por outros garimpos, permaneceu na cidade assumindo outras profissões, pois:

[...] por conta do alagamento dos sítios onde garimpava, o garimpeiro tornou-se um excluído típico. Em virtude da nova configuração econômica estabelecida, essencialmente voltada para a prestação de serviços relacionados ao turismo, muitos dos antigos garimpeiros de Três Ranchos se dispõem a trabalhar como serventes, cozinheiros, caseiros, jardineiros, vigilantes etc., provocando-lhes um tipo de banimento [...] (SOUSA, 2012, p. 130).

Percebemos que estes homens que garimparam em Três Ranchos fogem um pouco à regra em um aspecto muito específico, o fato de terem se “apegado” à cidade e ali criado raízes, de modo que o comum de acontecer era que com o alagamento eles seguissem sua sina, à procura de outros locais para garimpar. No entanto, mesmo com um grande pesar, se fixaram ali trabalhando em outras profissões, submergindo junto com os garimpos os seus sonhos diamantinos e “[...] sua esperança, a esperança teimosa e quase infantil, que diante de nada esmorece [...]” (MACHADO FILHO, 1964, p. 29), algo notável em suas falas.

Pudemos entender, assim, que a prática da garimpagem em Três Ranchos faz parte da história deste lugar, por muito tempo sendo uma das formas de subsistência das pessoas que ali habitavam e, talvez, uma das mais importantes. De acordo com a história oral contada por seus moradores, esta prática tem uma importância cultural inquestionável para a formação econômica, social e histórica da cidade.

No que se refere aos sujeitos de nossa pesquisa, foram entrevistadas treze pessoas, sendo dez ex-garimpeiros, uma esposa de garimpeiro, um fornecedor e um morador que

conviveu diretamente com garimpeiros, todos numa faixa de sessenta a oitenta anos de idade, exceto este último, que possui 48 anos.

As entrevistas foram agendadas e marcadas para ser realizadas no lugar de preferência dos entrevistados, geralmente em suas residências, algumas localizadas em Três Ranchos e outras em Catalão, visto que alguns deles se mudaram dali após o represamento.

Houve certo estranhamento pelo interesse de uma estudante pelas “palavras de garimpo” e um aparente incômodo com o gravador, muitos se mostrando desconfiados, com medo de ser algo relativo ao IBAMA, o que fez com que um dos senhores por nós procurado se recusasse a dar a entrevista, alegando que a pesquisadora era funcionária deste órgão e estava ali para multá-lo. Ainda assim, as entrevistas se desenrolaram com grande tranquilidade e, por alguns momentos, foram descontraídas, pois era impossível não soltar pelo menos um sorriso quando os entrevistados começavam a contar as histórias de garimpo lembrando as brincadeiras e as peças que eles pregavam uns nos outros, de forma que o aparelho de gravação se tornava, no desenrolar de suas narrativas, um detalhe despercebido, que vez ou outra tinha sua presença notada novamente, mas logo esquecida.

Devido a questões éticas, para evitar qualquer tipo de embaraço àqueles que nos concederam as entrevistas, criamos uma espécie de identificação para cada um, de modo que ficou assim definida:

**E** = correspondente à palavra entrevista, sendo acompanhada pelo numeral cardinal indicando a ordem da entrevista, por exemplo, E1 (primeira entrevista), já que tivemos casos em que fizemos mais de uma entrevista com a mesma pessoa.

**G** = corresponde ao garimpeiro, acompanhada também por numeral cardinal para indicar a ordem do sujeito entrevistado, como: G1 (primeiro garimpeiro que foi entrevistado).

**EG** = corresponde à esposa de garimpeiro.

**F** = corresponde ao fornecedor.

**M** = corresponde ao morador, para o caso daqueles que conviveram diretamente com garimpeiros, enriquecendo assim, o *corpus* da pesquisa.

Para título de exemplificação, teríamos **G1E1** correspondente ao primeiro garimpeiro entrevistado, primeira entrevista.

**G1E1 – primeiro garimpeiro, primeira entrevista, em vinte de julho de 2012, na varanda da casa de sua irmã, na cidade de Catalão-Goiás**

Nascido em Três Ranchos, setenta anos, separado, três filhos e, até a data da entrevista, residente na cidade de Catalão há trinta e cinco anos. Começou a garimpar com quinze anos de idade. Aprendeu o ofício com Roldão Pereira, tendo crescido junto com Eurípedes Pereira. Conta que como ficava muito tempo fora garimpando, sua esposa arrumou outro marido, quando ele descobriu, pegou suas coisas, calado, e foi embora, mas afirma que sempre manteve contato com os filhos, algo que diz admirar em sua ex-esposa, que nunca os tirou de seu convívio. Disse que depois disto, nunca mais se casou, que prefere viver sozinho, porque casamento é uma prisão.

Afirma que se mudou para Catalão por conta do represamento do rio e que já não fazia mais sentido para ele continuar em Três Ranchos e que na outra cidade seus filhos poderiam estudar. Além disto, revela outros motivos por não querer voltar mais lá, a morte de sua mãe e a tristeza de olhar para o lago e saber que está cheio de diamantes a quase duzentos metros de profundidade, algo que lhe causa um grande descontentamento.

Trabalhou pouco tempo para a prefeitura de Catalão, aproximadamente uns seis anos, tendo vivido toda a sua vida como garimpeiro e trabalhado em muitos rios além do Paranaíba, como São Marcos, Rio das Velhas, Baité, Araguaia, Dourado.

Diz ter pegado muitos diamantes e que no Paranaíba dava muitos de cor rosa. Conta que uma vez pegou um de cor preta, raríssimo, deu para seu filho e ele o perdeu ao deixá-lo cair no chão, pois segundo o entrevistado, se deixar cair o diamante, é muito difícil achá-lo.

Durante a entrevista, ele fala com muito pesar do assassinato de Eurípedes e do represamento do rio (Anexo C), afirmando que ficaram muitos diamantes submersos (Anexo D) e que se fosse hoje, com toda a tecnologia disponível, Três Ranchos seria um município riquíssimo, que a construção do lago prejudicou a cidade e que a prefeitura desviou o dinheiro da indenização paga pela CEMIG.

Ao ser questionado sobre o lucro das pedras que era gasto rapidamente, responde que não se arrepende, porque tem dinheiro que não é para ser seu, que se você não gastar, uma hora vai aparecer alguma coisa, uma doença, qualquer coisa que vai levá-lo embora de todo jeito. Por isto não se arrepende e diz que foi o dinheiro melhor empregado de toda a sua vida. Narra que aproveitou muito e, agora, já velho, quer aproveitar a companhia dos filhos e dos netos, que moram todos perto de sua casa (comprada com dinheiro de garimpo). No final, foram-lhe emprestadas algumas fotos do acervo pessoal do entrevistado em locais de garimpo e fomos presenteadas com um punhado das *formas de diamante*.

**G2E1 – segundo garimpeiro, primeira entrevista, em quinze de novembro de 2012, na sala da casa de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Possui oitenta anos, tendo nascido em Baliza, município localizado no estado de Goiás, na divisa com Mato Grosso, onde aprendeu a garimpar, no rio Araguaia. Devido aos seus problemas auditivos, sua esposa nos auxiliou durante a entrevista.

Começou a garimpar com quinze anos e por conta da periculosidade que o garimpo de escafandro apresentava e por ser um rio de águas perigosas, seu pai quando descobriu não queria que ele continuasse, pois era muito novo. O entrevistado, além de explicar que se tratava de uma atividade manual, ressalta que este era um tipo de garimpo considerado perigoso, também pelo fato de que a vida de quem estava mergulhando ficava nas mãos de quem estava em cima da balsa, de modo que era preciso ter muita confiança um no outro, mas que não tinha muita escolha, já que em sua cidade o ofício era este.

Sabendo da notícia do garimpo de diamante em Três Ranchos, veio para cidade com vinte e oito anos de idade, em meados dos anos de 1960, tendo trabalhado nas máquinas do Eurípedes e com o entrevistado G1E1.

Fala com certo desgosto do fato de não poder ter sido aposentado como garimpeiro, por não ser uma prática reconhecida como profissão naquela época.

Garimpo em Três Ranchos até 1981, ano em que as águas terminaram de cobrir os garimpos, por isto foi para Anápolis-Goiás trabalhar na prefeitura, deixando a esposa e duas casas que havia adquirido com dinheiro de garimpo. Uma semana depois voltou e vendeu seus imóveis ou como ele mesmo diz *“vindi não, dêi de graça vindi tudo pu sessenta conto... dêi de graça”* em seguida, sua companheira também se mudou.

Depois de aposentado, voltou para Três Ranchos, onde sua esposa havia herdado uns lotes.

**G3E1 – terceiro garimpeiro, primeira entrevista, em dezesseis de novembro de 2012, na sala da casa de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Funcionário público, casado, setenta e três anos, nascido em Três Ranchos na época em que a cidade ainda pertencia a Catalão. Ressalta que nasceu em região de garimpo, pois sua casa ficava a uma distância de quinhentos metros onde os homens garimpavam.

Conta também que a forma de extração mais utilizada era no leito do rio (escafandro). Diz que garimpo se aprende convivendo com os trabalhadores, que é um serviço braçal como

qualquer outro e não tem muito segredo. Relata que apesar de seu pai não ser garimpeiro, desde os oito anos se habituou àquele ambiente e que todos os seus irmãos foram garimpeiros.

Revela que os garimpos mais antigos que tiveram em Três Ranchos, por volta do ano de 1941, não foram de escafandro, pois nesta época o escafandro não era utilizado ainda e as pedras eram extraídas nas margens do rio. Afirma que em 1942, coincidindo com a chegada da estrada de ferro (Anexo B) na cidade, foram aparecendo mais pessoas que entendiam da atividade, de modo que, para ele, tanto a ferrovia quanto o garimpo contribuíram para o povoamento do município.

Explica que mesmo sendo criança na época, lembra muito bem da descoberta da *Mancha Velha*, hoje inundada, um lugar de garimpo que deu muito diamante.

Esclarece também que o garimpo de diamante “*castiga menos porque ele tem qualquer coisa que orienta ele onde vai dá... o cascalho que denuncia, o cascalho diamantífero tem a formação né que indica que ali é propícia a dá diamante e tal...*”, mas ressalta que mesmo assim eles ainda se enganavam “*era o castigo que tinha*”.

Faz uma observação também ao dizer que se considera garimpeiro pela convivência, pois de serviço público tem quarenta e dois anos. Diz que como os garimpos ficavam perto, cerca de seis quilômetros, tinha como conciliar.

Além de ensinar com muita paciência o sistema da *escala* ainda obscuro ao nosso entendimento, forneceu outros dados ainda desconhecidos, sendo que ao explicar o significado de alguns, riu descontraidamente, usando sempre a expressão “*na nossa language*”, dizendo que era tudo muito interessante.

#### **G4E1 – quarto garimpeiro, primeira entrevista, em vinte e oito de novembro de 2012, na sala de sua casa, na cidade de Catalão-Goiás**

Setenta e quatro anos, casado, aposentado, nascido em Três Ranchos, tendo se mudado para Catalão em 1977 para trabalhar na Barragem de Emborcação, de modo que quando o rio foi represado ele já tinha se mudado. Disse que aprendeu a garimpar por si mesmo, pois desde moleque convivia no meio do garimpo e que esta atividade era um costume na cidade e que se pudesse continuaria a garimpar, mas hoje é complicado por conta do IBAMA.

Sobre a *Mancha Velha* ele usa a expressão “*era dos Perera*”, que com o advento do garimpo ajudou muito a cidade naquela época. No que se refere à barragem, diz que até certo ponto foi ruim para cidade, pois prejudicou muitas famílias.

Garimpoou durante trinta anos e parou depois que se casou, mas ainda guarda as ferramentas, das quais nos foi permitido que tirar fotos para anexar à pesquisa. Quando questionado sobre se gostava de garimpar, diz que em Três Ranchos não tinha mais nada para fazer, que o jeito era garimpar, mas hoje já não tem mais jeito, pois as águas cobriram tudo e que em se tratando de garimpo não tem do que reclamar, porque deu muita sorte.

Mencionou também os garimpeiros G1E1 e G2E1.

Sua postura foi mais tímida no início da entrevista, mas sua contribuição foi bastante objetiva e produtiva.

### **G5E1 – quinto garimpeiro, primeira entrevista, em cinco de dezembro de 2012, na varanda de sua casa, na cidade de Catalão-Goiás**

Nascido em Três Ranchos, setenta e nove anos, viúvo, pai, avô, foi dono de cartório, datilógrafo, tropeiro, fazendeiro, caminhoneiro, mexeu com rodeio, hoje é aposentado pelo Fundo Rural e fabricante de canoa, trabalho artesanal feito por encomenda. Começou narrando, aos risos, uma história de um garimpeiro que foi contar um caso para o outro utilizando a linguagem de garimpo de modo que a terceira pessoa (um investigador) que estava do lado não entenderia nada.

Começou a garimpar com dezessete anos, disse que morava na beira do rio e que naquela época, quem ia pensando em trabalhar, ia para o garimpo, dizendo que “*lá quem num fosse garimpero num era de Três Rancho*”, que o ramo lá era mesmo a atividade garimpeira.

Com sua fala pausada, conta que o primeiro garimpo de que participou foi o de Virada, no fundo da fazenda de seus pais e, posteriormente, começou a mergulhar.

Acredita que a evolução da cidade começou com o garimpo em 1944 com Miguel Pereira a partir da descoberta de uma mancha que deu muito diamante, de modo que a família enriqueceu e a prática foi passada de geração em geração.

Disse que o que mais o deixa indignado é que isto tudo não deu em nada, que ele mesmo já jogou cinquenta quilates de diamante fora e nem sabe o porquê. Há pouco tempo, uns cinco anos, no garimpo de Monchão pegou pedra de quinze quilates, mas que já tem vinte anos que parou de mergulhar.

Relatou também que dispensaram muito cascalho aurífero, pois queriam mesmo eram os diamantes e que, com o represamento, o Paranaíba foi jogado fora.

**G6E1 – sexto garimpeiro, primeira entrevista, em vinte e três de dezembro de 2012, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Nascido em Três Ranchos, setenta anos, aposentado por idade. Conta que os garimpeiros nomearam vários pontos do Paranaíba e explica sorridente cada um deles.

Disse que os homens, no ambiente de garimpo e até mesmo na rua, se tratavam por “sócio” e que nos tempos de garimpo era muito bom, que “*a gente era feliz e não sabia*”, mesmo não restando nada do lucro das pedras que tirou, dizendo que do garimpo ficou só a saudade.

Explica que a duração desta atividade era de apenas seis meses, na época da seca, começando no mês de março e terminando logo que começavam as chuvas, porque o rio poderia ficar muito perigoso. Então, eles recolhiam a *traia* e iam trabalhar em outros ofícios esperando, segundo ele, ansiosamente pelo outro ano quando retomariam as atividades “*doido pra i[r] ‘tra veiz... doido pra i[r] sofrê, er’um sofrimento, mai[s] doido pra sofrê*”.

Fala da chegada de Miguel Pereira, que trouxera o escafandro e que, na época, por não ser utilizada a balsa, porque chamavam de *mergulho de calango*. Menciona também a descoberta da *Mancha Velha* que ficou muito famosa na época por terem sido encontrada ali centenas de diamantes. Relata também que Eurípedes era *fornecedor* e que existem muitas lendas em torno de sua morte, que é um grande mistério.

Diz que quando chegava o período da garimpagem, era uma festa na cidade, que o povo era muito unido, que era quase como uma aldeia de índio, que todo mundo era amigo, a cidade era cheia de gente e que com a chegada da água, o povo foi tudo embora, segundo ele o lago foi péssimo para a cidade, trazendo apenas desavença e destruindo as riquezas que havia nas margens do Paranaíba, como as nascentes, as lavouras e as regiões de garimpo.

**G7E1 – sétimo garimpeiro, primeira entrevista, em oito de fevereiro de 2013, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Nascido em Araguari-MG, aposentado por invalidez (pagava o INSS desde a época do garimpo), setenta e três anos, veio para Três Ranchos com dezesseis anos na companhia do pai, por causa do garimpo.

A entrevista aconteceu na varanda de sua casa na presença de sua neta que intermediou alguns momentos da entrevista devido ao problema de audição de seu avô.

Aprendeu a garimpar na *praia*, nas margens do rio: vendo os homens mergulharem, pediu ao *gerente* que o deixasse também, pois ficou curioso e quis experimentar, desde então, garimpou até o represamento do rio e, depois, foi trabalhar como pedreiro até sua aposentadoria.

Ao explicar sobre a ordem da *escala*, revela que eles não se referiam ao mergulhador pelo seu nome, mas sim de “*hômi*”, quando o homem perde o nome e entrega a sua vida nas mãos daqueles que ficam em cima da balsa.

**G8E1 – oitavo garimpeiro, primeira entrevista, em nove de junho de 2013, na varanda da casa de seu irmão, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Mineiro, sessenta anos, casado, funcionário público, residente em Três Ranchos há cinquenta anos, vindo para a cidade com seus pais e seus nove irmãos. Aprendeu a garimpar com dez anos e explica que os rapazes só desciam com autorização a partir dos 20 anos de idade.

Nos primeiros instantes da entrevista, seu irmão G9E1 chegou, de modo que ambos fizeram intervenções como se um completasse a fala do outro.

Afirma que pegou muitos diamantes, mas que naquela época era tudo muito barato e em abundância, tanto que se pegava das pedras até a noite, na famosa Mancha Velha. Narra que o garimpo durava de junho ao final de setembro. Em meio a sorrisos, diz que aquela época era muito boa e o represamento não foi vantagem para a cidade, pois tampouco os garimpos e as lavouras.

Para ele, o garimpo era um descanso para a cabeça, beira do rio era bom demais e que era um ambiente muito sadio: que tinha um negro que amoitava a carne seca com farinha para comer durante a noite e ri muito quando narra este episódio. Entretanto, parou de garimpar por causa da morte de seu irmão mais novo, devido ao desabamento de uma pedra muito grande no fundo do rio, que veio a cair em cima do rapaz, quebrando-lhe o pescoço.

**G9E1 – nono garimpeiro, primeira entrevista, em nove de junho de 2013, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Cinquenta e oito anos, irmão do G8E1, casado, pai de uma filha, também veio de Minas Gerais para Três Ranchos na companhia de seus pais aos sete anos de idade, parando de garimpar pelo motivo da morte de seu irmão caçula.

Sua entrevista foi na varanda de sua casa na presença de sua filha, seu irmão e, ao final, sua esposa.

Quando questionado sobre as superstições, demonstrou que não acreditava muito nisto, mas que havia aqueles que confiavam em suas crenças.

Disse que não conseguiu se aposentar, pois tem que ter trinta e cinco anos de serviço e como trabalhou a vida toda sem comprovação, precisaria de algum fazendeiro para servir de testemunha da época em que trabalhou na lavoura.

Em meio às intervenções de seu irmão, explica a motivação dos nomes de *trechos de garimpo* e riem muito ao narrar sobre o *Jaú sapecado*, que recebera este nome porque um homem pegou um jaú e foi sapecá-lo, porém o animal ainda estava vivo e saiu se debatendo em chamas até cair dentro do rio. Fala também da venda do *rutilo*, uma *forma de diamante* que, segundo ele, servia para fazer ferro.

Sobre o represamento do rio, diz que foi bom e ruim para a cidade, bom porque vieram muitos turistas e muita gente rica para a região, e ruim porque acabou o garimpo e muitas fazendas ficaram encobertas.

### **G10E1 – décimo garimpeiro, primeira entrevista, em dez de junho de 2013, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Sessenta e dois anos, casado, pai, avô e funcionário público, nascido em Três Ranchos.

Dos entrevistados, talvez tenha sido o mais didático, explicando com muita paciência e atenção todos os detalhes do garimpo, em que utilizando canetas chegamos a montar em cima da mesa uma pequena reprodução da balsa que ficava em cima do rio.

Comentou rapidamente sobre as quebradeiras de coco, que tiravam sua renda da castanha do babaçu.

Revelou que seu pai e um tio tinham uma máquina (escafandro e a bomba) e que ali em Três Ranchos, ou as pessoas garimpavam ou trabalhavam na lavoura, “*usav’assim, na seca parti[r] de mês de abril pá frente até novembro cê garimpava, depois de novembr’até abril assim cê mixia cum roça, as única atividade que tinha aqui*”.

Diz que a cidade cresceu demais, que antes era muito pequena. Começara a garimpar com dezessete anos e que, por ser menor de idade, seu pai teve que lavar em cartório uma autorização, por se tratar de uma atividade muito perigosa, em que muita gente morreu ali, mas que mesmo assim seu pai autorizou, porque era o ramo, não tinha outra coisa.

Explica que das formas de extração, a mais utilizada naquela época era o garimpo no leito do rio (escafandro), pois a possibilidade de *bamburrar* era maior, principalmente em lugares *virgens*, nunca explorados.

No que se refere à construção da represa, diz que sente muita saudade, que o rio era muito bonito com suas cachoeiras, mas que hoje as condições de vida são melhores e com o lago apareceram outras oportunidades de emprego.

Ressalta também que ficou uma parte do Paranaíba, mais para cima, que não foi atingida pela barragem e que muitos garimpeiros partiram para lá.

Disse que na época em que parou o garimpo em Três Ranchos, ele não parou de imediato, que veio um pessoal buscá-los para a extração no Rio das Velhas, mas depois voltou e trabalhou numa mineradora durante uns onze anos. Posteriormente, comprou um caminhão, porque tinha muito serviço por conta do redirecionamento da cidade para a atividade turística e, por fim, foi trabalhar na prefeitura.

### **F1E1 – primeiro fornecedor, primeira entrevista, dezesseis de novembro de 2012, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Nascido em Araguari-MG, setenta e seis anos, aposentado, namorado da entrevistada (EG1E1), trabalhava na estrada de ferro, era *foguista*. Passando por Três Ranchos, gostou da cidade e pediu para ficar, seu pedido foi concedido e ali permaneceu daquele ano de 1962 até sua morte, ocorrida neste ano de 2013. Alguns meses após a entrevista, por conta de um câncer de próstata que não foi tratado porque este senhor tinha pavor a médico, a doença foi-lhe fatal.

Considerado pelos moradores de Três Ranchos um dos guardiões de sua história, por possuir muitas fotografias e objetos, disse que naquela época de garimpo a cidade era muito movimentada e que não era parada como hoje, pois só de garimpeiro eram três mil pessoas.

Comenta que gostava de ficar naquele ambiente e que quando algum garimpeiro *bamburrava*, faziam a maior festa, soltavam foguetes, batiam com as ferramentas, todos se

reuniram e logo chegavam os *capangueiros*. Ressalta que não garimpou, mas que se arriscara como fornecedor, assim pudemos notar que por ele não ter exercido de fato a atividade, desconhecia alguns itens lexicais utilizados no garimpo. No entanto, isto não invalida suas memórias; pelo contrário, além de enriquecedoras, comprovam a nossa hipótese de que se trata de um vocabulário específico, de conhecimento apenas de quem era garimpeiro.

### **EG1E1 – primeira esposa de garimpeiro, primeira entrevista, vinte e seis de novembro de 2012, na varanda de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Nascida em Três Ranchos, setenta e quatro anos, viúva, mãe de três filhos, avó, irmã de G1E1, namorada de F1E1, foi quebradeira de coco, vendedora de rutilo. Falou do seu problema de coração e das idas ao médico.

Conta que os primeiros a garimparem em Três Ranchos foram os próprios moradores dali e, posteriormente, as pessoas de fora.

Revela que morria muita gente e, para pegar diamante, tinha que ser escondido para não correr o risco de morrer por conta das pedras, que inclusive acredita que a causa do assassinato de Eurípedes Pereira, no qual misturaram política como desculpa, mas que o motivo foi esse. Diz que ele era *fornecedor* e um homem muito bom, mas seu avô Miguel Pereira era muito ruim, porque mandou matar muita gente.

Ela conta que a parte do *fornecedor* era sempre maior do que a dos garimpeiros por causa das despesas com o fornecimento tanto para os trabalhadores quanto para sua família, que ficava na cidade.

Explica que a cidade tem este nome porque ali existiam três ranchos de folha, de modo que o primeiro a ser construído funcionava como casa de prostituição.

Falou sobre a igreja hoje em destroços e que seu tio foi assassinado ali por perto. Contou também dos boiadeiros que atravessavam para Minas Gerais pelo Porto Velho, provavelmente o porto *Mão-de-pau*, da chegada dos garimpeiros e, conseqüentemente, a construção de mais ranchos, alguns botecos, de modo que a cidade começou a se formar.

Depois que seu pai morreu, sua mãe repartiu a herança entre os filhos e, com sua parte, comprou a casa onde outrora funcionava o “*cabaré*”, neste momento, a entrevistada solta alguns risinhos.

Comenta que muitas casas que há em Três Ranchos ainda hoje foram compradas com dinheiro de diamante. Seu falecido esposo foi garimpeiro, mas durante um tempo teve que

parar de mergulhar porque descobriu que era epilético. No entanto, não deixou de frequentar o garimpo, em que exercia outras funções. Ficava a semana toda no rio e na sexta-feira vinha para a cidade.

Um dia, contrariado, seu esposo teve que retornar ao rio antes do tempo para ajudar a retirar uma rede de pesca, teve um ataque epilético em cima da canoa; caindo no rio, os companheiros tentaram, em vão, reavivá-lo e, com três dias de resguardo de seu terceiro filho, ficou viúva, tendo que criar sozinha os filhos.

### **M1E1 – primeiro morador, primeira entrevista, dez de junho de 2013, na cozinha de sua casa, na cidade de Três Ranchos-Goiás**

Nascido em Três Ranchos, quarenta e oito anos, comerciante (dono de uma venda no centro da cidade), casado, pai e foi quebrador de coco.

Diz que naquela época (1944 a 1981), o garimpo era um dos três meios de sobrevivência na cidade, juntamente com a quebra do coco e a lavoura.

No que se refere ao represamento, se mostra totalmente a favor, afirmando que foi muito bom para a cidade, porque garimpo é uma grande ilusão. Para justificar, cita o exemplo de um garimpeiro (G2E1), com quem conviveu muito e que teria ficado rico. Ele havia pegado uma pedra rosa, relativamente grande: após dividir o lucro, comprou um guarda-roupa grande, duas camas de campanha, um capado gordo e grande, fez uma compra para a casa e com o restante do dinheiro, passou sessenta dias na rua fazendo festa e bebendo pinga, vencidos os sessenta dias, ele vendeu a porcentagem de novo e retornou ao garimpo “e falamos que ele ficou rico nessa época, mas veja bem, durou dois meses só a mordomia dele... gastou tudo”.

Para o entrevistado, o garimpo era simplesmente uma ilusão, quase ninguém tinha dinheiro e naquela época era tudo difícil, então aquele pouco dinheiro advindo do garimpo representava muito para aqueles homens que não tinham nada.

Durante a entrevista, o seu cunhado, que foi garimpeiro, apareceu por lá e no decorrer de seus relatos, aproveitava enquanto ele estava distraído, sem saber do que se tratava a entrevista, para lhe fazer perguntas sobre o garimpo com o intuito de confirmar a sua fala.

Afirmou, também, que por conviver até hoje com estes homens, percebeu que muitas palavras utilizadas no garimpo foram transmitidas para a cidade, sendo utilizadas com outros sentidos, tanto pelos garimpeiros quanto pelas outras pessoas.

Seu pai e um tio foram garimpeiros *pé de pedra*, estes não chegavam a mergulhar, ficavam restritos às margens do rio, o que corresponderia ao garimpo no seco, também chamado de praia. Disse que não se interessou pela atividade, que sempre teve dom para o capitalismo. Considera esta atividade um serviço mais perigoso do que penoso e que a maioria dos garimpeiros era preguiçosa e vivia mergulhada em suas superstições, como a que diz que sonhar com padre não era bom presságio.

Narra a história de um amigo que morreu no garimpo com dezenove anos e, ao mostrar uma foto antiga do rapaz, descobrimos que se tratava justamente do irmão dos entrevistados G8E1 e G9E1 que morreram num acidente de garimpo.

Outra observação que ele faz é o fato de que de todos estes trabalhadores que conheceu, apenas um adquiriu bens com dinheiro de garimpo ao comprar um alqueire de terras, que só não vendeu porque a esposa não deixou.

Nesta entrevista, percebemos uma visão diferente sobre o garimpo, visto aqui como ilusão e não sorte, além do aparecimento de outros dados para a pesquisa, como o vocabulário dos garimpeiros sendo utilizado por eles e não-garimpeiros, para nomear outros referentes.

O que fica deste sujeito singular é o riso fácil, solto e espontâneo durante as entrevistas ao relembrar os tempos de garimpo, da turma toda reunida, do dinheiro que ia todo embora em um final de semana, da honestidade e companheirismo, para eles, raros nos dias de hoje. Fica também o seu olhar triste, distante, que parece querer alcançar os tempos que não voltam mais e resgatar do fundo do lago os diamantes ali submersos.

### **1.3 De todas as formas de língua, a falada**

O *corpus* desta pesquisa se constitui da transcrição das entrevistas com homens que trabalharam no garimpo de diamantes em Três Ranchos, como também com pessoas que com eles conviveram e trazem consigo suas memórias desta prática. Vale ressaltar que as transcrições obedeceram a chave que será apresentada adiante.

A escolha pela investigação de campo *in loco* e frente a frente com os sujeitos da pesquisa não trata aqui de uma preferência ou uma escolha aleatória, mas do procedimento metodológico que melhor atenderia aos propósitos deste estudo. Primeiramente, pelo fato de que não foram encontrados trabalhos que tivessem como foco o vocabulário de garimpo, em que encontramos investigações na área da Geografia, História, Geologia, Química e

Filologia<sup>29</sup> e, principalmente, porque estes homens, muitos ainda vivos, são os únicos que podem falar com propriedade daqueles tempos, pois fizeram e fazem parte da história da cidade ativamente, assumindo o seu ofício de garimpeiro e, hoje, o seu lugar de ex-garimpeiro e guardador destas memórias excluídas pela história oficial.

Com a ajuda de moradores da cidade e dos próprios entrevistados fizemos o levantamento da fonte oral que, a cada novo encontro, aumentava. Também elaboramos um roteiro de perguntas direcionadas, pois nossa pesquisa não consiste em trabalhar com uma narrativa livre, mas com as memórias voltadas especificamente para o ambiente de garimpo, o que não impediu que falassem de suas vivências e que o roteiro nos servisse como um recurso para nos auxiliar nos momentos em que o assunto se desviava muito do que esperávamos ouvir.

Posteriormente, autorizados pelo Conselho de Ética (Apêndice F), realizamos as primeiras visitas, na companhia de Simone Aparecida Arruda (2011), já conhecida pela maioria deles e cuja presença contribuiu bastante para que fosse adquirida a confiança necessária para o consentimento da entrevista. No entanto, em algumas visitas, precisamos arriscar e fazer sozinhas o primeiro contato e, para surpresa, fomos bem recebidas, mesmo que, no início, alguns se demonstrassem um pouco apreensivos. Nas últimas, foi acompanhada por uma jovem moradora, neta de um dos entrevistados (G7E1), que também conhece muitos sujeitos do estudo e se ofereceu para ajudar em nossa pesquisa de campo.

Após este primeiro contato, agendamos as entrevistas, em que foi explicado minuciosamente que seria utilizado um gravador<sup>30</sup> e que um documento (*Termo de consentimento livre e esclarecido*<sup>31</sup>) autorizando a gravação deveria ser preenchido e assinado, pois do contrário, não poderíamos utilizar os dados para a pesquisa. De acordo, alguns se prontificaram a nos falar no mesmo dia e, estando com o aparelho em mãos, realizamos a entrevista.

Quanto às questões concernentes à transcrição das gravações, apesar de os trabalhos advindos do projeto NURC trazerem uma chave de transcrição, percebemos que eles não atenderiam às necessidades de nossa pesquisa, por serem mais direcionados à modalidade culta da língua, de forma que neste trabalho tivemos contato com as formas populares, consideradas por alguns gramáticos, grosseiramente, como informais.

---

<sup>29</sup> Apesar de se tratar de uma área mais próxima da Lexicologia, em seu estudo, Machado Filho (1964) faz um levantamento do vocabulário de cantigas africanas cantadas pelos afrodescendentes enquanto garimpavam na região de São João da Chapada, povoação satélite de Diamantina.

<sup>30</sup> Panasonic: RR-US511 (USB).

<sup>31</sup> Apêndice G.

Assim, utilizamos a transcrição gráfica tentando ser o mais fiel possível ao que ouvimos, “[...] valendo-nos dos recursos de marcação prosódica como sinais de pontuação, uso das maiúsculas que caracterizam um texto escrito [...]” (PAULA, 2007, p. 40). Porém, sabemos que se tratam de formas distintas de manifestação da língua (oral e escrito), de modo que temos aqui uma tentativa de aproximação entre elas, para que assim, o texto oral, agora escrito, se faça entendido por aqueles que realizarem sua leitura.

Desta forma, adotamos a metodologia<sup>32</sup> utilizada por Paula (2007) na transcrição das narrativas dos sujeitos de sua pesquisa e, além disto, acrescentamos mais alguns símbolos que se fizeram necessários devido à singularidade que cada *corpus* pode apresentar. Vale ressaltar, que para nos auxiliar utilizamos o programa FF TRANSCRIBER 1.0<sup>33</sup>, que traz alguns recursos que permite diminuir ou aumentar a velocidade da fala, fazer alterações no volume e pausar no ponto exato em que se deseja retornar.

Assim, seguem os procedimentos por nós utilizados no momento das transcrições, de modo que gostaríamos de enfatizar que os seis primeiros símbolos da chave de transcrição foram incorporados do trabalho de Paula (2007), exceto os exemplos, que foram retirados do *corpus* desta pesquisa, e os três últimos foram por nós acrescentados.

**1** – (*comentário*): indica os comentários que não fazem parte da fala dos narradores, mas que foram inseridos para facilitar o entendimento. Exemplo: “e ocê passava a manguera assim (*gestos*)” (G1E1).

**2** – [palavra ou palavras completas]: inserida para indicar a supressão de palavra que, no contexto da conversa, fica subentendida ou pode ser recuperada. Exemplo: “aí eu vim pra cá [Catalão-Goiás]”.

**3** – [parte de palavra]: inserida para indicar partes da palavra (fonemas) que foram suprimidas na fala, de modo que sua ausência dificultaria a compreensão. Exemplo: “quan[do] discutriu, num quiria qu’eu merguiasse, qu’eu era novo...” (G2E1).

**4** – para as palavras em que houve a supressão de fonemas, mas que não causariam nenhuma dificuldade ao entendimento, utilizamos o apóstrofo. Exemplo: “agora hoje tá tão fáci’ que hoje tem uma draga que puxa” (G1E1).

---

<sup>32</sup> Disponível em sua tese de doutorado (PAULA, 2007, p. 40-44).

<sup>33</sup> O FF TRANSCRIBER 1.0 é um projeto do prof. Aldebaro Barreto da Rocha Klautau Junior, da UFPA ([http://www.sig.fapespa.pa.gov.br/index.php?id=3&acao=5&edital\\_id=315&projeto\\_id=12012](http://www.sig.fapespa.pa.gov.br/index.php?id=3&acao=5&edital_id=315&projeto_id=12012)). O referido professor tem um laboratório (Fala Brasil) que desenvolve programas com reconhecimento de voz e o *download* é feito através do *site* do grupo (<http://www.laps.ufpa.br/falabrasil/>). O *site* em que o programa se encontra disponível para *download* gratuito é: <http://www.laps.ufpa.br/falabrasil/fftranscriber.php>

- 5** – (...): este símbolo serve para indicar que parte da narrativa foi suprimida intencionalmente para evitar a menção de nomes ou informações que poderiam causar algum constrangimento. Além disto, o mesmo símbolo é usado para supressão de trechos que não são interessantes para a pesquisa. Exemplo: “(...) trabaiô cumigo durante o tempo qu’eu tive aqui” (G2E1).
- 6** – ...: indica pausa da fala, comum ao fluxo narrativo. Exemplo: “É... o minino disse que vai lapidá pra mim, maisi” (G1E1).
- 7** – [...]: trecho inaudível devido a sons externos que suprimiram a voz do entrevistado ou o caso de trechos incompreensíveis.
- 8** – {...}: pequenas intervenções da pesquisadora.
- 9** – *‘itálico’*: para trechos de diálogos reproduzidos no momento da entrevista, mas que fazem parte da memória do entrevistado, geralmente em discurso direto. Exemplo: “É um diamantão assim (*gestos*). Aí eu... o (...) tava pert’assim. *Eu falei: (...) eu peguei ûa pedra. Ele falô: Ah! Nóis que mandô muito cascái num pegô pedra, ocê que manda um... um mixaria dessa vai pegá pedra.*” (G2E1).

Realizadas a transcrição e a revisão, fizemos o inventário dos itens lexicais que nomeiam o universo extralinguístico do garimpo, como as ferramentas, tipos de pedras, funções e demais aspectos referentes a esta prática. Feito isto, realizamos o cotejo dos itens selecionados com dicionários gerais de língua portuguesa e de mineralogia, bem como glossários ou vocabulários sobre mineração disponibilizada ao final de alguns trabalhos, já mencionados no corpo do texto, como Marconi (1978), Machado Filho (1964) e Gonçalves (2012). Posteriormente, inventariamos os itens selecionados para que, depois, seleccionássemos os itens lexicais de uso específico dos garimpeiros e fizéssemos as análises, fundamentadas no aparato teórico utilizado nesta pesquisa.

## II – MÉDIA, A SEGUNDA PENEIRA: PENEIRANDO OS CASCALHOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos os diamantes teóricos nos quais nos fundamentamos com o intuito de responder às questões de pesquisa. Estas leituras nos auxiliaram tanto nos momentos de investigação de campo, ao entrarmos em contato com os senhores ex-garimpeiros, como também sustentam, aqui, nossas discussões.

No que diz respeito ao conceito de cultura, a entendemos como as práticas, costumes, tradições, superstições vividas e compartilhadas por um determinado grupo. Entretanto, para chegarmos a esta definição, nos fundamentamos nos teóricos que aqui discutiremos.

Segundo John Lyons (1987), este conceito não é o único sentido ou a única definição para o que viria a ser Cultura, razão porque o autor apresenta dois dos quais ele julga importante discutir.

O primeiro corresponderia ao sentido clássico, isto é, cultura como “[...] sinônimo de *civilização* [...] Baseia-se, em última instância, na concepção clássica do que constitui excelência em arte, literatura, maneiras e instituições sociais [...]” (LYONS, 1987, p. 273-274). Teríamos, neste caso, uma visão mais restrita de cultura, o que englobaria apenas os movimentos considerados socialmente como clássicos. Assim, tudo que estivesse fora deste contexto seria desconsiderado enquanto movimento cultural. Isto excluiria especificamente a cultura chamada de popular, em que temos, por exemplo, no município de Catalão, a reza do terço<sup>34</sup> em comunidades rurais, as cantigas das Congadas<sup>35</sup>, os senhores e senhoras que vivem na zona rural e que trazem preservado em sua fala o vernáculo catalano<sup>36</sup> e, no caso da presente pesquisa, o garimpo em Três Ranchos.

A segunda concepção, cujo sentido é o que o estudioso adota para trabalhar, a cultura é vista como um conhecimento que o indivíduo adquire no meio social. Desta forma, devemos considerar que cada grupo possui aspectos culturais que lhes são restritos, o que vai ao encontro da discussão que Clifford Geertz (1997) faz em *O saber local*, para quem a cultura deve ser discutida em sua localidade, como “[...] sistema geral de formas simbólicas [...]” (GEERTZ, 1997, p. 165), compartilhada por uma comunidade específica.

---

<sup>34</sup> Pesquisa realizada por Aline do Nascimento Duarte (2008) em sua dissertação de mestrado, intitulada *A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais*.

<sup>35</sup> Pesquisa realizada por Luana Duarte Silva (2010), cujo título é *De vozes e tambores: uma proposta de Glossário das Congadas de Catalão-Goiás*.

<sup>36</sup> Tese de doutoramento de título *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*, realizada por Maria Helena de Paula (2007).

Deparamo-nos, então, com duas definições ou “tipos” de cultura: a erudita e a popular. Neste aspecto, concordamos com Paula (2007), para quem esta diferenciação é polarizante e trata-se não de formas opostas em que uma exclui ou submete a outra, mas “[...] maneiras específicas de ver, sentir e expressar a realidade conforme se situam seus atores na produção e circulação do poder” (PAULA, 2007, p. 75).

A partir disto, podemos compreender, enfim, que não existe uma Cultura que é absoluta e homogênea, mas várias culturas que se perpassam e se atravessam em sua constituição, em que uma não anula a outra, mas por vezes enriquece e complementa ou faz surgir em meio à sociedade, principalmente a nossa, brasileira, o que chamamos de diversidade ou mosaico cultural, pois de fato, seria incoerente eleger apenas uma Cultura como a absoluta num país como o Brasil.

A multiplicidade cultural que nos caracteriza se deve grandemente ao movimento migratório em nossa constituição histórica, o que já descarta a possibilidade de nos depararmos com uma cultura homogênea, seja pelos seus aspectos sociais, linguísticos ou religiosos, isto porque, “ocorre [...] que não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos” (BOSI, 2000, p. 07).

No entanto, inevitavelmente, devido às questões ideológicas, sociais e, acima de tudo, às relações de poder, a cultura erudita é colocada em uma situação de prestígio, enquanto a popular é vista, explica Paula (2007), como subversiva.

Contudo, no que se refere à cultura erudita e à popular, quando colocamo-las nestes rótulos, conseqüentemente, uma delas ficará à margem, em detrimento da outra, devido a outro aspecto também característico de toda sociedade: as relações de poder, sendo estas perpassadas pelas ideologias, de modo que a dominante, pelo menos por certo tempo predominará e dirá, neste caso, que aquilo não se encaixa na concepção erudita de cultura, está fora da ordem, é subversivo, popular.

Justamente por assumirem uma identidade vista como subversiva ao compartilharem de movimentos culturais considerados populares, há uma necessidade de resistência por parte dos membros do grupo, pois “Pelo seu distanciamento das relações instituídas do poder dominante, a cultura de expressão popular, não raras vezes, é a expressão da resistência e do enfrentamento a uma lógica cultural estabelecida [...]” (PAULA, 2007, p. 78). Isto acontece através do processo de enraizamento, que está fortemente relacionado ao tempo.

Para Bosi, “um dos princípios diferenciadores [das práticas culturais] de maior relevo se encontra no uso e no sentido do tempo” (2000, p. 08). Isto quer dizer que, se levarmos em

consideração a influência que o tempo exerce sobre as pessoas, entenderíamos parte da multiplicidade cultural e linguística brasileira, como, também, o motivo pelo qual alguns itens lexicais arcaízam-se ou desaparecem, pois, para cada grupo social, o tempo pode ter significados e sentidos diferentes, além de outros fatores de importante influência, como a cultura e a economia.

Se, para a mídia e a indústria em geral, o tempo é acelerado, durando de acordo com o consumo do público almejado, para a cultura popular, o tempo é cíclico e tem como fundamento “o retorno das situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhe valor” (BOSI, 2000, p. 11).

Este retorno implica a retomada de tradições, costumes e experiências concretas que se situam no contexto de interação entre aqueles que pertencem a certa comunidade de fala. Assim, existe o tempo das festas em devoção aos santos padroeiros, o tempo para a plantação, o tempo para os mutirões que farão a colheita, o tempo dos encontros para a preparação de doces ou o tempo para se reunir para fazer a pamonha. Tudo isto envolve principalmente, pessoas que têm o sentimento de pertença em relação a esta comunidade, o que resulta na preservação de uma identidade grupal ou, em outros termos, no enraizamento cultural, como no caso dos garimpeiros, que, além do sentimento de pertença muito presente, também possuem o saber sobre a época certa de garimpar, o período da seca, em que as águas do rio ficam mais calmas.

O tempo acelerado, por outro lado, tem como foco o novo e, com isso, a necessidade da inovação, o que acontece, por exemplo, na publicação de jornais, revistas, na produção de propagandas, nos comércios, onde “a lei do maior número, no prazo mais breve e com o lucro mais alto determina o valor e o sabor do signo-produto” (BOSI, 2000, p. 09). Esse fato pode ser observado também na prática da garimpagem artesanal, por isto o desaparecimento do seu fazer manual, pois com o desenvolvimento e aparecimento das novas tecnologias, a maioria das ferramentas que eram utilizadas pelos garimpeiros, como o escafandro<sup>37</sup>, foi substituída por máquinas e equipamentos mais modernizados, descartando, assim, a necessidade de esperar pela época da seca, pois com ferramentas e um método considerado mais sofisticados, não é mais preciso esperar que o período das cheias passe.

Este processo de desenraizar, para Machado (2002), é resultante da alienação intrínseca ao capitalismo, ou seja, a sociedade, em função deste sistema, passa a ignorar os

---

<sup>37</sup> Vestimenta usada para mergulho.

movimentos culturais ou a transformá-los em acontecimentos turísticos, de modo que obtenha algum lucro, como bem explica Duarte (2008):

[...] Desta forma, sendo o enraizamento uma necessidade intrínseca ao homem, as situações coletivas de manifestações de fé da cultura popular são formas de fazer com que suas práticas sobrevivam em meio a uma sociedade capitalista em que a cultura erudita busca por plena hegemonia, tentando desenraizar aquilo que se refere à cultura popular e/ou subalterna, em um processo de domínio de submissão (DUARTE, 2008, p. 16-17).

No caso do garimpo, isto acontece da seguinte forma: na época da garimpagem artesanal, o garimpeiro trabalhava para garantir o seu sustento e, sendo atividade manual, a quantidade de pedras extraídas era menor. Com o aparecimento das mineradoras cujo propósito é a extração em grande escala, a forma artesanal não lhe é eficaz, necessitando, assim, da utilização de máquinas, poupando mão de obra e retirando um número maior de pedras, pois o que é visado aqui, não é o sustento de uma família, mas o lucro de uma empresa.

Entretanto, em se tratando destas duas formas de cultura, não devemos perder de vista o fato de que nesta “[...] dinâmica da vida social, contudo, elas se interpenetram e se reelaboram e, por isto, é sempre um risco precisar limites entre o que é popular e o que é erudito” (PAULA, 2007, p. 76). Logo, não podemos enxergar a cultura como fechada, acabada e impenetrável, pois se ela está diretamente relacionada ao grupo ou comunidade no decorrer de sua história, os seus agentes sempre criarão e recriarão formas que melhor lhe aprazem, o que fica evidenciado em suas práticas culturais. Deste modo, a cultura, através de um acordo tácito entre os membros do grupo, acompanha as mudanças que, por vezes, são necessárias e, ao mesmo tempo, conserva determinadas práticas, modificando e sendo modificada por aqueles que dela compartilham.

No entanto, devemos ressaltar que o fato de uma pessoa fazer parte de uma determinada cultura, não implica que ela adotará o pensamento do grupo, de modo que este conhecimento não pode ser transmitido por meio de imposição, ou seja, forçadamente. Fazem-se necessários a aceitação, o consentimento e, em muitos casos, o sentimento de pertencimento e identificação com aquele grupo, muito comum ao convívio no garimpo, em que este sentimento de pertença é sempre presente, em que “[...] os garimpeiros enquanto estão no fundo das minas mantêm um laço de reciprocidade muito grande, as tarefas são sempre feitas em parcerias. A noção de pertencimento está sempre presente em suas falas” (SILVA, 2006, p. 30).

Outras vertentes teóricas tocam na relação entre o homem e a natureza, sendo a Cultura o resultado desta relação. Assim, no que se refere às discussões em torno de uma possível influência do ambiente na Cultura, abordamos a perspectiva de Edward Sapir (1969) para quem:

[...] uma influência ambiental, mesmo do caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais. É o caso, portanto, de tachar como errônea qualquer tentativa para considerar um elemento de cultura, mesmo da natureza mais simples, como unicamente devido à influência do ambiente (SAPIR, 1969, p. 44)

Portanto, devemos levar em consideração os fatores sociais, pois a influência ambiental só se torna efetiva se for aceita e reconhecida socialmente, ou seja, pela comunidade de forma geral. A cultura constitui-se por um conjunto de fatores e não apenas por questões relativas ao ambiente, ou seja, o meio físico em que os sujeitos de uma comunidade vivem.

Neste aspecto, podemos dizer que a cultura engloba todas as ações em que um grupo está envolvido, de forma que todos os seus componentes estejam de acordo e preocupados em transmiti-la para as próximas gerações, como uma forma de manter as práticas, as técnicas, os símbolos e os valores daquela comunidade. Essa dinâmica acontece na e por meio da linguagem, pois as próprias formas de simbolização do real são produzidas no âmbito cultural, de forma que não existe uma maneira de se separarem a linguagem e a cultura, pois ambas estabelecem uma relação intrínseca, em que uma depende da outra para se fazer e se refazer.

Sobre a vida no garimpo, podemos notar que existe uma organização. De acordo com depoimento dos ex-garimpeiros, os rapazes já começavam a aprender a garimpar na adolescência, por volta dos 15 anos e, conforme o seu desempenho e idade, passavam para as balsas maiores, que ofereciam maior risco; cada garimpeiro tinha seu *paiol de cascalho* para lavar, geralmente aos sábados. Após a venda das pedras, 50% ficavam para o dono do garimpo e a outra metade para o garimpeiro.

Geralmente, formava-se um grupo com dez homens, um deles ficava responsável para cozinhar, ficando com 25% do lucro dos primeiros sacos de cascalho retirados no dia; os demais, que eram mergulhadores, formavam uma roda e montavam uma escala, que funcionava da seguinte forma: existia uma ordem, o que descia primeiro, mergulhava e ficava no fundo o quanto quisesse, chegando a ficar submerso de cinco a seis horas retirando o

cascalho. Quando ele retornava para a superfície, seguindo a ordem da escala, o próximo mergulhador descia.

Além disto, existia todo um sentimento de companheirismo, confiança e solidariedade entre os que garimpavam, aspectos que são lembrados pelos entrevistados com muito saudosismo e pesar, pois segundo eles, hoje, isto já não se encontra mais.

Deste modo, percebemos que existe um fazer que é compartilhado entre os garimpeiros e passado para os próximos que virão e adquiridos na e pela linguagem, mais especificamente, pelo sistema abstrato de signos – língua – que simboliza esta cultura que é local e singular, com símbolos e vocabulário específicos<sup>38</sup>. O nome dos tipos de cascalho, a sinalização ao puxar a corda, a ordem da escala, a organização das funções de cada um só se tornam possíveis através da língua que, além de simbolizar a cultura a qual ela serve e dela também está servida, tem o papel de transmiti-la através das suas formas de representação, como afirma Câmara Jr. (2004).

Todos os atos culturais precisam ser nomeados para se materializarem em linguagem e serem passados adiante para as próximas gerações, da mesma maneira que todo o sistema semiótico não existiria, nesta forma que o conhecemos, se não existisse também a cultura. Assim, se as práticas culturais são produzidas e compartilhadas pelo grupo tacitamente, não existe outra forma de materialização se não for através das formas de linguagem, já que a “[...] linguagem é tanto símbolo como veículo transmissor [...]” (GEERTZ, 1997, p. 170).

No que se refere à conceptualização da linguagem, concordamos com Coelho (2006) e Benveniste (1991), ao afirmarem que esta surge simultaneamente com o homem, de modo que não é possível pensá-la como algo separado ou exterior a ele, pois “[...] ela passa a ser, através da atividade simbolizante, um atributo dos homens, um constitutivo da espécie [...] ela faz parte dos homens e só tem sua existência, potencial e efetiva, neles” (COELHO, 2006, p. 24).

Nesta perspectiva, a linguagem não poderia ser considerada apenas como um instrumento produzido pelos seres humanos, sendo separada de sua natureza. O homem não cria a linguagem, pois como afirma Benveniste (1991), ela já faz parte da natureza humana e através dela os indivíduos se constituem enquanto *sujeitos*. Este estudioso vê na linguagem a possibilidade para a manifestação da subjetividade de cada *sujeito*, devido à existência das formas linguísticas apropriadas para que ele se expresse discursivamente.

No entanto, devemos ressaltar que o fato de a linguagem ser inerente ao homem não quer dizer que ele já nasça com um sistema simbólico pronto para ser utilizado no convívio

---

<sup>38</sup> A possibilidade de estarmos tratando de um vocabulário específico é o que poderá ser comprovado a partir das análises.

social. Segundo Coelho (2006), a linguagem é uma faculdade a ser desenvolvida, elaborada, ou, como prefere Benveniste (1991), atualizada. Isto acontece socialmente, na e pela cultura, ou seja, todo o sistema semiótico existente é produzido culturalmente, de modo que, “se cultura [...] é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações [...] supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente nos planos para o futuro [...]” (BOSI, 1992, p. 16). Desta feita, para que haja a interação por meio do simbólico, é preciso que este seja aceito e compartilhado pelo grupo.

Percebemos, então, que a finalidade da linguagem não é servir de um mero instrumento de interação entre os homens, pois está muito além desta necessidade de comunicação e do ato de se manifestar por meio da criação das formas de representação. A linguagem é um sistema simbólico que exerce o papel de intermediária entre o homem e o real, para que, assim, ele consiga interagir não somente com o outro, mas com o mundo. Cabe ressaltar que tomamos simbolizar, neste caso, não como este outro (real), mas como estar em seu lugar, representando-o e construindo, assim, realidades possíveis.

Neste aspecto, é importante saber de que forma a linguagem se apresenta em nosso meio. Segundo Coelho (2006), enquanto faculdade, ela existe como uma possibilidade, mas a partir do momento em que passamos para o plano da comunicação, há a sua realização, a sua concretização. A esta realização concreta e individual da linguagem, denominamos fala, mas para que isto aconteça, precisamos aprender uma língua.

Em se tratando desta última, Biderman (1978) afirma que a abordagem da língua não pode ser realizada de forma direta por se tratar de um sistema abstrato de signos, uma vez que teríamos acesso a ela por duas maneiras: ou pela fala ou pela escrita. Desta forma, concordamos que a língua é:

[...] um sistema de símbolos convencionais produzidos historicamente pela atividade dos homens em sociedade. As pessoas ao nascerem já encontram, à disposição delas, um sistema linguístico elaborado pela sociedade em que nasceram e de que vão participar [...] (COELHO, 2006, p. 79).

Notamos, assim, que a língua preexiste ao homem, no sentido de que ele nasce e ela já se encontra disponível social e culturalmente para ser aprendida, utilizada, modificada e memorizada e “[...] não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido [...]” (LYONS, 1987, p. 274-275), isto se torna visível

ao considerarmos as diversas línguas que existem e suas distinções, mesmo das que são mais próximas, como a espanhola e a portuguesa, que têm a raiz latina.

Outro aspecto a ser observado é o caso de uma criança, por exemplo, que nascida no Brasil é levada para a Itália ainda recém-nascida, convivendo apenas com pessoas que falam a língua deste país, logo, ela falará italiano, porque o simples fato de ter a nacionalidade brasileira não fará com que ela fale a língua portuguesa naturalmente; antes, é necessário o convívio com o grupo de falantes que compartilham desta mesma língua para que, assim, esta criança insira-se e seja inserida simultaneamente no grupo e também compartilhe deste acordo que é tácito, por isto, a relação intrínseca<sup>39</sup> entre língua e cultura.

Referentemente às formas de apresentação da linguagem, temos, então, a dicotomia formulada por Ferdinand Saussure (1995): *langue/parole* (língua/fala). Ambas estão interligadas e são interdependentes, porém distintas, “A fala é, portanto, uma práxis individual, concreta, e a língua, uma convenção social, abstrata [...] um patrimônio social, preexistente aos indivíduos [...]” (BIDERMAN, 1978, p. 12), de forma que para que haja atos de fala, conseqüentemente, é imprescindível haver uma dada língua, mas para que a língua se materialize, faz-se necessária a sua manifestação por meio da fala.

Entretanto, segundo Duarte (2001), o estudioso Eugenio Coseriu considerou a dicotomia saussureana insuficiente, para nós, inacabada apenas, por se tratar dos estudos iniciais que, como se vê, desencadearam os demais, como o caso da tripartição da linguagem proposta por ele: fala/norma/sistema.

A partir desta tripartite, este autor acrescenta à teoria saussureana o conceito de norma linguística, o que causou um aprofundamento na noção de *langue* e *parole*. Primeiramente, porque o linguista romeno parte do concreto para chegar ao abstrato, ou seja, parte da fala para atingir a língua; já o genebrino não desconsidera a fala, mas tem seus estudos voltados para a língua enquanto um sistema abstrato de signos, cujo funcionamento acontece através de um sistema de valores. Assim, observa-se que no *Curso de Linguística Geral* a intenção primeira é identificar qual o objeto de estudo da Linguística enquanto ciência da linguagem, por isto a sua atenção maior para a *langue*.

Duarte (2001) explica que a primeira insuficiência identificada por E. Coseriu na dicotomia se refere à similaridade com que são tratados os termos individual/concreto e social/formal, porque, ao definirmos a fala como um ato individual, no sentido isolado do termo, estaríamos separando-a do social, o que se torna contraditório, já que a língua está

---

<sup>39</sup> Aprofundaremos esta discussão adiante.

estritamente ligada a ele; temos, aqui, uma situação complexa, pois o limite entre língua e fala é tênue.

No entanto, se a *parole* é assim concebida como a realização concreta da *langue* que seria formal e socialmente construída, devemos considerar que a mesma também é constituída por elementos formais e não seria, tampouco, estritamente individual. Logo, “Para Coseriu, tal conflito será resolvido a partir da distinção assistemático/sistemático, concreto/abstrato e não pela perspectiva individual = concreto, social = formal” (DUARTE, 2001, p. 158).

A questão, então, não está em constatar se a fala é individual ou social, mas como o social (língua) se converte em individual (fala). É neste momento que Coseriu (1979) apresenta o ponto de encontro entre língua e fala: o ato verbal, “[...] E assim é porque, em todo ato verbal, se encontram a realidade abstrata que é a língua e a realidade concreta que é a fala” (BIDERMAN, 1978, p. 15).

Quanto à presença do individual e do coletivo, concomitantemente, no ato de fala, Duarte (2001) apresenta dois sistemas distinguidos por Coseriu como sistema normal e sistema funcional. O primeiro corresponde a um sistema fechado que diz respeito ao modelo a ser seguido pelos membros da sociedade. O segundo, sendo aberto, é relativo às possibilidades que se encontram à disposição do indivíduo.

Voltando a tríplice *sistema/norma/fala*, a fala é vista, aqui, como uma realização individual e concreta da norma. A norma funcionaria como uma intermediária, de modo que através dela é estabelecido o que é permitido dizer e o que não é. Elege-se, então, um modelo que deve ser seguido por uma determinada comunidade de falantes, variando de uma para outra. A norma seria, assim, a realização coletiva do sistema – língua – que sendo abstrato e dotado de estruturas, contém as possibilidades das quais os membros de um grupo, individualmente e coletivamente, se valem no momento do ato verbal.

Neste ínterim, temos os fatos de sistema que estariam no plano do que a língua oferece e permite, mas não necessariamente do que é aceito, ao passo que os fatos de norma correspondem exclusivamente ao que é consentido. Assim, tudo que é colocado no plano das interdições é considerado desvio à norma. No entanto, não devemos confundir esta noção de desvio com o conceito de certo/errado adotado pela gramática normativa, pois para cada comunidade de falantes com sua cultura e sua história, há uma norma sendo compartilhada.

Diante disto, não poderíamos falar em apenas uma norma específica, mas em várias normas, em que “[...] existe uma *norma* geral – a da sociedade global ou da nação – e as *normas* parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”

(BIDERMAN, 1978, p. 18, grifos da autora). Chamamos a atenção, neste ponto, para o grupo de garimpeiros, que se trata de um grupo minoritário, fechado e restrito de falantes, possuindo sua própria norma em nível lexical. Dizemos isto, pois notamos que o que é peculiar aos grupos de garimpeiros, de fato, está voltado para a nomeação do universo extralinguístico a eles circunscrito, de modo que não encontramos estas mesmas peculiaridades nos outros níveis de realização linguística (fonológico, morfológico e sintático), em que concordamos com Biderman (1978) que a norma se encontra presente nestas estruturas internas da língua.

Voltando nossas atenções para a língua entendida como patrimônio de uma comunidade, devemos destacar que, sendo um acordo tácito entre os falantes, portanto, social, não podemos deixar de discutir sobre a relação entre língua e cultura, bem como a relevância dos aspectos culturais na realização de um estudo linguístico, em que “expressando estas inter-relações servindo a elas no cotidiano da comunicação humana e carregando em seu funcionamento muito do modo como a sociedade se faz e se refaz está a língua” (PAULA, 2007, p. 88).

Desta forma, ao levarmos em consideração a língua e sua relação com a cultura, nos reportamos para as colocações feitas por Sapir (1969) sobre a influência ambiental, que está mais relacionada às questões de natureza física e independente da vontade humana.

[...] Não obstante, tratando-se da língua [...] convém compreender no termo *ambiente* tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo [...] (SAPIR, 1969, p. 44, grifo do autor).

Diante das considerações deste estudioso, percebemos que, na maioria dos casos, os fatores físicos dependem dos sociais para se consolidarem, pois mesmo que cada grupo esteja inserido em ambientes diferentes ou deles faça parte, é incorporado à língua somente o que é aceito pela comunidade linguística, como vimos anteriormente ao discutirmos sobre norma.

Como já mencionado, a língua é constituída pelo léxico e pela gramática. Dela, segundo Sapir (1969), o léxico, inventário virtual e aberto das unidades lexicais que nomeiam todo o universo extralinguístico de uma comunidade de falantes, é o que melhor reflete o ambiente físico e social de um povo, de modo que, para o autor, léxico e *ambiente físico* podem sim ter uma correlação, mas o mesmo não acontece com a estrutura gramatical analisada isoladamente. Considera-se, então, que a correlação existente entre língua e

ambiente se faz por meio do léxico, daí o fato de encontrarmos unidades lexicais específicas em cada língua, ou até mesmo, dentro de uma mesma comunidade linguística, como no caso dos garimpeiros.

Desta maneira, podemos dizer com Paula (2007) que é através do léxico de uma língua que a cultura é disseminada, ou seja, é por meio do falar, dos causos, das histórias contadas pelos mais velhos aos mais jovens, que a cultura e tudo que é parte dela são repassados de geração em geração, de modo que o cultural atinge sua materialidade através das manifestações linguísticas, sejam elas orais ou escritas. Isto posto, justifica-se a necessidade de fazer um estudo do léxico levando em consideração seus aspectos culturais, históricos, sociais e, até mesmo, físicos.

Deste modo, acreditamos que é através do léxico que uma determinada cultura é passada adiante para as novas gerações, não sendo possível descartar da língua seus aspectos culturais, principalmente quando se tratam de práticas que estão extinguindo-se no decorrer do tempo.

O garimpo em Três Ranchos, que até a década de 1980 era praticado de forma artesanal ou rudimentar, hoje quase inexistente devido à incorporação das novas tecnologias. Neste caso, podemos dizer que não são os garimpeiros que vêm se extinguindo, mas a prática artesanal, o que conseqüentemente influenciará no vocabulário por eles utilizado, como a nomeação das funções que cada um exercia no leito do rio para a retirada do cascalho.

Assim, fazer um estudo linguístico que considera a cultura é uma tentativa de compreender a história do lugar a partir do vocabulário deste grupo de falantes, perseguindo a hipótese da comunidade de que a identidade cultural de Três Ranchos é grandemente marcada pela história da garimpagem.

De acordo com Abbade (2006), os primeiros estudos que se aproximaram do léxico foram realizados pelos gregos, em sua preocupação filosófica com a relação entre ideia e forma, sendo daí estabelecida a Semântica.

Na Idade Média, as discussões ficaram voltadas para a palavra ora enquanto reflexo das ideias, ora enquanto convenção social para designar arbitrariamente a realidade, não possuindo nenhum tipo de relação com o que foi nomeado. A partir do Renascimento até o século XVIII, o estudo do léxico estava voltado para a produção de dicionários (monolíngues e plurilíngues) e para o estudo filosófico da palavra, perspectiva que, influenciando os gramáticos, desencadeou o surgimento de uma nova área no campo dos estudos linguísticos: a Lexicologia. Segundo Biderman (1981), esta ciência de estudo do léxico,

[...] tem uma longa tradição na Linguística Românica. No final do século XIX e a primeira metade do século XX algumas províncias dessa ciência tiveram muitos cultores que produziram trabalho de grande prestígio, particularmente em três áreas: a) a semântica evolutiva, ou história das palavras; b) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”; c) a geografia linguística (BIDERMAN, 1981, p. 131).

Além disto, a autora ainda ressalta que os estudos voltados para a relação entre léxico e cultura são antigos, pois estas três áreas citadas acima já faziam esta associação. No período das décadas de 50 e 60, nasce a Teoria da Informação que, nas palavras de Biderman (1981), enriqueceu a Lexicologia com os estudos quantitativos e probabilísticos do léxico. Posteriormente, surgem outros campos de estudos para este mesmo objeto, como a Onomasiologia (parte da nomeação para o conceito) e a Semasiologia (parte do conceito para a nomeação).

Sobre a constituição do léxico de uma dada língua, entendemos que sua formação é motivada pelo processo de nomeação e a necessidade de cognição da realidade. É através da tentativa de compreender o universo ao seu redor, que o ser humano nomeia tudo que está à sua volta, apropriando-se do real simbolicamente. Assim, estruturamos e tentamos compartimentar o mundo que nos cerca, sendo importante ressaltar que, a princípio, esta categorização é arbitrária.

Relativamente à estruturação do léxico, apesar da escassez de estudos neste campo, ainda esta autora explica que as unidades léxicas estão estruturadas no eixo paradigmático (possibilidades) e no sintagmático (combinações), retomando a terceira dicotomia saussureana paradigma/sintagma. Desta combinatória, desencadeia-se “[...] a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico [...]” (BIDERMAN, 2001, p. 16). O léxico, desta maneira, não poderia ser entendido apenas como uma nomenclatura, mas como uma parte complexa da língua dotada de estrutura, desde as microestruturas (fonemas e morfemas) às macroestruturas (lexemas e lexias).

Assim, para Paula (2007), o léxico se estrutura na gramática da língua, pois, por se tratar de um inventário aberto e ser patrimônio cultural de um lugar, necessita de regras próprias de criação e, juntos, léxico e gramática estruturam a língua constituindo, por isto, um sistema formal e disponível aos falantes.

No que concerne à conceituação do léxico, concordamos com uma definição que vem ao encontro de nossa proposta de pesquisa, em que:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e às vezes, se contrai [...] (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Esta conceituação é o ponto de partida para o início de nossos estudos, pois, a partir dela, podemos afirmar que o léxico de uma língua está inteiramente entrelaçado com sua cultura, em uma relação direta ou, como prefere Vilela (1994, p. 06): “[...] um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade”, daí a afirmação de que o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem.

Trazendo esta discussão para o ambiente do garimpo, notamos que assim como na pesquisa de Isquerdo (2001) a respeito do vocabulário do seringueiro, o processo de nomeação na prática da garimpagem também possui uma ligação muito estreita com o referente, isto é, com o extralinguístico, o que explicita a necessidade de o ser humano apreender a realidade à sua volta dando nome às coisas, nome que carrega significados e história.

Diante dos novos objetos e práticas a serem nomeadas, o garimpeiro, assim como o seringueiro, na maioria dos casos, recorre a palavras já existentes na língua, ressignificando-as, como no caso do verbo *arrear*, em que ao fazerem uma analogia com o ato de colocar os arreios no cavalo, utilizam este verbo quando vão preparar o *mergulhador* para descer para o fundo do rio, colocando-lhe o escafandro. Temos, então, a utilização de palavras que já existem e fazem parte do uso corrente da língua, mas que são utilizadas através de significados outros, tornando-se específicas neste universo extralinguístico, como os nomes das funções mencionadas anteriormente.

Estas considerações sobre a “reciclagem” de palavras já existentes na língua com o intuito de nomear referentes outros, na maioria das vezes por analogia, estão em concordância com a discussão que Silva (2000) propõe no artigo *O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia*, em que a autora discorre sobre a mobilidade muito característica ao léxico, devido à capacidade que uma unidade lexical tem de se engendrar, inserir-se numa língua, desaparecer, reaparecer, ganhar novos significados, entrar em processo de arcaização e ser substituída por outra através da concorrência lexical. Enfim, o léxico, ao contrário da gramática, é flexível e por meio deste acervo a língua acompanha as mudanças históricas e culturais da sociedade a qual ela serve e pela qual é servida. Mesmo que estas modificações, na língua, não aconteçam

simultaneamente às sociais, pois para que mudanças linguísticas ocorram no nível da coletividade, é preciso que sejam aceitas e compartilhadas pelo grupo repetidamente, até que aquele signo linguístico consiga se inserir na norma, porque como foi discutido, por mais que o sistema ofereça as possibilidades, para que uma palavra faça parte do uso corrente da língua, ela precisa estar de acordo com os padrões da norma imposta e partilhada pelo grupo.

Quando a autora levanta as questões a respeito da produção neológica, ela toca no assunto sobre o que Isquierdo (2001) chama de *ressemantização*, que em determinadas “[...] situações, confere-se uma acepção nova a uma palavra já conhecida, a qual [...] tem o seu campo significativo ampliado de sorte a ser empregada, com produtividade, em outros contextos situacionais” (SILVA, 2000, p. 143-144). Ou seja, na tentativa de se comunicar e dar nome ao que está em sua volta, muitas vezes o indivíduo busca na língua corrente as lexis que melhor lhe servirão, ressignificando-as. Isso apenas comprova a flexibilidade própria do léxico e as riquezas que ele carrega e acumula no decorrer da história: um grande tesouro a ser descoberto e garimpado manualmente por linguistas-garimpeiros, que vivem a mergulhar nas profundezas da língua na esperança de encontrar preciosidades linguísticas, escondidas nas comunidades mais esquecidas e isoladas da sociedade.

Anteriormente, falamos que o processo de nomeação do universo extralinguístico é inicialmente arbitrário. Sabemos que esta discussão sobre a arbitrariedade do signo é antiga, antes mesmo de Saussure (1995), cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, com *Crátilo*, de Platão (2001).

Segundo Izidoro Blinkstein (1981), através do diálogo entre Hermógenes, Crátilo e Sócrates, sendo este último o intermediador da discussão, há uma problematização em torno da natureza das palavras, em que Hermógenes apresenta seus argumentos em defesa da arbitrariedade do signo, acreditando que a justeza dos nomes se trata de convenção, e que o nome nada tem a ver com a coisa. Por outro lado, Crátilo defende a hipótese de que existe motivação, ou seja, uma justeza que é natural das palavras.

No entanto, concordamos com Blinkstein (1981) que esta obra, ao propor uma discussão sobre a arbitrariedade/motivação do signo linguístico, aborda também outros assuntos relativos à língua, que futuramente seriam desenvolvidos, isto é, nela as sementes que dariam base para estudos posteriores são semeadas, como a ideia da língua enquanto recorte da realidade e a função discriminatória da linguagem.

No final da obra, a discussão não chega a uma resolução objetiva, como talvez esperassem os leitores, ou seja, não houve uma decisão entre arbitrariedade ou motivação,

mas constata-se que “[...] Se é verdade que Platão pende um pouco para a teoria da exatidão natural dos nomes, nem por isso ele deixa de reconhecer uma parte de convenção na constituição das palavras” (BLINKSTEIN, 1981, p. 34). Dito de outra forma, admite-se que existem signos que são realmente arbitrários e outros que podem ser motivados ou, pelo menos, semi-motivados.

Desta forma, quando nos dirigimos às comunidades mais restritas de falantes, como no caso dos garimpeiros, esta hipótese da motivação do signo se torna mais comprovável devido à forte ligação dos membros do grupo com o extralinguístico e das associações feitas, no momento da nomeação, com as formas dos objetos ou pela semelhança com algum já existente.

Consonantes com esta discussão estão Isquierdo (2001) e Ferreira (2008). A primeira, como já dito, ao discorrer sobre o vocabulário do seringueiro, considera que em se tratando de um léxico regional, mais precisamente da nomeação de referentes bastante peculiares a uma atividade humana, há a presença de uma relação motivada entre o nome e a coisa.

Ferreira (2008), em seu belíssimo trabalho em aldeias portuguesas à procura dos nomes utilizados pelos mais antigos para se referirem aos animais que conhecemos como *girino*, *vagalume*, *louva a deus*, ao usar a palavra *mesa*<sup>40</sup> como exemplificação, considera que existem muitos casos em que os nomes são dados por uma convenção social. A autora, porém, admite que existem os casos de motivação, em suas palavras:

[...] se repararmos bem, existe uma “motivação” para cada palavra nova que surge. No momento da sua criação, a palavra não é arbitrária [...] o processo de criação consiste, sumariamente, numa reciclagem de palavras que já existem [...] (FERREIRA, 2008, p. 293, grifo da autora).

Esta autora acredita também que as ocorrências de motivação são mais evidentes nas palavras compostas, ao exemplificar utilizando os substantivos *guarda-noturno* e *couve-flor*. Poderíamos, aqui, citar outras palavras, como: *beija-flor*, *guarda-roupa*, *guarda-chuva*, *porta-joias*. De qualquer forma, a afirmação acima retoma o que já discutimos outrora sobre a ressignificação ou *ressemantização*, também apontada por Isquierdo (2001).

Retornando para as grimpas e nos enveredando pelo garimpo, encontramos a presença da motivação em unidades léxicas como: *veia de cascalho*, chamada assim porque seu

---

<sup>40</sup> Quanto à escola desta palavra em sua exemplificação, percebe-se que este item foi selecionado pela autora para melhor ilustrar a questão da arbitrariedade do signo, em que Ferreira (2008) faz uma contraposição entre aqueles itens lexicais que são de fato motivados e aqueles que realmente são convencionais, isto é, não possuem relação com o extralinguístico, como o caso da unidade léxica *mesa*.

formato lembra as veias do corpo humano; *páia de arroz*, que é um tipo de cascalho que tem a forma parecida com a palha de arroz; *Mata Padre*, este é o nome de uma zona de garimpo, em que um padre morreu afogado. Estes são apenas alguns dos vários outros que identificamos no decorrer de nossas análises.

Outra questão que é importante abordar aqui se refere à unidade a que daremos enfoque nesta análise lexicológica. Por se tratar de um recorte e de um vocabulário específico, trabalharemos, neste estudo, com as *lexias* e, agora, explicaremos o porquê de nossa “escolha”.

Recorrendo, mais uma vez, a Biderman (1978), podemos dizer que os termos *lexema* e *lexia* começaram a ser abordados pelos linguistas na tentativa de resolver as problemáticas em torno dos termos *palavra* e *vocábulo*. Assim, o *lexema* é definido como a unidade léxica abstrata da língua, possuindo formas livres (substantivos, adjetivos e verbos) e dependentes (preposições, pronomes, artigos, conjunções).

A *lexia*, por sua vez, corresponderia à realização do *lexema* no discurso, e incorpora à unidade léxica características peculiares, como acontece com um grupo de atividade humana específica, como o garimpo que, como veremos, possui nomes conhecidos na língua corrente, mas utilizados na esfera discursiva da garimpagem com sentidos outros, podendo se tornar, assim, exclusivos.

Desta forma, o *lexema*, ao ser inserido num uso específico, deixa de fazer parte do falar da comunidade de forma genérica, adquirindo traços semânticos pertinentes àquele momento discursivo. Deixemos claro que isto não quer dizer que os *lexemas* não tenham suas particularidades, como no caso do vernáculo, mas quando falamos em *lexias*, nos reportamos para algo que é próprio de um grupo ou que é restrito a determinado acontecimento discursivo, a unidade lexical em uso.

Biderman (1978) fala também sobre os problemas relativos à delimitação do que seria uma *lexia simples* e uma *lexia complexa*. Quando se trata da *lexia simples*, a definição não parece ser muito embaraçosa, em que estão destinadas as unidades que possuem um único segmento, como: *escafandro*, *peneira*, *balsa*, *cascalho*.

A dificuldade maior estaria relacionada às *lexias complexas*, pois, segundo a autora, fica complicado tentar delimitar quando uma unidade será complexa ou se já se trata de uma unidade lexicalizada na língua. Diante disto, são propostos dois testes para detectar este tipo de *lexia*: o primeiro é a substituição (analisa-se a possibilidade de substituir o adjetivo de um vocábulo composto por outro, não sendo possível, significa que a unidade se lexicalizou) e o

segundo é inserção (aqui é analisada a possibilidade de ser inserida no interior de um vocábulo composto outra unidade, se isto não for permitido, trata-se de outra unidade lexicalizada). No entanto, devido à instabilidade da escrita e ao conservadorismo da ortografia, as *lexias complexas* são definidas como as unidades léxicas que, em oposição à simples, possuem duas ou mais unidades num mesmo segmento, como: *páia de arroz*, *veia de cascalho*.

Neste ínterim, quando nos reportamos para o garimpo e todas as questões sociais, culturais e linguísticas concernentes a esta atividade, percebemos que não trabalharíamos com uma definição da unidade lexical baseada no conceito de palavra e que, em termos lexicográficos, não teríamos como resultado um glossário. Estamos lidando, aqui, com *lexias* e por se tratar de unidades léxicas utilizadas por um grupo específico de falantes, disporíamos, então, um vocabulário.

No entanto, além de compreendermos o significado de cada *lexia* através das descrições fornecidas pelos sujeitos entrevistados e da observação de sua relação fortemente marcada com a *coisa* nomeada, pudemos entender a lógica de organização desta atividade, como também a cultura e o modo de vida destes trabalhadores.

Defendemos, ainda, que para além das questões que são exteriores à língua, existe uma forma de organização interna do léxico que se estrutura por meio de relações semânticas de oposição entre as *lexias* pertencentes a um mesmo campo lexical, questão discutida por Biderman (2001) quando a estudiosa discorre sobre a estruturação mental do léxico e explica sobre as relações associativas que o falante faz através das possibilidades disponíveis paradigmática e sintaticamente falando.

No que se refere à realização de um estudo do léxico, melhor dizendo, de parte do léxico de uma língua, utilizando como método de análise e descrição da semântica das unidades léxicas a teoria dos campos lexicais destacam-se os estudos desenvolvidos por Eugenio Coseriu (1977) e Horst Geckeler (1976).

Através deste método de análise, podemos perceber, numa perspectiva estrutural, que o léxico de uma determinada língua funcional não se trata de um todo desordenado à disposição dos falantes que em suas construções o organizaria, pelo contrário, por mais que estejamos diante de um inventário aberto e de extensão imprecisa, é possível, através de um recorte bem delimitado, perceber como ocorre sua estruturação que, em linhas gerais,

acontece através da relação de oposição entre os traços sêmicos de cada lexia<sup>41</sup>. Cabe lembrar que oposição, aqui, não se refere necessariamente a unidades lexicais de significados totalmente contrários, mas daqueles que se aproximam em seus conceitos também.

Esta noção de oposição pode ser entendida através da teoria do valor linguístico proposta por Saussure (1995), em que o estudioso, de forma inicial, ao discutir as relações no eixo paradigmático, deixa em aberto a base para a teoria dos campos lexicais, como explica Abbade (2009) em *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval* ou, como prefere Geckeler (1976): *avant la lettre*, ao se referir à teoria desenvolvida pelo estudioso genebrino.

Nesta perspectiva, ao estruturarmos o vocabulário do garimpo de diamantes através da teoria dos campos lexicais, conseguimos compreender parte da organização da língua enquanto sistema dotado de estruturas, o que implica que, por mais que Saussure (1995) não tenha se servido de tempo suficiente para desenvolver seus estudos, estava no caminho correto, o que torna sua teoria inovadora em se tratando dos estudos linguísticos e, especificamente, da teoria dos campos lexicais, pois:

[...] é com F. de Saussure que se estabelecem alguns dos princípios que iriam servir de base a essa teorização, tais como as noções de <<sistema>> e de <<valor>> e a insistência numa orientação paradigmática” (VILELA, 1979, p. 43).

Além disto, ao analisarmos, a partir deste *corpus*, como o léxico se estrutura através das redes associativas (opositivas ou não), que se formam por meio dos traços semânticos de cada unidade, conseguimos apreender melhor a realidade extralinguística na qual os garimpeiros estavam circunscritos. Quando chegamos aos aspectos extralinguísticos, estamos nos referindo não somente aos objetos e às ferramentas, mas ao modo de vida, à convivência e à organização no ambiente de trabalho que, segundo os entrevistados, era também lugar de divertimento, alegria e companheirismo.

No que se refere à teoria dos campos lexicais, segundo Vilela (1979), antes de chegarmos aos estudos de Coseriu (1977) e Geckeler (1976), vale ressaltar que foi Jost Trier quem teorizou inicialmente sobre os campos lexicais utilizando como base a noção de sistema formulada por Saussure (1995) e a de articulação por Humboldt.

---

<sup>41</sup> Por questões teóricas já esclarecidas anteriormente, trataremos as unidades lexicais que constituem o *corpus* de lexias.

Este estudioso não compartilhava da concepção de léxico enquanto um todo desordenado à disposição dos falantes, reconhecendo, assim, que mesmo se tratando da parte da língua que mais tem relação com o ambiente, como bem defende a hipótese Sapir-Whorf, o léxico é dotado, também, de “[...] estruturas articuladas, de acordo com as regras da própria língua em questão [...]” (VILELA, 1979, p. 45).

Porém, é importante pontuar que este tipo de análise não toma o léxico em sua totalidade, mas em conjuntos parciais que, reunidos, atingiriam sua totalidade. Entretanto, vale lembrar que não podemos desconsiderar a frequente atualização do léxico e as modificações que ocorrem constantemente, como as produções neológicas, novas gírias, empréstimos linguísticos, desaparecimento de referentes, arcaização, processos que, conseqüentemente, alteram a estrutura e a organização de seus campos léxicos, já que estes se estruturam a partir da relação de dependência entre as unidades de um determinado campo, em que “[...] a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos e, assim, por diante [...]” (ABBADÉ, 2009, p. 38).

Segundo Vilela (1979), quando Trier interrompeu sua pesquisa sobre os campos léxicos, foi Leo Weisgerber quem prosseguiu trazendo aos estudos já iniciados algumas renovações importantes “[...] incluindo-a em uma teoria linguística mais ampla e empregando uma terminologia mais adequada, embora ainda não se preocupasse com a criação de um método linguístico [...]” (XAVIER, 2012, p. 482). Tínhamos, então, o início da constituição de uma teoria importantíssima e que trouxe contribuições significativas à Semântica Moderna, como conceitos que vieram a ser desenvolvidos com mais rigor e método por Coseriu (1997) e compartilhada por Geckeler (1976), na tentativa de propor uma Semântica Estrutural.

Quanto à definição de campo lexical, compartilhamos da ideia de que se trata da estrutura paradigmática por excelência, ou nas palavras de Coseriu (1977) “[...] es una estructura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este domínio, la estructura paradigmática por excelencia [...]” (COSERIU, 1977, p. 210), em que cada unidade léxica se encontra em relação de oposição imediata com as demais.

Estas relações opositivas não acontecem aleatoriamente, isto é, não se trata simplesmente de opor palavras que não possuem nenhum tipo de relação sêmica, como *mulher/janela*. Para estruturarmos um campo lexical teríamos como um ponto de partida os tipos formais de oposições, como afirma Abbade (2009), em que temos a oposição privativa que estaria relacionada às unidades que possuem um conteúdo distinto, como em *peneira*

*grossa/peneira fina* e a oposição gradual que diz respeito às que se aproximam em seus significados, como *mudar de trecho/correr o trecho*.

Contudo, vale ressaltar que a estruturação de um campo lexical não se resume unicamente em definir as redes formais de oposição dele constitutivas, pois inevitavelmente a realidade extralinguística também será um fator a ser considerado neste tipo de análise semântica do léxico, principalmente quando se trata de comunidades restritas, como é o caso da garimpagem artesanal. O que queremos dizer é que deve haver uma lógica entre as lexias ao estruturarmos um campo lexical e esta lógica não se dá de maneira totalmente arbitrária e alheia aos aspectos exteriores à língua.

Isto ficará melhor exposto no próximo capítulo, em que analisaremos todos os itens lexicais selecionados que assim como Abbade (2009), organizamos em um *macrocampo* e seus *microcampos*, terminologias utilizadas por Trier e que foram adotadas por Coseriu (1977).

O *macrocampo* seria um campo lexical de ordem superior, mais amplo, que de maneira estruturada abarca outros campos menores, no caso, os *microcampos*. É importante salientar que um campo lexical termina a partir do momento em que há uma oposição de ordem superior, isto é, o caso de uma unidade lexical que não apenas se oporá às demais, mas a um campo em toda a sua totalidade, fazendo-se necessário a estruturação de outro campo que abarcará outras unidades léxicas que estejam logicamente estruturadas através de uma rede semântica. Percebemos, então, que esta relação de oposição não acontece apenas no interior de um campo específico, como também entre campos distintos.

Entendemos, assim, que, ao analisarmos uma lexia, torna-se imprescindível observarmos o seu entorno, o campo em que ela está inserida. Acreditamos que isto acontece quase que espontaneamente, visto que se trata de uma organização interna da língua, dela constitutiva, fazendo parte de sua estruturação sistêmica, como bem explica Abbade:

[...] As palavras só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Dessa forma, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir nenhuma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto [...] (ABBADE, 2009, p. 89).

Partindo desta premissa, podemos dizer que esta é mais uma razão para analisarmos os itens lexicais que constituem o *corpus* desta pesquisa pelo viés da teoria dos campos lexicais e, mais ainda, mesmo se não tivéssemos escolhido abordar esta perspectiva, seria impossível

não tomar o léxico como um todo estruturado. Acreditamos que esta forma de organização é algo praticamente “natural”, no sentido de que diante do que o próprio *corpus* nos oferece e no momento em que tentamos compreender suas particularidades, percebemos que o entendimento somente se tornou possível devido à relação de dependência entre as unidades lexicais e à sua estreita relação com os aspectos extralinguísticos.

Dessa forma, acreditamos que através das teorias aqui apresentadas, conseguimos alcançar nossos objetivos e, que, de fato, não faria sentido falar em estudo de linguagem, especialmente de léxico de um grupo, sem falar também de sua cultura. Nessa perspectiva, pretendemos analisar no próximo capítulo os itens lexicais usados pelos garimpeiros do município de Três Ranchos-Goiás até o início da década de 1981.

### **III – FINA, A TERCEIRA PENEIRA: PENEIRANDO OS DIAMANTES LINGUÍSTICOS**

Aqui, chegamos aos *xibios* lexicais, que mesmo se constituindo em pequenas unidades linguísticas, são a razão de ser desta pesquisa.

Desta forma, este capítulo compõe-se da análise do *corpus*, que foi constituído pelos itens lexicais selecionados a partir do material linguístico (transcrições das entrevistas) por nós coletado, em que pretendemos, além de analisar a relação entre léxico e cultura, discutir sobre a motivação do signo linguístico no processo de nomeação e, posteriormente, utilizar também a teoria dos campos lexicais desenvolvida por Eugenio Coseriu (1977) e Horst Geckeler (1976), para compreendermos o léxico enquanto estrutura.

Pretendemos, assim, fazer emergir de nosso *corpus*, constituído pela memória de velhos e sábios ex-garimpeiros e moradores de Três Ranchos-GO, este vocabulário que é específico e carregado de história e cultura, desde a primeira pedra encontrada no território brasileiro às escondidas.

#### **3.1 Nomes guardados sob as águas da memória**

Antes de apresentarmos os campos lexicais, faremos uma discussão referente à motivação do signo linguístico, questão comentada no capítulo anterior. Neste momento, analisaremos as lexias em que, através das narrativas, pudemos perceber uma relação muito forte com o extralinguístico no processo de nomeação. É importante lembrar que boa parte dos lugares que foram nomeados por estas lexias encontram-se submersos pelas águas represadas do Paranaíba.

No caso desta análise, apresentaremos as cento e dezoito lexias em ordem alfabética no intuito de melhor organizarmos os dados. Deste total, vinte e oito são topônimos, nomes de locais onde havia garimpo. No entanto, ressaltamos que, por não ser o foco de nosso estudo, não adentraremos na discussão em torno da toponímia, apesar de ser um campo deveras atrativo e, inegavelmente, mais uma possibilidade de análise ofertada pelo próprio *corpus*, algo com que nos deparamos no decorrer da pesquisa e que poderá ser realizado em estudos futuros.

Durante as entrevistas, na medida em que deparávamos com um item lexical a nós desconhecido, questionávamos aos nossos informantes quanto ao seu significado.

Percebemos, através de sua explicação, que a maioria das lexias por eles utilizadas para nomear o ambiente de trabalho, desde as ferramentas e objetos às funções e afazeres, tinham uma motivação advinda notavelmente do referente, aspecto que comprova ainda mais a especificidade deste vocabulário.

Começamos pela lexia *Anjinha* que se trata de um topônimo (nome de lugar) que foi motivado por um antropônimo (nome de pessoas). Os garimpeiros contam que este trecho de garimpo recebeu este nome porque “uma velha morava lá perto lá e garimpava, gostava de garimpá {...} é... garimpava, intão ficô o nome dela {...} Anjinha é” (G7E1).

*Areia da Galinha* é um topônimo que também nomeia um trecho de garimpo, no entanto, os nossos informantes não sabem ao certo o porquê de este lugar ter recebido esta nomeação.

*Aroeira* (topônimo) é outro local onde houve a extração de diamantes e recebeu este nome “porque a madeira que tem lá é Aruera” (G7E1).

Encontramos o caso do verbo transitivo *arriar*, que é utilizado no momento em que são colocados os equipamentos de mergulho no garimpeiro que irá descer (Anexo E) até o fundo do rio para garimpar. Este fato é associado ao ato de arriar o cavalo:

É arriá, porque veste aqui tudo, põe baxero, qu'ês fala bachero {...} põe bachero mêmo... né (...) aí vesti tudo assim, 'té imbaxo, 'té aqui (*gestos*) aí pega {...} arriá, aí ês pega aquele trem duro aqui tudo {...} capacete, e inlarguece aqui e sigura assim né, quero vê, aí desce vem aquele trem e vem assim, é 'marrá, igual cavalo {...} arriá é isso {...} é arriá (EG1E1).

Por mais que esta lexia seja usada no léxico geral da língua portuguesa falada no Brasil, percebemos que, aqui, houve uma ressemantização, pois não se trata de colocar os arreios em um animal, como está definido nos dicionários de Houaiss e Villar (2009), Bluteau (1712-1728), Carvalho; Deus (1916) e Nascentes (1966), mas vestir-se com o escafandro, adicionando os pesos necessários para se manter submerso no fundo do rio.

*Balão de couro* era “o saco, que discia pra tirá o cascalho, ele era dominado, denominado de balão de coro, eles usava, gostava de falá o saco de balão” (M1E1), feito de couro de animais, provavelmente recebia este nome pelo formato que adquiria ao ficar cheio e também pelo movimento que fazia ao ser puxado para a superfície, lembrando o de um balão, e a locução adjetiva *de couro* se explica pelo material usado para confeccioná-lo.

*Bamburrar* (verbo intransitivo) era utilizado no momento em que eles “tiravam a sorte grande”, isto é, pegavam diamante “uns falava ‘Ê esse ano eu bamburrei, peguei muito

*diamante*’, né... a expressão é essa né... ‘*Forguei ess’ano, tô forgado*’, essas é as expressão né” (G6E1). Quanto à especificidade desta lexia, além das entrevistas, podemos comprová-la pela aceção dicionarizada, em que é classificada como regionalismo utilizado nos estados da Amazônia e Bahia: “encontrar por bambúrrio (‘acaso’) ouro, diamantes ou outras pedras preciosas, e enriquecer” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

*Barra da Água limpa* (topônimo) é trecho de garimpo que, como explica um dos entrevistados, recebeu este nome por ficar localizado no córrego da Água limpa: “depois mais im baxo tinha a Barra da Água limpa, qu’ é o corgo da Água limpa que também deságua no Paranaíba” (M1E1).

*Barra do Babaçu*, topônimo motivado por razão semelhante à anterior “Barra do Babaçu que era um corgo que chamava Babaçu e desaguava no rio Paranaíba” (M1E1).

*Besouro*, *besouro leite*, *besouro rosa* (Apêndice D) são substantivos que nomeiam um tipo de *forma de diamante* que, por ter um formato parecido com o do inseto, recebe este nome, seguidos pelo adjetivo correspondente à sua coloração “tem bisorro rosa, bisorro leite que nós falava né, o rosa é cor rosa mes[mo] sabe? Lá nessa Mancha Véia dava dimais, sabe” (G5E1).

*Boca de capangueiro* é “Aonde tinha ponto de garimpo né, onde que fazia barraca {...} os compradô né, os capanguero” (F1E1), que pelo que percebemos, para os garimpeiros, era os trechos que estavam sendo explorados e, para este fornecedor (na época), além disto, o local em que os capangueiros se aglomeravam para a comercialização das pedras.

*Bombeiro* é o substantivo que nomeia a função mais baixa dentro da *escala*, porém de suma importância, “cê cumeçava na bomba, bateno bomba, aí discia um lá no fundo cê tava bateno bomba, ês era dois, três bombero... né, que batia {...} é er’os bombero” (G6E1). Trata-se de um processo de derivação por sufixação, em que temos a palavra base *bomba* (nome da ferramenta que fornecia o oxigênio ao mergulhador) acrescida do sufixo *-eiro* (formador de substantivos), sendo que a sua motivação estaria na palavra base, em que a morfossintaxe da língua é respeitada, segundo a mesma lógica das palavras *fazendeiro*, *leiteiro* e *porteiro*.

*Branco sal-seda* é o nome da cor de um tipo de diamante que costumava ter um preço muito elevado, que funcionaria como uma locução adjetiva “o branco sal-seda {...} é o mes[mo] cê vê uma ropa de seda assim, daquela cor” (G4E1).

*Bunda vermelha* era o adjetivo dado àqueles que praticavam o *garimpo de monchão* que por ser na terra, sujava-se muito: “bunda vermeia {...} é porque ele ficava sentado lá

naquela terra vermeia né (*risos*) aí tinha o apilido dele, bunda vermeia {...} tinha esse apelido” (G7E1).

*Cabeça furada*, adjetivo utilizado para se referir “aquês novato tava iniciando, às veiz num dava conta e tava aprendendo {...} é inexperiente né qu’esse novato ês chamava cabeça-furada” (G10E1). Neste caso, pensamos que a motivação, aqui, poderia ser num sentido metafórico, em que a cabeça furada significaria que a pessoa teria pouca coisa ou pouco saber/experiência.

*Cachoeira feia* (topônimo) trecho de garimpo que recebeu este nome porque “{...} tinha uma cachoeira feia lá” (M1E1).

*Cana Braba* (topônimo) “é lá na ponte Estelita, bem quase dibaxo da ponte, por baxo lá um poquim da ponte, Cana Braba é lá, é garimpo”, este não foi explicado o porquê da nomeação, logo, não conseguimos constatar se houve ou não uma motivação.

*Canga* se trata de um substantivo que nomeia “o cascalho carbonizado, mes[mo] que cê fazê uma massa de concreto” (G5E1), outro caso em que não identificamos nenhum tipo de motivação, nem mesmo de ressemantização.

*Canjica* e *canjica reluzenta* são nomes de tipos de formas de diamantes motivados pela semelhança da pedra com o formato do alimento; no caso do adjetivo *reluzenta* os garimpeiros explicam que é por conta do seu brilho “tinha canjica {...} canjica reluzenta que nós fala {...} canjica reluzenta [...] ela brilha” (G5E1).

A *canoa de pedra* se trata de “uma canoa subservente pa pedra que é da parasita e a ôta do cascalho já...” (G3E1), por isto recebia este nome, pois os entrevistados costumavam diferenciar os cascalhos: o que era diamantino, era chamado de cascalho, o que não o era, de pedra, como é perceptível em sua fala neste trecho transcrito. Assim, conseqüentemente, a locução adjetiva *de pedra* é motivada por conta da função da canoa que ficava reservada para o depósito das pedras que seriam descartadas.

*Canoeiro* nomeia a função dentro da escala daquele que “tá na canoa, ele fica por conta de surucá o cascái” e, por ele ficar dentro da canoa de cascalho, é chamado desta forma. Podemos perceber que se trata de um signo semi-motivado, criado através do processo de derivação sufixal com o acréscimo do sufixo *-eiro* à palavra base *canoa*, assim como ocorre com *bombeiro*.

*Capangueiro*, por outro lado, é uma função externa à escala, ou seja, não faz parte dela, pois se trata do comerciante, aquele que estava interessado em comprar as pedras para revender, como explica um dos entrevistados:

Ês vinha, vinha, não, parece que curria ma[is] rápi[do] que nutícia ruim {...} às vez saía aqui hoje, amanhã tinha capanguero lá de, lá de de, da Estrela do Sul, de Araguari, de Uberlândia, já tava {...} vinha, amanhicia aqui já {...} é... e vinha muitos assim junto, uns, uns quereno que comprava na frente, ôtos num quiria que ocê mostrasse po ôto, sabe, uma briga pra querê comprá {...} é, aquela máfia (G10E1).

A nossa hipótese é de que por eles utilizarem uma capanga “[...] do quimbundo *kappanga* [...] é uma bolsa em que os viajantes carregam pequenos objetos e, entre estes, partidas de diamantes nos garimpos [...]” (NASCENTES, 1966, p. 1443) para depositarem os diamantes que compravam, recebiam este nome por meio do mesmo processo de derivação em *bombeiro* e *canoeiro*. Porém, Machado Filho (1964) segue outra lógica, ao comentar sobre a compra das pedras no Arraial do Tijuco:

[...] comerciante de *capanga*, pequeno comerciante que comprava do garimpeiro o produto de suas faisqueiras e o protegia, mandando-lhe avisos cautelosos quando as tropas de dragões saíam em batidas aos quilombos e garimpos. Vem talvez dessa proteção o chamar-se “capanga” ao guarda-costas (MACHADO FILHO, 1964, p. 14).

Inclusive, parte da explicação deste autor é também citada por Nascentes (1966), ao trazer outro significado para o verbete *capanga* em seu *Dicionário Etimológico Resumido*, a qual, nosso entendimento, deveria ser apresentada como outro verbete, já que se trata de um caso de homonímia, com uma sequência fonêmica idêntica, porém com significado totalmente distinto.

Com relação à motivação da unidade lexical em análise, não encontramos nenhum registro nos acervos lexicográficos consultados além dos apresentados; então, não sabemos ao certo se *capangueiro* é motivado pela *capanga* enquanto o objeto ou enquanto “[...] homem de confiança, ger. contratado como guarda-costas [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Entretanto, mesmo que sua motivação seja obscura, ainda se trata de um caso de semi-motivação, seja advindo do objeto (bolsa) ou da função (guarda-costas), embora acreditamos que seja pelo primeiro.

*Carumbé*, segundo Nascentes (1966), de origem tupi (*Karu'bé*), “é uma ferramenta de garimpo que tem de trabalhá, sabe? De jogá, tirá cascalho” (G3E1). Não se trata de um item lexical motivado, mas é parte do *corpus* por pertencer ao vocabulário de garimpo, afirmação que podemos reforçar com a definição dicionarizada como rubrica de garimpo: “nos garimpos

de ouro e diamante, recipiente de formato cônico em que se põe o cascalho a ser lavado para a procura do metal ou das pedras; calumbé” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

*Cascalho chorando* era utilizado para denominar o cascalho que estava abundante e fácil de extrair: “Né era... era raro... e aconticia... aconticia também de cascalho que nós tinha que tê dinamite pa quebrá ele {...} e tinha ôtos que nós num gastava nem ferramenta, nós falava que tava chorano, pegava tava corren’ê?” (G5E1), provavelmente a motivação neste caso vem da associação do movimento do cascalho escorrendo com as lágrimas escorrendo pelo rosto, com muita facilidade.

*Cascalho surucado*; *cascalho despedrado* ou *cascalho desemburrado* são três lexias utilizadas para nomear o mesmo referente, momento em que “ele já é penerado lá, tirado as pedra maior, nós falamo surucado né, o cascalho saía já no jeito de i[r] pá lavadera todo despedrado né, a canoa {...}” (G3E1). A motivação no caso do *surucado* vem do nome dado à peneira específica para este processo: a *suruca*. Porém, aqui não se trata de uma derivação sufixal a partir da palavra base *suruca*, em que haveria apenas o acréscimo do sufixo *-ado*, mas do verbo *surucar*<sup>42</sup> no participípio.

Sobre o adjetivo *despedrado* teríamos aqui uma espécie de antônimo de *empedrado*. Seguindo a lógica de formação de palavras da língua portuguesa falada no Brasil, acrescentaram o prefixo *des-* à palavra base, que é utilizado em sua maioria para indicar a falta de algo, como em *desamor*, *desilusão*. A motivação viria do processo de separação do cascalho diamantino das pedras, ou seja, *despedrá-lo*, tirar-lhes as pedras inúteis.

Quanto ao adjetivo *desemburrado* não encontramos nas acepções dicionarizadas nenhuma referência a esta etapa, mas percebemos uma pequena associação, mesmo extremamente tênue, com alguns dos significados apresentados para o verbo *desemburrar* já que a lexia em análise não está registrada nos acervos que consultamos. No dicionário, o sentido está voltado para o ato de “[...] dar ou adquirir boas maneiras; educar(-se), polir(-se), desembaraçar(-se) [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Existe a possibilidade de os garimpeiros terem relacionado este significado com o procedimento feito com o cascalho, em que o diamantino se desembaraçaria das pedras indesejadas. No entanto, trata-se apenas de uma hipótese.

*Cata* “é o buraco onde {...} onde tá tirano o cascalho que ele afundô dimais, deu um dismonte muito grande” (G3E1) e no dicionário encontramos como rubrica referente a minas “m.q. garimpagem” (HOUAISS; VILLAR, 2009). O sentido dicionarizado se difere um

---

<sup>42</sup> Ver a análise desta lexia adiante.

pouco da explicação fornecida pelo sujeito da pesquisa, que em seu entendimento é o local de onde o cascalho é retirado. De todo modo, trata-se de uma lexia utilizada especificamente na atividade de garimpo e, através de outra definição encontrada no mesmo acervo, pudemos compreender a motivação na criação desta lexia relacionada ao verbo catar: “ato ou efeito de catar; busca, procura” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

*Charneca*, segundo Nascentes (1988), é de origem pré-romana e, no que se refere às definições, nenhuma delas dizem respeito ao sentido utilizado no garimpo; temos aqui um caso de ressemantização, em que neste ambiente de trabalho seria “um sirvicim mei’oculto que tinha e o garimpero quiria escondê do ôto mesmo no fund’água” (G3E1).

*Corre-dinheiro* é o nome de mais uma das funções da escala, “corre-dinheiro {...} é porque ele ficava só no mei’do sarilho pá atendê o sinal do mergulhadô {...}” (G2E1)”. A motivação desta lexia é mais complexa, está relacionada ao movimento de puxar o saco de cascalho para superfície através de um sarilho (correr) e ao cascalho que estava depositado dentro dele, em que havia a probabilidade de ter algum diamante (dinheiro), desta associação e criatividade lexical, temos *corre-dinheiro*.

Em *Correr a traia*; *correr o trecho* ou *mudar de trecho*, como no caso<sup>43</sup> analisado acima, temos três lexias para nomear um único referente: “É quando tá acampado num lugá, aí num tá prestano falava ‘*Vamo corrê pra, corrê o trecho*’, é pra baxo, pa riba, saía” (G9E1). No primeiro caso, era dito desta maneira, porque todas as vezes que se deslocava para outro lugar, as ferramentas (a tralha) deveriam ser recolhidas, por isto, falavam *correr a traia*. No segundo, a motivação acontece porque cada local em que havia atividade de garimpagem chamava-se de *trecho*, assim, alguns garimpeiros falavam que iam *correr o trecho*, o que acontece também no terceiro caso, alterando-se apenas o verbo, de *correr* para *mudar*.

*Correr a escala* ocorre quando o mergulhador que está no fundo retorna para a superfície, movimento que acontece em cima da balsa, muito bem explicado por um dos entrevistados:

intão a escala curria assim: tinha o camarada que tava no fundo, manguerero, o... o canoero... o canoero vem depois né, o da canoa de pedra, depois vinha o corre-dinheiro, depois o canoero, sabe? {...} É, curria assim, tudo bonitim, ali {...} ah... parasita é a canoa de pedra {...} é o canoa de pedra {...} é o parasita {...} é... vamo cumechá co’... co’... porque na... o aparelho pá funcioná bem, além do cuzinhero que tinha {...} tinha o cuzinhero também, nó[s] vamo falá sobre isso. Pra funicioná bem, pelo menos oito pessoa, cê já notô que nós só falô o nome só de quato, o que tava no fundo... é... de

---

<sup>43</sup> *Cascalho surucado*; *cascalho despedrado* ou *cascalho desemburrado*.

cinco... o que tava no fundo, o manguera, corre-dinhero, parasita que é a canoa de pedra e o... e o... a {...} canoero ‘xatamente. Cê notô que sobrô mais quato né... não, sobrô mais treis, esse treiz sabe qual a escala dele? Era batê bomba. Que aquele que sai do fundo, vai lá... o canoero mais o mergulhadô, pega canoa vai pô um... o produto dele, do mergulho lá no barranco. Aí volta os dois. Aquele que saiu do fund’água, primera coisa dele, era batê bomba, mais entre os três bombero, tem dois na frente dele, intão aquil’ali, quando ele... ele... mergulhava os dois que tava na frente dele bateno bomba, aí ele já ia pra quê? Já ia pra... pro parasita, o canoa de pedra {...} é... a hora que chegô a veiz dele, dele saí da escala de bomba, primero ele ia pra parasita, canoa de pedra, depois ele ia pa cordinha, depois pa canoa de cascalho de novo e assim por diante, até corrê a roda (G3E1).

A utilização do verbo *correr* se relaciona com o movimento que os garimpeiros faziam, saindo de uma função para outra e *escala* porque eles trabalhavam escalados, em que cada um exercia uma atividade diferente.

*Cortar a forma* (Anexo J) consiste no movimento de procurar pelo diamante remexendo o cascalho com uma pá: “agora o imbuxado cê tem que cortá a forma, pegá uma, uma pazinha e cortá a forma assim pa achá ele, se ele tivé imbuxado {...} é caçano ele, caçano assim (*gestos*), que ele imbuxado” (G9E1). A escolha por este verbo se explica pela maneira peculiar com que eles buscavam pela pedra que poderia estar por baixo da *forma*<sup>44</sup>.

*Criminosa* (topônimo), outro trecho de garimpo, que foi assim nomeado “porque morreu gente lá né, a água braba dimais, canoa, canoa lá nós passava na mão, canoa puxano, se descesse cum tudo tava morto, murria tudo, morreu uma canoada de gente lá, parece” (G8E1).

*Croar* e *croar de suruca* são itens lexicais que indicam duas das maneiras de como o diamante sai no meio da forma, no caso, por cima dela, pois “s’ele croa é porque ele bate, ele vem pur cima da forma, aí cê bate, cê vê ele” (G6E1). Quando isto acontece, ainda no leito do rio, no momento em que o cascalho será passado pela *suruca*, diz-se que ele *croou de suruca*.

Nos dicionários, encontramos apenas o lexema *croá* que se remete a um tipo de planta<sup>45</sup>, não apresentando nenhuma referência ao garimpo, nem mesmo um significado em que houvesse alguma aproximação de sentidos, como em *cascalho desemburrado*. Desta forma, podemos falar em uma semi-motivação somente em *croar de suruca*, devido ao acréscimo da locução adjetiva *de sucuca*.

---

<sup>44</sup> Ver análise adiante.

<sup>45</sup> “[...] planta terrestre ou saxícola (*Neoglaziovia variegata*), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil (NE), de poucas folhas lineares e acuminadas, dispostas em roseta, inflorescência laxa com 25 cm de comprimento e com até 60 flores, de sépalas vermelhas e pétalas purpúreas; as folhas fornecem longas fibras, de grande resistência e durabilidade; carauá, caruá, coroá, coroatá, crauá, croá, gravatá [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Quanto à unidade lexical *croar* poderia, de forma hipotética, ser o caso de uma síncope na estrutura do item lexical *coroar*, no entanto, como não é algo comprovável, consideremos que se trata de ressemantização, assim como acontece com *bruaca*, que, atualmente, é usada como xingamento.

*Desarriar* é um verbo criado através do processo de derivação prefixal com o acréscimo do prefixo *des-* a palavra base *-arriar*, já analisada anteriormente. Refere-se à “(...) hora que saía d’água ‘*Vamo disarriá*’ {...} ficava quietim, nós que... é {...} e uma coisa tamém, nós que tinha que tirá os peso tamém que num dava con[ta] tamém, trinta quilo na frente, trinta quilo atrás {...} a alça aqui atrás num tinha jeito” (G7E1), sendo um signo também motivado e que, além disto, segue as regras de formação de palavras da língua portuguesa, como em *desemburrado*.

*Descer de campião* era uma das maneiras de submergir-se, pois “tinha duas maneira de descê: é... na escada e tinha também de uso... tinha o campião. Campião é um peso amarrado numa corda, sabe? Direto do serviço aí o camarada discia im veiz dele usá a escada” (G3E1). Não encontramos esta lexia dicionarizada, tentamos também procurar por outras que tivessem uma sequência fonêmica aproximada, pois como o *corpus* é constituído a partir da transcrição da língua falada, às vezes acontece de a pronúncia ser um pouco diferente da forma escrita. Mas, ainda assim, não encontramos nada que fizesse referência a esta forma de descer para o fundo do rio, diante disto, nos deparamos com uma lexia obscura, pois não podemos afirmar nem que trata de um acaso de ressemantização nem de motivação. Nossa hipótese é de que seja um uso muito restrito e arcaico, mas que não foi dicionarizado, permanecendo apenas na fala destes homens.

*Dez da cozinha* é uma expressão utilizada para se referir aos dez sacos de cascalho que eram de direito do cozinheiro “porque no garimpo tinha uma regra que toca escala que curria tirava deiz saco de cascái po cuzinhero... era o tal dos deiz da cozinha” (M1E1). Conseguimos perceber que a motivação parte da quantidade de sacos que deveriam ser destinados ao cozinheiro, um total de dez e a locução adjetiva *da cozinha* faz referência ao cozinheiro, responsável pela alimentação dos mergulhadores.

*Diamante brum* é um tipo de diamante que, segundo os garimpeiros, era menos prestigiado. Quanto ao termo *brum*, não o encontramos dicionarizado, mas a explicação pode ser fornecida por um de nossos entrevistados: “ês fala brum... brum é marrom [...] im im ingreis né?” (G5E1), ou seja, a lexia *brum* seria um caso de empréstimo do item léxico *brown*, marrom em inglês que, na pronúncia, passou por algumas transformações, de modo que sem a

informação dada por nosso informante, não conseguiríamos compreender a motivação da lexia em análise.

*Diamante croado* tem sua motivação relacionada à lexia *croar* analisada anteriormente, assim, “Quando, quando a forma é mai[s] baixa cê bate, bate, o diamante saía por ribinha assim ó, croado {...} é pur ribinha, cê já catava ele {...}” (G8E1).

*Diamante de indústria* não se trata de uma lexia motivada, mas que faz parte do vocabulário de garimpo. Esta denominação se relaciona com a qualidade da pedra, haviam os diamantes considerados “de primeira”, os mais caros, ao passo que os *de indústria* eram considerados de qualidade inferior,

que diamante tamém tinha a, tinha as qualidade né, tinha as tabela, cê pegava, às veiz a bunitiza num era tanto, cê pegasse um diamante, por exemplo, verde-cana, cê pegasse um ‘marelo assim, um bem ‘marelim igual um, ‘marelo-canaro qu’ês falava, num tinha o valor do branco, ês chamava a indústria, indústria era a segunda, o primero era aquele branco, aquele branco cristal (G10E1).

*Diamante embuchado*, ao contrário do *croado*, era o caso do diamante que tinha saído debaixo na forma, isto é:

É quando cê vai lavá... cê lava o cascái aí cê vai batê a penera, cê lava, junta a forma, depois cê vai lá e bate {...} é bate a pinera {...} fica... fica a forma por cima certim, o diamante se tivé cê vê ele por cima da forma, argum sai imbuchado, que ês fala, imbuchado é quando ele num croa, quando ele num croa cê vai lá cê num vê ele e cê vai passá a pazinha, aí cê acha ele às veiz imbuchado {...} é nome imbuchado porque ele num croô (G6E1).

Apesar de a lexia *embuchado* estar dicionarizada, não há significado que se aproxime deste apresentado pelo entrevistado. Poderia ocorrer, neste caso, uma extensão de sentido por analogia, pois no acervo lexicográfico, este item léxico é descrito como aquele ou aquela “[...] que não se manifesta por falta de conhecimento ou por não poder divulgar o que sente ou pensa [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009) e, no garimpo, como foi citado acima, é o diamante que não se “manifesta” por cima da forma.

*Diamante pontilhado/urubu* eram tipos de diamante que apresentavam um defeito muito específico: um pontinho de cor preta que não tinha como ser removido na lapidação, como podemos constatar na fala dos ex-garimpeiros: “diamante pontiado, é aquele que tinha um pontim dentr’assim” (G6E1) e “Era urubu, pegô o diamante ma[s] tem urubu, já num tinha

valô, n'era valorizado {...} não, é que ele, den[tro] dele, tinha um sujo, um treim sujo lá dento e num tinha jeito de limpá {...}” (G9E1).

Desta forma, a motivação, tanto em *pontilhado* quanto em *urubu*, tem uma ligação com a imperfeição que aparecia na pedra. A primeira se relaciona ao seu formato, a segunda à sua cor, como também a referência ao nome do pássaro que, culturalmente, não é bem visto por alimentar-se de defuntos e, conseqüentemente, há uma associação do animal que também possui a coloração escura e uma conotação negativa, da mesma forma que no garimpo as pedras que possuíam este ponto preto eram rejeitadas.

*Emborcação (topônimo)* “é ond'ê que tem a barrage, onde feiz a cerca da barrage” (G9E1). Sua motivação explica-se porque antes da construção da barragem, existia garimpo naquele local, provavelmente, num lugar próximo às obras para a efetivação do represamento do rio.

Usava-se a locução verbal *estar queimando* quando, no momento da lavação, os garimpeiros percebiam que não estava para *bamburro*, “Falava que tava quemano dimais (...) num pegava diamante, vasava {...} porque num tava pegano diamante, é cascái quemadô (*risos*) (...)” (G9E1). Não percebem motivação aparente para esta expressão e, ao consultarmos o dicionário, não notamos também alguma analogia que pudesse ter sido feita, a não ser pelo fato de que se queimar é algo ruim e, talvez, o verbo *queimar* não fizesse menção exatamente ao cascalho, mas à situação dos garimpeiros que ficariam, de certa forma, queimados por não conseguirem pegar nenhuma pedra depois de tanto trabalho.

Encontramos a lexia *faisqueiro* definida no dicionário como “[...] o que fásca nas minas ou busca palhetas de outro [...]” (CARVALHO; DEUS, 1916, p. 387) e, no Houaiss (2009), está descrito apenas como o mesmo que garimpeiro. No entanto, no entender dos nossos entrevistados “É... lá... garimpo manual... tem argum faisquero lá capaiz, que a gente fala é garimpero que vai por conta própria, manual mes[mo] né [...]” (G3E1), ou seja, na forma dicionarizada, temos definições mais generalizadas, aqui, temos um tipo específico de garimpeiro, aquele que garimpa sozinho, por sua conta e risco.

*Ferragem azul*, segundo os garimpeiros, é a forma de diamante mais propícia para o bamburro, “hora que achava ferrage azul ficava loco, aí a noite ele sonhava cum aquela coiserada” (M1E1). A motivação estaria presente no adjetivo *azul* por conta da coloração do mineral. Quanto ao item lexical *ferragem*, a encontramos dicionarizada como rubrica pertencente ao garimpo: “nome com que os garimpeiros designam diversos minerais, entre os quais rutilio, anatásio azul, hematita, ilmenita e magnetita” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

*Fígado de galinha* é outra forma de diamante, que recebe este nome porque é “igual figo mêmô, lapido assim, é a mêmô coisa de figo de galinha assim” (F1E1), porém, esta não era muito bem quista pelos garimpeiros, por não trazer diamante em abundância.

*Figueira (topônimo)* é outro trecho de garimpo que recebeu este nome porque “Figuera é porque tinha muito figuera lá {...} figuera nós fala gamelera, né, a gamelera nós fala figuera, aí nós pois o nome de Figuera ma[s] o nome mêmô é gamelera {...} gamelera {...}(G4E1). Além da questão da motivação, podemos perceber na fala do entrevistado que ele afirma e coloca os garimpeiros, incluindo-se também ao usar a primeira pessoa do plural, como os responsáveis pela nomeação destes lugares, algo recorrente nas entrevistas dos demais ex-garimpeiros.

*Forma de arco a arco* é uma expressão utilizada pelos garimpeiros para quando a forma estava abundante, deixando as peneiras cheias de um arco ao outro, como explica um dos senhores descontraidamente:

É... num sei, tem tanta coisa... uns falava que tava chorano, ôtos falava tá derreteno (*risos*) quan[do] tava, dava iss'aquí, dava muita forma... chegava falava 'Ê o treim tá de arc'a arco', sabe? Que tava pegano chei'que tava dano os arco da pinera. 'Forma lá de arc'a arco' {...} intão quan[do] nós era soltero e ia no baile que tava bom né, tinha muita moça 'Th! Moça lá tá de arc'a arco' sabia que tava muita né {...} muita moça (*risos*) (G5E1).

*Frente de cascalho* é o nome que os garimpeiros davam para a parede de cascalho que ia se formando no fundo do rio na medida em que eles iam extraindo os minérios, de forma que a perfuração ficava cada vez mais profunda, formando estas paredes de onde o cascalho seria retirado, por isto *frente* (as paredes) *de cascalho* (o material a ser retirado), isto fica melhor explicitado através do trecho de uma das entrevistas transcritas:

é porque furava aqui o cascái por exemplo, furava a broca, né, às veiz dava um cascái da altura dessa parede aí ó, hora que cê pegava a piçarra, piçarra é o centro que num tinha mais pra baxo né, era [...] às veiz ela dava lisinha igual uma pedra assim lisinha, cê ia por ela, trabaino pela piçarra, e a frente é a [...] parava igual uma parede assim na sua, de cascái assim, cê via ela debaxo e de cima assim {...} ia cavano e dirrubano e insacano e mandano (G10E1).

*Fundo lascado* é outro tipo de forma considerada pelos entrevistados muito propícia para bamburro também, perdendo apenas para a *ferragem azul*. Recebia este nome por conta do seu formato, “é um trisquim assim quebradim pisca-pisca... miudim e...” (G4E1).

*Garimpo de barranco* consiste em uma das diferentes formas de garimpar. A palavra garimpo, de acordo com Nascentes (1966), deriva de garimpeiro que, por sua vez, é definido como a “forma epentética de *garimpeiro*, de *grimpa* [...] andava pelas *grimpas* à procura de ouro” (NASCENTES, 1966, p. 350). Sobre a locução adjetiva *de barranco*, também chamada em alguns lugares de *grupiara*, “é porque é no barranco do ri[o] né, barranco do ri[o], às veiz dá dismonte, tem terra, eles dimunta aquilo na pá” (G2E1). Através desta explicação, percebemos a aparente motivação deste signo.

*Garimpo de escafandro*, *mergulhar a saco* ou *garimpo de leito* era o mais praticado em Três Ranchos, inclusive, boa parte das lexias pertencentes a este *corpus* é utilizada especificamente nesta forma de garimpar, como as funções da escala. No primeiro caso, a locução adjetiva *de escafandro* se refere ao equipamento de mergulho, já a lexia *mergulhar a saco* é motivada por referir-se ao saco que eles utilizavam para depositar o cascalho e enviá-lo para a superfície. A terceira, *garimpo de leito*, está relacionada ao local onde este tipo de garimpo é realizado, no leito do rio: “O garimpo de iscafandro ele sai lá do fun’do ri[o] vai pro barranco e tal, ele beneficiado im cima lá da balsa” (G3E1).

*Garimpo de monchão* “É o garimpo, que eles fala garimpo de monchão, iss’ái o camarada cava o cascalho no seco, dali ele transporta nas carrocinha e tal pra bera d’água pá lavá, sabe?” (G3E1). Sobre uma possível motivação, não identificamos e, no dicionário, a origem da palavra *monchão* é obscura, porém, é registrada como um tipo de garimpo.

*Garimpo de praia* ou *garimpar no seco* “trabaiava no seco, na praia, chamava praia, a água bate assim e vorta né, ali fica aquel’cascái, aquel’cascái ia lá no seco, ai és apurava aquel’que a água jogava, furava um buraco, a água mês[mo] ajudava a trabaiá” (G1E1). A motivação aqui está relacionada novamente à maneira de se garimpar que, geralmente, sofre alterações por conta do local em que a atividade é exercida.

*Garimpo de virada* (Anexo F) recebe este nome porque se desvia o curso do rio, como se eles, de fato, virassem o rio para secar o local escolhido para a extração. De todas as formas de garimpar é a mais trabalhosa e a que necessita de mais homens. Vejamos:

o garimpo que cê recuava o ri[o], fazia um fêche, numa curva de ri[o] ou numa ilha e tal e fazia uma virava e pegava e batia a bomba lá, na água de bomba e secava o local, que é muitas veiz fo[r] um lugá onde precisava mergulhá, seca também, fazia um fêche muito bem feito e tal e punha bombeamento lá esgotava a água depois ia tirá, sabe? O cascalho (G3E1).

*Guacheiro* é um caso de derivação por sufixação, motivada pela palavra base *guacho*, porque:

tinha a turma que era da draga e manda os pauzim, nós chamava de guachero {...} guacho {...} guacho é um passarim que choca assim, junta muito pauzim sabe, ês falava ‘Ó o *guarchero* {...} aí mandava os pauzim era um balai’ assim de arame sabe tipo um [...] {...} é limpano {...} guachero {...} é pau, assim, folha podre sabe, juntava assim que dava monte, muitas canoa cheia pa tirá [...]’” (G10E1).

Nota-se que os garimpeiros fizeram uma analogia entre o comportamento do pássaro com a atividade realizada no garimpo, por isto a motivação no momento da criação desta lexia.

*Guardar a traia* corresponde à etapa final do garimpo em dois momentos: a chegada das cheias e, conseqüentemente, o encerramento da temporada da atividade,

aí começava as chuva né, o ri[o] inchia e com ri[o] chei’ a gen[te] num merguia né, pirigoso... corre muita maderá, roda, ‘tão aí a gente *‘É vamo guardá a traia’ (risos)* a gente ia como diz o ôto, guardá a traia e esperá par’o ano, né” (G6E1).

O segundo motivo seria quando o lugar não estava propício para bamburro e eles decidiam *correr a traia*.

*Ilha do Babaçu* (topônimo) é um trecho de garimpo que foi assim nomeado “puque é uma ilha, uma ilha, onde o ri[o] abria por lá e por cá assim e fazia, e ela ficava no mei’eu já garimpei lá, e na ilha era o puro babaçu {...}” (G10E1), em que a motivação seria por conta da planta, o babaçu, que tinha em abundância no local, como tão bem explicou o entrevistado.

*Ilha do Barco* (topônimo), nome de outro trecho de garimpo, porém, não foi apresentada explicação que nos direcionasse para um caso de motivação; sabemos, apenas, que se trata de um local onde tinha atividade de garimpagem naquela época.

*Ilha do Zé Alves* (topônimo) “era uma ilha, também tinha garimpo dentro da ilha, de monhão dento da ilha” (M1E1); provavelmente, Zé Alves é o nome do dono da ilha ou de alguém importante que passou por ali, mas isto não foi a nós informado, trata-se apenas de uma hipótese.

*Jaú Sapecado* (topônimo), cuja motivação é cômica, as risadas ao nos explicarem a motivação desta lexia foram recorrentes em todas as entrevistas, a título de exemplificação, selecionamos o trecho de uma delas:

Era um poço... é as lenda, poço era ond' é que um garimpero uma vez pegô um jaú e tir, ele arrastô ele, acho que tava... que já tava morto, aí foi sapecá ele... quand' ele pois fogo, ele foi imbora, banô e foi dano pulo 'té 'aqui den' d'água e foi embora, aí ficô 'Ó lá no poço do Jaú sapecado' {...} é as lenda né {...}(G6E1).

Através desta explicação, podemos constatar o porquê do nome *Jaú Sapecado* motivado por este episódio que marcou a história daquele lugar, hoje, submerso.

*Jogar o capacete* está relacionado à desistência do mergulho, quando o garimpeiro da vez desistia de descer “ês falava que jugav' o, jugava o capecete, falava assim: ‘Cê jogô o pano’” (G10E1). No que se refere à motivação, temos uma ligação com o equipamento, o capacete de bronze do escafandro, ele jogou o capacete, desistiu. Quando isto acontecia, o desistente vendia o seu mergulho a vinte e cinco, ou seja, aquele que mergulhasse dividiria pela metade os cinquenta por cento do lucro com o outro.

*Mamoninha* é uma forma de diamante descrita por um dos senhores como “uma pedra chumbadinha assim que dava” (G10E1) que, provavelmente, lembra a mamona “semente desse fruto, com tegumento rajado de preto e com uma pequena carúncula [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

*Mancha* era aquele trecho de garimpo em que se encontrava diamante abundantemente. Apesar de estar dicionarizada, não encontramos em nenhuma das acepções um significado voltado para o garimpo ou que se aproximasse, em que “mancha na nossa language de garimpero é um lugá onde dá muito diamante e... onde ele concentra mais e tal que sai mais diamante por... né” (G3E1).

*Mancha Velha* (topônimo) foi o trecho de garimpo que marcou a história da garimpagem em Três Ranchos, sendo descoberta, em 1944, pelos Pereiras. Alguns contam que nesta mancha pegava-se diamante até à noite para gastar na festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário, como podemos constatar através dos trechos das entrevistas:

aque[le]s lugá que mais interessa né, que é... é intão, aqui depois de mil novecentos e quarent'e dois ou quarent'e três num sei, eu tinha o que? Na época cinco, seis anos, mais eu lembro bem, é... uma fábula, deu muito diamante aqui, lugá que chamava, até hoje ês trata de Mancha Velha (G3E1).

essa Mancha Véia deu tanto diamante que ês pesô na balança, pesado na balança, dessas balança [...] de açogue, pegaro litro de diamante, a maió mancha da história por aqui, aí já tinha a balsa, aí chegô a trabaiaí doze balsa junto nessa mancha {...} todo mundo pegava diamante e muito {...} lá dava diamante mes[mo], e ficô diamante lá ainda e muito, porque num consiguero

tirá tudo, sirviço era perigoso, era muito alto o cascái, tinha muita pedra... (G6E1).

*Manguereiro* era uma das funções mais delicadas da escala, em que o garimpeiro

ficava sempre com manguero ali na proa, que qualqué coisa ali [a]normal tinha que dá nutiça, se o cara rodasse ali pur exemplo uma água forte, no manguero ali cê sabia, que o manguero ia forçava sua mão, e se o cara viesse tamém imhora ele sabia que pel'as bôia que o capacete sortava ele sabia que o cara tava vin'imhora {...} e aí ele ajudava colhê o manguero pra cima" (G10E1).

Como pudemos conferir através da explicação do entrevistado, quem estava nesta função deveria ficar atento o tempo todo a qualquer movimento na mangueira por onde passava o oxigênio, assim, por ele ser o “vigia da mangueira”, temos, pelo processo de derivação sufixal, *manguereiro*.

*Marumbé* nomeia mais um tipo de forma que, segundo os entrevistados, não era muito boa para “dar diamante”. Encontramos esta lexia definida no dicionário como um regionalismo usado em São Paulo para uma variedade de feijão, mas para os garimpeiros “marumbé qu’era uma pedrinha muito ‘marelinha” (G10E1).

*Mata Cachorro* (topônimo) era um trecho de garimpo que recebeu este nome porque “a água fazia um rebojo, dizia que cachorro caía lá e num dava conta de saí, ‘cabava morreno afogado, qu’ela, tinha uma época ali que a água fazia um ridimuim e quem caísse lá tava morto” (M1E1). Diante desta explicação, pudemos compreender o porquê da sua motivação: lá morria muitos cachorros por conta da força da água.

*Mata Padre* ou *Cento e quatorze* (topônimo), também um trecho de garimpo, era nomeado por duas lexias distintas, sendo a primeira de uso mais frequente. No que se refere à motivação, em *Mata Padre* justifica-se por conta da morte de um padre, como podemos nos certificar a partir do trecho de uma entrevista:

morreu um padre mes[mo] de verdade, é... lá ês era... o pa’lá foi... a históra que o padre foi ‘travessá de canoa lá dum lado pa ôto [...] ês era treis pessoa que tava na canoa, logo por baxo assim tinh’essa cachoera, cachoera muito forte, tem ela, lago num tampô ela não... intão, ês parece que ninhum num sabe, num era prático, mexê cum canoa, remá... e hora que ês imbicô a canoa, canoa rodô e bombardiô morreu todos os treis nessa cachoera, aí o [lugar] ganhô o nome cachoera de Mata Padre (G6E1).

Já em *Cento e quatorze* conta-se que era um dos locais de extração mais fundo, chegando a cento e quatorze palmos de profundidade, como nos explicou um dos ex-garimpeiros: Mata Padre era aqui im cima, era um dos lugá mais fundo que tinha aqui, que mergulhô {...}lá ês punha ‘pilido lá ‘té de, qu’el’era cent’e quatorze parmo, ês punha Cent’e quatorze, pois ‘té apilido de Cent’e quatorze {...} muito fundo (G10E1).

Temos em *matar a canoa, matar o cocho, matar o pau* ou *canoa morta* outro caso em que mais de uma lexia nomeia o mesmo referente. Aqui era o momento em que a canoa já estava com o espaço para cascalho esgotado, “Aí hora que inchia uma canoa... na nossa language é canoa morta, sabe. {...} matô a canoa” (G3E1). Tanto o verbo *matar* quanto o adjetivo *morta* foram utilizados no mesmo sentido de *cheia, arrematada* ou *finalizada*. Desta forma, não encontramos um motivo aparente pela escolha destas em detrimento de outra, percebemos apenas um caso de ressemantização desta unidade lexical (*matar/morta*), que é utilizada, aqui, com outro sentido.

Quanto aos complementos verbais *a canoa, o cocho* e *o pau*, os três tem sua motivação relacionada ao referente: a canoa, como fica claro no primeiro. No segundo, encontramos o item lexical *cocho* dicionarizado, mas sem nenhuma referência à canoa utilizada para depositar cascalho no garimpo, porém, acreditamos que se trata de uma nomeação por extensão de sentido, já que no acervo lexicográfico este item é definido como “[...] espécie de vasilha feita de tronco escavado para depósito de algo [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009). No terceiro, entendemos que se refere ao material do qual a canoa é confeccionada: madeira.

*Mergulhar a vinte e cinco* ou *descer a vinte e cinco* era uma espécie de negociação entre dois mergulhadores, quando um deles *jogava o capacete*.

pur exemplo, às veiz tinha um, chega no lugá tinha medo de i[r]... ele ficava co’medo dava pra um que tinha corage a vinte cinco... aí é vinte cinco por cento, cê pegava um diamante vindia, vamos supô vende por cem mil, cinquenta é do fornecedô, vinte cinco do merguiadô e vinte cinco do ôto que deu o mergulho, ess’ é o vinte cinco qu’ês falava (G6E1).

A partir desta explicação, pudemos compreender o que motivou a criação desta lexia, que se associa à porcentagem de 25% que seria destinada a cada mergulhador neste tipo específico de divisão de lucros.

*Mergulhar de calango* era uma forma de garimpar na ocasião de lugares mais rasos que, segundo os entrevistados, lembrava o réptil, pois:

cê num usa a balsa, às vezê cê acha um cascái assim que na berada, que num dá pro cê tirá assim... na berada que num dá pro cê tirá assim... a fôrgo, sabe? e às vezê mal incobre a gente, mais num dá pa tirá a fôrgo, aí ês põe uma máquina só assim na berada assim e o cara desce assim andano, anda e vai lá {...} é com o iscafano, ma[s] aí já é calango {...} num usa escada, nem aquela balsa cum cabo de aço nem nada (...) (G10E1).

Desta forma, o mergulhador entrava no local de extração sem o auxílio da escada, porque nos lugares mais rasos a balsa não era necessária, mas acontecia de precisar do escafandro, assim, a imagem do garimpeiro naquela situação lembrava, visivelmente, um calango entrando na água.

*Monchão da Carolina* era um local em que era praticado *garimpo de monchão*. Como em *Anjinha*, trata-se de um topônimo motivado por um antropônimo, que, neste caso, “é por causa dessa mulher, era uma das que garimpava lá sempre, né, e pegô muito diamante lá, ês falava Monchão da Carolina” (G10E1).

*Monchão do Maquinário* (topônimo), trecho de garimpo que recebeu este nome porque “muitos ano atraiz teve uns alemão aí que troxe um máquinaro pa lavá o cascái sabe? Aí ês pois Monchão do Máquinaro” (G10E1).

Cada garimpeiro possuía o seu *paiol de cascalho*, local em que o cascalho extraído seria depositado até o dia da lavação, daí a motivação através da locução adjetiva *de cascalho*: “é paiol {...} é... cada um tinha o paiol de pô o cascái né... num punha junto não, só punha o cascái junto quand’era bozó {...}” (G6E1).

*Palha de arroz* era o nome de uma forma de diamante cujo formato lembrava a palha de arroz, referente que serviu de motivação no momento da nomeação, “páia de arroiz, cumpridim assim (*gestos*) {...} é... páia de arroiz” (G4E1).

*Palmito* (topônimo) “é que ele tinha aquês coquero de palmito lá” (G9E1). Através do trecho da entrevista, percebemos o que motivou a nomeação deste trecho de garimpo: o fato de ter ali desta espécie de angiosperma.

*Pancada do Luiz Horta* (topônimo), trecho de garimpo motivado pela ocasião em que uma máquina bombardeou muito forte, por isto *pancada* “ond’ê que a máq[uin]a bombardiô” (G7E1). Quanto ao antropônimo Luiz Horta, acreditamos que faz referência ao dono da máquina.

*Parasita* é o nome de uma das funções da escala em que temos uma motivação complexa, que pode ser explicada por analogia com o parasita enquanto “organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano” (HOUAISS;

VILLAR, 2009), porque, ao lado da balsa, ficava uma canoa subserviente para o depósito das pedras desnecessárias o que, de certa forma, lembra o comportamento de um parasita. Desta forma, o garimpeiro que estava naquela função recebia o nome de *parasita* numa relação metonímica, como podemos confirmar na citação que segue:

pur exemplo a canoa né {...} canoa tá tudo trabaiano, intão fica uma patrâis lá assim sobservença né, tirava [...] só porque chamava parasita... a canoa... nós punha o nome nela de parasita porque ficava [...] pa lá né, ficava queta, onde tirava... suponhamo, saíu uma canoa cheia de pedra né, aí encostava aquela {...} esperan'aquele inchê pá podê [en]co[s]ta ela {...} (G4E1).

*Pedir avião* era um tipo específico de sinalização considerado muito arriscado, pois:

é rápido...aí sortava o ar ni nós né, vinha igual um avião {...} e[le]s puxava longe da balsa, se não vinha dibaxo da barsa {...} teve muitos que umas vez morreu... vinha, já puxava e batia a cabeça dibaxo né {...} é bateu c'uma cabeça e machucô o crân[i]o {...} nós ficava triste, era tudo amigo né, de confiança, ali era uma união que cê precisa de vê, durmia tudo num barraco só, coisa mais bunita [...] (G1E1).

Assim, ao usar este tipo de sinal, o mergulhador deveria se preparar, pois ele seria puxado para a superfície em um movimento muito rápido, por isto a associação com *avião*, que é um meio de transporte extremamente veloz.

*Pedra da Alabanca* (topônimo) era um trecho de garimpo cuja motivação não pode ser comprovada, mas levantamos algumas hipóteses, pois a alavanca<sup>46</sup> é uma “barra de material resistente us. para mover ou erguer qualquer objeto pesado” (HOUAISS; VILLAR, 2009) muito utilizada no garimpo para quebrar as pedras com o intuito de facilitar a extração do cascalho. Acreditamos que este nome faça referência a algum acontecimento relativo a esta ferramenta.

*Pedra Furada* (topônimo) foi citado pelos garimpeiros como nome de trecho de garimpo, porém, não souberam explicar o porquê desta nomeação. Pela especificidade do nome, provavelmente, poderia haver uma ligação com a formação rochosa do lugar, no entanto, trata-se de uma hipótese, já que não temos dados que comprovem.

A lexia *pegar a laje* se remete ao momento em que a extração num determinado local chegara ao fim, como explica o ex-garimpeiro entrevistado: “‘*Peguei a laje hoje*’ que[r] dizê, pegô a piçarra, fundo, né {...} aí pra baxo num tinha mais nada, era só até ali na piçarra, né” (G6E1).

<sup>46</sup> Na pronúncia dos entrevistados em que a labiodental /v/ foi trocada pela bilabial /b/.

No que se refere aos tipos de peneira, os adjetivos que acompanham este substantivo são motivados pela espessura da malha deste instrumento de trabalho usado na etapa da lavagem do cascalho, em que temos *peneira fina*, *peneira grossa* e *peneira média*: “É as três peneira que usa {...} é que usa {...} só três, não, pode usá quato tamém, tem lugá que ês usa quato “{...} era a fina, a média, a grossa” (G6E1).

*Piã* ou *pinhão* (Anexo I) eram as lexias que se referiam às facetas do diamante, “falava doze piã ma[is] tinha muito mais purqu’era todo afacetado, num podia vendê um diamante daquele na época não {...} tinha que tê guardado né (*risos*)” (G5E1). Buscamos por estes itens lexicais no acervo lexicográfico utilizado para pesquisa em que encontramos apenas *piã* definido como “brinquedo cônico, ger. de madeira e com ponta metálica, que, desenrolando-se de um cordel ao ser lançado, gira rapidamente” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Acreditamos que a motivação advenha do formato das facetas que lembram o do brinquedo. Quanto à lexia *pinhão*, poderia ser o caso de uma variação na pronúncia, pois não o encontramos registrado, mas se levarmos em consideração que se trata de uma comunidade restrita de falantes, pode se tratar de outra lexia criada para também nomear as facetas do diamante.

*Piçarra* é uma palavra de origem<sup>47</sup> espanhola que significa “cascalho miúdo; terra com areia e calhaus; pedreira” (CARVALHO; DEUS, 1916, p. 694) ou “material encontrado logo abaixo do cascalho diamantífero” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Estas definições apresentadas vão ao encontro da fornecida pelos garimpeiros:

piçarra é aonde... é o chão limpo onde terminô o depósito de cascalho {...} num tem mais nada, virô laje pura, é onde a ‘labanquinha tiniu na laje, é porque num tem cascalho né, intão ali é piçarra, intão o camarada chega lá ele, ele, quem tá l’em cima sabe” (G3E1).

Percebemos, assim, que esta lexia pertence ao vocabulário de garimpo de diamantes, algo que pudemos comprovar tanto pelos dicionários quanto pelas abonações retiradas das entrevistas transcritas.

*Picuá* (Apêndice C) é uma lexia de origem<sup>48</sup> tupi, uma espécie de balaio ou cesto utilizado pelos índios. Já no garimpo, era uma “peça ger. de chifre em que os mineiros guardam diamantes” (HOUAISS; VILLAR, 2009) ou:

---

<sup>47</sup> Ver Nascentes (1966), p. 580.

<sup>48</sup> Ver Nascentes (1966), p. 580.

Picuá é de guardá o diamante {...} é um canudim assim, piquenim assim, curtim assim (*gestos*) tem gente que faiz uns grande, sabe, mais ele é mais ou meno assim (*gestos*), é... ês vem cuma tampinha, ro[lh]inha de... buriti ou ro[lh]inha de dessas coisa e picuá num pode se[r] vidro {...} não, picuá tem que se[r] osso ou madera, quê o vidro quebra né, diamante corta o vidro {...} aí é picuá de vidro num é apropriado pa guardá diamante, eu, eu é de, a gente faiz ele se põe dé, faiz de... é canela de lobo, o picuá, iss' é bom... é {...} picuá, canela de lobo, ôtos faiz cum cipó [...] né ôtos faiz cum taboca (G6E1).

Neste caso, assim como em *piçarra*, temos uma *lexia* que pertence ao vocabulário de garimpo, que provavelmente passou a ser utilizada pelos garimpeiros por uma extensão de sentido.

*Pingo d'água* é o nome de uma forma de diamante com aparência muito semelhante à da pedra preciosa e, provavelmente, porque lembrava um pingo de água, pois era praticamente transparente, “a mió forma pu diamante era o pingo d'água {...} mêma coisa do diamante, a meió forma pa dá diamante era o pingo d'água, a num se[r] a ferrage” (G8E1).

*Poção*, *Poção do Wilson* e *Poção do Jacinto* são topônimos que nomeiam três trechos de garimpo distintos, cuja motivação não foi explicitada, assim como em *Pedra furada*, em que nos foi explicado apenas a localização do primeiro: “Poção {...} é... [...] na balsa aqui, na balsa aqui, aqui na balsa é onde pegava diamante tamém” (EG1E1). Acreditamos que seu nome muito tem a ver com o aspecto físico do lugar por conta do uso da *lexia* *poção* e, quanto aos que estão acompanhados pelas locuções adjetivas *do Wilson* e *do Jacinto*, provavelmente se referem a algum proprietário ou fornecedor.

*Ponto* era uma unidade de medida utilizada no garimpo para as pedras que não chegavam a atingir um quilate, “quan[do] dava lá uns vinte cinco ponto, trinta ponto, quan[do] cê pegava um... um aí de... cem ponto pur exemplo pra cima aí já mudava o nome, aí esse dá um quilate” (G3E1). É certo que esta palavra encontra-se dicionarizada, mas não neste sentido do garimpo, em que temos um caso de ressemantização da unidade léxica.

*Praia da Cana* é o topônimo que nomeava um trecho de garimpo, cuja motivação está relacionada ao fato de que, no local, havia um canavial: “Praia da Cana era aqui, é puque tinha um canavial, perto lá” (G10E1).

*Praia da forma*, outro topônimo que também nomeia um trecho de garimpo que, segundo os garimpeiros, tinha forma de diamante em abundância e, por isto, recebeu este nome: “Praia da Forma foi um garimpo muito famoso” (M1E1).

*Praieiro* ou *garimpeiro pé de pedra*, como preferem os entrevistados, eram apelidos que aqueles que praticavam o *garimpo de praia* recebiam, o que podemos constatar no trecho

retirado de uma das entrevistas transcritas: “o pé de pedra qu’ês falava, que era o praiero {...} pé de pedra {...} era o que ficava na praia” (M1E1). Assim, *praiero* foi criado a partir da derivação sufixal com o acréscimo no sufixo *-eiro* a palavra base *praia*. No que se refere à lexia *garimpeiro pé de pedra*, faremos das palavras do morador que entrevistamos as nossas:

pé de pedra é pelo seguinte, o cascái rodado, ele incora na pedra e ali acham-se que o diamante fica ali, aí o cara vai ali, ‘tão chama o garimpero pé de pedra... e el’era um poco discriminado... porque geralmente só dava diamante piqueno, os pé de pedra, intão até hoje ainda tem, quando um cara... eu observo garimpero até hoje quando os cara que conviveu cum garimpero, quando ês que[r] disfazê duma, duma pessoa fala ‘*Não, aquilo lá é um cantorzim pé de pedra*’ {...} usa essa expressão até hoje.

Desta feita, a motivação presente através do adjetivo composto *pé de pedra* tem a ver com o fato de que este garimpeiro se servia apenas do cascalho que era arrastado pela correnteza do rio e depositado ali em suas margens, por isto, dificilmente, acontecia de se encontrarem pedras muito grandes.

*Quebrar o pau* era uma expressão utilizada quando, ao *surucar* o cascalho, saísse alguma pedra de diamante, o que significava ser uma pedra de tamanho considerável “o cara tava lavano o cascái na balsa lá que pegava um diamante, aí ele gritava assim ó ‘*O pau quebrô*’, e pegava, se era de três quilate, pegava três pedra e sabia até o taman[ho] do diamante (*risos*), tinha muito ditado garimpero, né” (G7E1). Não percebemos, neste caso, uma motivação aparente, provavelmente, se trata de uma expressão metafórica muito peculiar a esta atividade.

*Queimar a pedra* se trata de outra expressão utilizada no garimpo para se referir ao diamante que perdeu o valor por conta de um esquema organizado entre os *capangueiros*:

quemá a pedra é pur exemplo, eu vo[u] vendê um diamante, pum pum compradô, pum capanguero {...} é o compradô de diamante, intão... às vez eu chego lá meu diamante, vamo sipô, vamo supô assim, vale deiz mil... aí eu chegô lá eu quero vinte mil no diamante, aí nós vai brigá ali, aí cê pega chega, chega, chega, aí ele te fala assim ‘*Te dô nove mil e quinhentos no diamante, num dô mais*’, aí às vez eu num quero... aí eu ‘*Não, quero não*’, aí chama quemô o diamante, quê aí ele vai passá pos ôtos compradô tudo, aí todo lugá que ocê fô, aquele preço tá lá, eles num fala pro cê não, o ôto compradô lá num fala, mais ele lá sabe, o ôto já passô pra ele, ‘tão cê chega lá pa mostrá o diamante ele ‘*Ah, esse diamante seu dô oito mil nele, cê quisé*’ ou chega n’ôto é sete, intão chama quemô o diamante, sabe... qu’ele dá aquele preço cê num intrega né, aí ele passa pros ôtos compradô, qu’ele tudo [a]liado né, é tudo sóci[o] né, aí eles quema o diamante, aí vai até que cê vend’ele até por cinco mil quais[e] (G6E1).

Acreditamos que o verbo *queimar* tenha sido usado metaforicamente no sentido de que se “destruiu” o valor do diamante, como acontece quando algo se queima; o complemento verbal *a pedra* tem sua motivação ligada à própria pedra preciosa.

*Quilate*, lexia de origem árabe<sup>49</sup>, já conhecida pela maioria dos falantes, podemos dizer inclusive que ela já foi incorporada ao léxico geral da língua, porém, ela pode ser considerada específica, pois em seu sentido denotativo, é usada exclusivamente como “unidade de medida de peso us. para diamantes, correspondente a 200 mg” (HOUAISS; VILLAR, 2009) ou “máxima perfeição e pureza do ouro e das gemas; o peso correspondente à vigésima parte da onça [...]” (NASCENTES, 1916, p. 733).

As lexias *rasteira* ou *rastra* se referem ao “lugar raso que num precisava de mergulho {...} é chamava rastera” (G5E1). Encontramos apenas a primeira registrada no dicionário, no entanto, todas as significações se referem ao golpe dado com as pernas e, em outros casos, à atitude desonesta. Porém, em Nascentes (1966), ela se encontra dicionarizada, mas flexionada no masculino e, apesar de não fazer menção ao garimpo, o significado desta acepção<sup>50</sup> se aproximaria mais do que é usado no garimpo, o que poderia ser uma extensão de seu sentido, pois a definição se refere a água em um nível muito baixo, que vai ao encontro da explicação dos entrevistados.

*Rubim* era um tipo de diamante muito raro que recebeu este nome por conta de sua coloração avermelhada. Esta lexia encontra-se dicionarizada tanto em Carvalho; Deus (1916) como em Houaiss; Villar (2009) como o mesmo que rubi, outra pedra preciosa conhecida por sua coloração vermelha. Acreditamos que a motivação possui uma ligação com a cor do diamante, que lembra ou se parece com a da outra pedra preciosa.

*Sinal de canoa morta* era um tipo específico de sinalização realizado através da corda que ficava amarrada no *saco de couro* para avisar ao mergulhador “quando ia cabê só mais dois saco que num podia pô mais, porque o cascái era muito pesado, né, intão a gente dava o sinal de canoa morta” (G3E1), como já explicamos anteriormente ao apresentarmos as lexias *matar a canoa/matar o cocho/ matar o pau/ canoa morta*. Assim, a motivação presente na locução adjetiva *de canoa morta* está relacionada especificamente à lexia *canoa morta*. Sobre o item *sinal* trata-se de fato de um sinal como forma de comunicação entre o mergulhador e o *corre-dinheiro*.

*Suicidar o mergulho* era uma expressão utilizada nas ocasiões em que:

---

<sup>49</sup> Ver Nascentes (1966, p. 627).

<sup>50</sup> Para Nascentes (1966, p. 636): “a roda deste engenho é movido por água que procede de um nível muito baixo”.

a pessoa ia pa tirá o mergulho, às veiz tava muito cascái né, discia e por uma razão ou ôto ele num conseguiu mandá o cascái e se ele puxava o saco lá e mandasse um, que seja um litro de cascái e saisse im cima ele perdeu o mergui {...} suicidô” (G10E1).

Percebemos que o verbo *suicidar* é usado em forma de metáfora, no sentido de que o mergulho foi finalizado antes da hora.

*Suruca*, *surucona* ou *surucão* são as três lexias que nomeavam a peneira mais grossa utilizada ainda no leito do rio, “Porque a pinera, a pinera é grossa, essa, essa num vai pa lavá não, ess’ é só lá im riba da canoa {...} grossa assim, ó (*gestos*) passa as pedra desse taman[ho] só” (G8E1). Encontramos a lexia *suruca* dicionarizada<sup>51</sup>, mas como um tipo de aguardente, no entanto, em Nascentes (1966, p. 706), temos *sururuca* “do tupi suru’ruka. Peneira e planta”. Desta lexia base *suruca* derivam as outras duas: *surucona* (derivação sufixal com o acréscimo do sufixo formador –ona) e *surucão* (palavra flexionada no grau aumentativo).

*Surucar* trata-se de uma lexia já registrada como o ato de “vir abaixo, desmoronar, ruir (esp. terra); afundar, desabar”. Assim, temos duas hipóteses: a primeira é que este item lexical poderia ser utilizado no garimpo por uma extensão de sentido, o que não fugiria muito, já que *surucar* o cascalho é o momento em que o cascalho diamantino “vem abaixo”, separando-se das demais pedras. A segunda e a que adotamos a partir da análise do *corpus* se trata de outra palavra, uma derivação regressiva motivada pelo nome da peneira:

Porque a pinera, a pinera é grossa, essa, essa num vai pa lavá não, ess’ é só lá im riba da canoa {...} grossa assim ó (*gestos*) passa as pedra desse taman[ho] só {...} suruca {...} é [e]la é larga... suruca, passa as pedra, pa num passá as pedrona grande, pa num estrová nós lavá cascái, senão num junta forma (G8E1).

*Suruquinha*, diminutivo de *suruca*, porque “a malha dela é um poco menor {...} é... porque muitas veiz a suruquinha {...} ela, ela batia, ela também quando o cascalho tinha muita forma” (G3E1).

*Terno de peneiras* (Apêndice B) “É as três penera que usa {...} é que usa {...} só três, não, pode usá quato tamém, tem lugá que ês usa quato {...} era a fina, a média, a grossa, a suruquinha e a suru’a sucucona tamém, tem a surucona” (G9E1). Ou seja, é o conjunto de peneiras, em que segundo os garimpeiros, as três principais eram a grossa, a média e a fina, o que melhor justifica o uso do item *terno* “conjunto de três entidades, seres, objetos etc. de

<sup>51</sup> Ver Houaiss; Villar (2009), versão eletrônica.

igual natureza; trilogia, trio, trindade” (HOUAISS; VILLAR, 2009); e a locução adjetiva *de peneiras* é motivada pelo objeto que compõe cada terno, neste caso, a peneira.

*Três Ilhas* é o último topônimo que registramos responsável pela nomeação de um trecho de garimpo. Como noutros casos apresentados, não encontramos algum dado que justifique esta nomeação, mas acreditamos que possa haver uma relação com algum aspecto físico do local.

*Troca de escala* era a ocasião em que o mergulhador da vez desistia de descer e propunha a algum companheiro ir em seu lugar para, depois, dividirem o lucro, um caso de *mergulho a vinte cinco*:

ele pegava e me chamava, se eu acha interessante, saí da minha, ele ia pra minha escala, o que eu tava fazendo, se eu tivesse bateno bomba ele ia batê bomba no meu lugá, mergulhava no... chamava troca de escala né... aí ele mergulhava vinte cinco cumigo lá e eu ia fazê a escala dele, iss'áí era uma coisa eventual que acontecia, né, mais era comum {...} Aliáis, todo dia dava isso im cima da balsa (G3E1).

Temos, então, o verbo *trocar*, pois de fato havia uma troca e *de escala* porque isto acontecia dentro da escala, com a alteração das funções.

*Veia de cascalho* refere-se a lugares específicos em que o cascalho diamantífero está aglomerado. Durante as entrevistas, nossos informantes sempre pronunciavam *veia*, mas encontramos dicionarizado o item léxico *veio*, com a rubrica<sup>52</sup> da mineralogia, cuja definição vai ao encontro da que nos foi fornecida: “a veia de cascái é o lugá que tem mais forma que segue” (G7E1).

*Vice-parasita*, dentro da escala, era uma função intermediária em que além de ajudar na bomba, quando necessário, deveria prestar auxílio ao *parasita*: “Ele batia bomba, juntos c’os bombero mais hora que fosse descarregá a canoa ele ia junto com o parasita, era os dois” (G10E1). Sendo assim, na próxima escala a ser tirada, o *vice-parasita* passaria para a função de *parasita*, por isto o acréscimo do item *vice* na criação desta unidade léxica.

*Virar a peneira* ou *bater a peneira* (Anexo H) é quando “cê lava o cascái, aí cê vai batê a penera, cê lava, junta a forma, depois cê vai lá e bate {...} é bate a pinera {...} fica... fica a forma por cima certim” (G6E1), ou seja, estas lexias são motivadas pelo movimento

---

<sup>52</sup>“m.q. *veiro* ('depósito mineral') [...] as minas, camada mineral que se pode explorar; filão [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009).

que o garimpeiro fazia com a peneira ao virá-la no chão, de maneira que a forma caía toda aglomerada, assim, acontecia de sair um *diamante croado* ou *embuchado*.

*Xibio* (Apêndice A) era o diamante pequenino, sua etimologia é obscura e encontra-se dicionarizado, definido como “diamante pequeno (us., p.ex., para cortar vidro)” (HOUAISS; VILLAR, 2009) e pelos garimpeiros como: “É xibiu {...} xibiu {...} é xibiuzim, piquininim, às veiz nem dava lapidação” (G3E1).

Ao chegarmos ao fim desta primeira análise, percebemos o quanto o vocabulário destes garimpeiros se ajusta às suas necessidades de compreensão e nomeação do universo extralinguístico a sua volta, que neste caso, se trata do ambiente de trabalho e tudo o que ele abarca (objetos, ferramentas, afazeres), revelando a criatividade lexical destes homens. Homens que dizem não ter muita habilidade com papel e caneta, mas, que sem perceber, usam as palavras que, materializadas nas transcrições, deram forma ao *corpus* de pesquisa aqui apresentado.

### 3.2 O rio linguístico em trechos lexicais

Como foi discutido anteriormente, estruturamos as lexias selecionadas em campos lexicais, mas, antes, gostaríamos de fazer uma pequena ressalva. Tanto Coseriu (1977) quanto Geckeler (1976), ao teorizarem sobre os campos, fazem uso do termo *lexema*; no entanto, devido à particularidade do nosso *corpus*, trabalharemos com lexias por questões teórico-metodológicas, como foi explicitado anteriormente. Assim, no momento em que utilizarmos as abonações, estaremos lidando com lexias e quando as mesmas estiverem organizadas dentro dos campos, nos serviremos do conceito de *lexemas*.

Além disto, Geckeler (1976) faz uma diferenciação entre *lexema* e *arquilexema*, em que o estudioso explica que o primeiro corresponde

aos membros de um campo lexical, ou seja, as unidades léxicas que funcionam em um campo léxico [...] [e o segundo] corresponde, desde o ponto de vista do conteúdo ao significado global de um campo léxico. Representa como denominador comum a base semântica de todos os membros de um campo [...] <sup>53</sup> (GECKELER, 1976, p. 297).

---

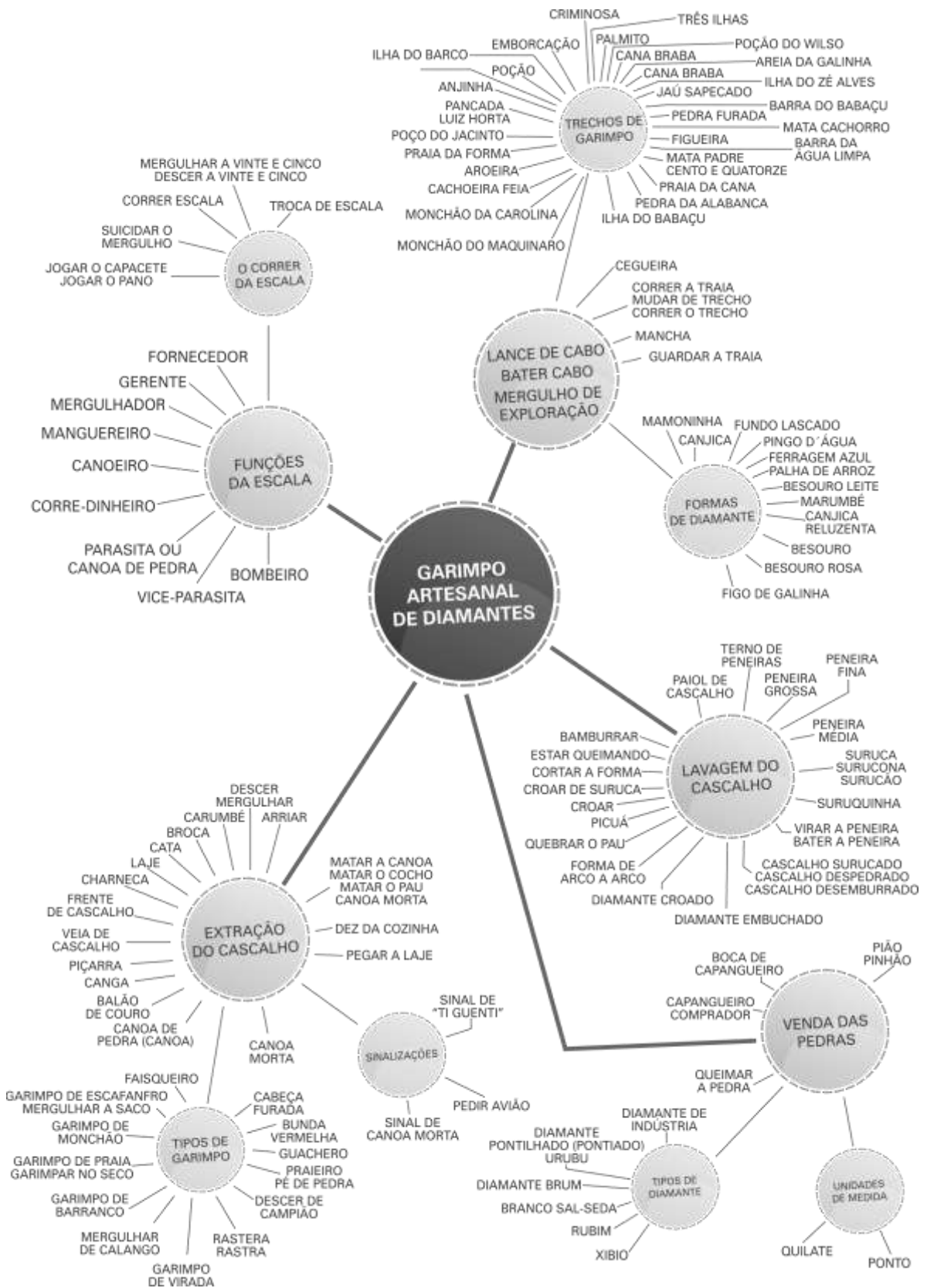
<sup>53</sup> Tradução nossa do original: [...] a los miembros de un campo léxico, es decir, a las unidades léxicas que funcionan en un campo léxico [...] [y segundo] corresponde, desde el punto de vista del contenido, al significado global de un campo léxico. Representa como denominador común la base semántica de todos los miembros de un campo [...] (GECKELER, 1976, p. 297).

Desta forma, como *arquilexema* principal, teríamos o campo *Garimpo artesanal de diamantes*, dividido em cinco macrocampos: *Funções da escala*; *Lance de cabo/bater cabo/mergulho de exploração*; *Extração do cascalho*; *Lavagem do cascalho*; *Venda das pedras*.

Antes de iniciarmos nossas análises, apresentaremos estes campos lexicais através de um quadro ilustrativo, em que no centro temos o campo principal *Garimpo artesanal de diamantes* (*arquilexema*), de onde se ramificam os cinco macrocampos que mencionamos.

Destes cinco, alguns também se ramificam em microcampos, em que do macrocampo *Funções da escala*, temos o microcampo *O correr da escala*; em *Lance de cabo/bater cabo/mergulho de exploração*, os microcampos *Trechos de garimpo* e *Formas de diamante*; em *Extração do cascalho*, os microcampos *Tipos de garimpo* e *Sinalizações*; e, no último macrocampo *Venda das pedras*, ramificam-se os microcampos *Unidades de medida* e *Tipos de diamante*.

### 3.2.1 Quadro ilustrativo dos campos lexicais



### 3.2.2 Garimpo artesanal de diamantes

O *arquilexema* “Garimpo artesanal de diamantes” foi dividido em cinco *macrocampos* que se subdividem hierarquicamente em *microcampos*. Estes *macrocampos* foram estruturados sequencialmente obedecendo à lógica das atividades realizadas, em que cada um destes campos está correlacionado com as etapas seguidas pelos trabalhadores no ambiente de trabalho.

Nesta sequência, temos as *Funções da escala*, previamente estabelecidas no momento em que o garimpeiro mais experiente seleciona os mergulhadores para compor a turma. Isto definido, eles seguem para procurar o local que, no seu entendimento e experiência, está mais propício para se encontrar pedra preciosa. Esta etapa é por eles nomeada de três formas: *Lance de cabo, bater cabo, mergulho de exploração*.

Depois que os garimpeiros se decidem pelo local, se preparam para o procedimento de *Extração do cascalho*, e o mergulhador da vez desce para o fundo do rio para retirar o cascalho.

Esta parte da extração ocorre no período de segunda a sexta-feira, em que os sábados e domingos são reservados para a *Lavagem do cascalho*, momento mais apreensivo da atividade, pois é neste processo que o garimpeiro tem a esperança de “tirar a sorte grande” e fazer valer todo o esforço da semana. Quando isto acontece, eles comemoram soltando foguetes, fazendo barulho com as ferramentas ou fazendo festa dentro do rio, movimentos que servem de sinal para os comerciantes de diamantes, iniciando, assim, a última etapa da semana de trabalho: a *Venda das pedras*.

Desta forma, dentro de cada um dos *macrocampos* apresentados, foram estruturados *microcampos*, que apresentaremos adiante. Adotamos o modelo de organização de Xavier (2012) para melhor organizarmos os campos lexicais de nossa pesquisa: primeiramente, teremos um quadro com as *lexias* e as *abonações* e, em seguida, a explicação detalhada, em que melhor exporemos a relação de cada uma com as demais, justificando, assim, a sua presença dentro daquele determinado campo. Aqui, as *lexias* não estão dispostas em ordem alfabética, mas na sequência da lógica de organização do garimpo; dito de outra forma, neste caso as unidades lexicais encontram-se estruturadas de acordo com a sua relação com o extralinguístico e na sistemática relacional do fluxo das narrativas dos entrevistados.

### 3.2.3 Funções da escala

Quadro 1 – Macrocampo *Funções da escala*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
bombeiro	“gastava quato bombero, dois... que a bomba tinha dois saril, duas manivela dum lado e d’ôto tinha que tocá de dois, né” (G5E1).
vice-parasita	“Ele batia bomba, juntos c’os bombero mais hora que fosse descarregá a canoa ele ia junto com o parasita, era os dois” (G10E1).
parasita	“Ele era descarregadô de pedra. Todo faiz aquele serviço, todo eles, todo mundo faiz, parasita {...} só sucucá o cascái e jogá as pedra fora {...} é aque[la]s pedra que sucura joga no mato” (G2E1).
corre-dinheiro	“corre-dinheiro {...} é purque ele ficava só no mei’do sarilho pá atendê o sinal do mergulhadô {...}” (G2E1)
canoero	“o canoero é que tá na canoa, ele fica por conta de surucá o cascái assim” (G6E1).
manguereiro	“ele ficava sempre cum manguero ali, na proa, que qualqué coisa ali [a]normal tinha que dá nutiça, se o cara rodasse ali pur exemplo uma água forte, no manguero ali cê sabia, que o manguero ia forçava sua mão, e se o cara viesse tamém imhora ele sabia que pel’as bôia que o capacete sortava ele sabia que o cara tava vin’imhora {...} e aí ele ajudava colhê o manguero pra cima” (G10E1).
mergulhador	“É, ali tinha, às veiz o cumpade (...) tava l’embaxo, né {...} ele é mergulhadô” (EG1E1).
gerente	o gerente é pa oiá tudo, num dexá acontecê nada {...} suponhamo, uma veiz o cara tava assim mais divagá na bomba, ‘ <i>toca mais depressa, toca mais dipressa, num pó pará não</i> ’ {...} ficava oiano né, às veiz tinha o manguerero também né, pá num... num discuidá do bom’ da da manguera né” (G4E1).
fornecedor	“o fornecedô, ele dá a despesa, trata, né, das despes[as] dos garimpero, né, leva de tudo, né, garimpero leva só a ropa de durmi e a ropa do corpo só né, aí o fornecedô que fornece dá a cumida, tudo é por conta do fornecedô” (G6E1).
<i>Correr da escala (microcampo)</i>	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
correr escala	“é purque pur exemplo, eu tô no manguero aqui, o cumpanhero tá no fundo, ele saiu é eu {...} e o que tá na canoa vem po manguero, corren’a, a escala” (G6E1).
mergulhar a vinte e cinco/ descer a vinte e cinco	“pur exemplo, às veiz tinha um chega no lugá tinha medo de i[r]... ele ficava co’medo dava pra um que tinha corage a vinte cinco... aí é vinte cinco por cento, cê pegava um diamante vindia, vamos supô vende por cem mil, cinquenta é do fornecedô, vinte cinco do merguiadô e vinte cinco do ôto que deu o mergulho, ess’ é o vinte cinco qu’ês falava” (G6E1).
troca de escala	“ele ia pra minha escala, o que eu tava fazeno, se eu tivesse bateno bomba ele ia batê bomba no meu lugá, mergulhava no... chamava troca de escala, né...” (G3E1).
jogar o capacete	“Não, quando ês falava que jugav’o, jugava o capecete, falava assim: ‘ <i>Cê jogô o pano</i> ’” (G10E1).
suicidar o mergulho	“Quando a pessoa ia pa tirá o mergulho, às veiz tava muito cascái, né, discia e por uma razão ou ôto ele num consigui mandá o cascái e se ele puxava o saco lá e mandasse um, que seja um litro de cascái e saísse im cima ele perdeu o mergui {...} suicidô” (G10E1).

Org. G. G. Jeronimo (2014).

Através deste macrocampo podemos compreender a organização dos garimpeiros no leito do rio e a função que cada um exercia em cima da balsa.

Na maioria das vezes, o *fornecedor*, dono das máquinas, procurava por um garimpeiro de sua confiança para gerenciar a balsa; geralmente, o *gerente* era o mergulhador mais experiente, que seria responsável pela escolha do restante da turma, como também pela verificação quanto à segurança do lugar escolhido para a extração das pedras, sendo este o primeiro a mergulhar.

Quando o mergulhador que estava no fundo considerava o seu trabalho por encerrado, retornando à superfície, o próximo a descer era o *manguereiro*, aquele responsável pela vigilância da mangueira por onde o ar fornecido pelas bombas chega até o garimpeiro que está trabalhando.

Aquele que estava na função da separação do cascalho “bom” das pedras inúteis era o *canoeiro*, o próximo a ir para o ofício de *manguereiro*. Junto com ele ficava o *corre-dinheiro*, cujo papel era receber os sinais daquele que estava garimpando e puxar para a balsa os sacos cheios de cascalho. Depois que o cascalho diamantífero era separado do que não o era, este inutilizável era colocado numa canoa subserviente, onde se encontrava o *parasita*, encarregado de jogá-lo fora, preferencialmente, num lugar mais distante para não “sujar o serviço”.

Chegando às últimas funções da escala, tínhamos o *vice-parasita* que, além de auxiliar o *parasita*, ficava a disposição dos *bombeiros* para revezar no caso de lugares muito fundos em que eram necessários mais homens para tocar a bomba que forneceria o ar ao *mergulhador* da vez.

Esta movimentação da escala com as trocas de funções acontecia toda vez que o *mergulhador* que estava retirando o cascalho voltava para a superfície, o que os nossos entrevistados nomeiam de *correr a escala*. Segundo eles, nem sempre a escala corria nesta ordem por conta de imprevistos que aconteciam, como o caso de algum garimpeiro que *jogava o capacete*, propondo a algum companheiro de balsa que mergulhasse no seu lugar, para depois, dividirem os lucros, no chamado *mergulho a vinte e cinco* ou *descer a vinte cinco*. Alguns contam também que havia ocasiões em que a pessoa descia, mas não conseguia “mandar nada”, o que eles chamam de *suicidar o mergulho*.

Além disto, tinha também a *troca de escala*, um acordo entre os garimpeiros de trocarem de função dentro de uma determinada escala.

Como nos disse um dos garimpeiros “apesar de se[r] um serviço rústico, até funcionava direitinho” (G3E1), em que pudemos perceber que se tratava de uma atividade embebida por companheirismo, confiança e sonhos.

### 3.2.4 Lance de cabo, bater cabo, mergulho de exploração

Quadro 2 – Macrocampo *Lance de cabo, bater cabo, mergulho de exploração*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
mancha	“mancha na nossa language de garimpero é um lugá onde dá muito diamante e... onde ele concentra mais e tal que sai mais diamante por... né” (G3E1).
correr a traia/ mudar de trecho/correr o trecho	“Corrê o trecho é quando cê ia mudá de local, ia descê ri[o] abaxo ou ri[o] acima que seja, né” (G10E1).
guardar a traia	“aí cumeçava as chuva, né, o ri[o] inchia e com ri[o] chei’ a gen[te] num merguia né, pirigoso... corre muita maderá, roda, ‘tão aí a gente <i>É vamo guardá a trai’</i> (risos) a gente ia, como diz o ôto, guardá a traia e esperá par’o ano, né” (G6E1).
<i>Trechos de garimpo (microcampo)</i>	
Mancha Velha	“Mancha Véia, era aqui ó, Mancha Véia era mancha mes[mo], diamante ond’ é que cê pegava diamante de noite, é ali, ó ( <i>gestos</i> )” (G8E1).
Jaú Sapecado	“Porque {...} pegô um jaúzão grande mes[mo] e ele num murria, e o caboco sapequ’ele, sapecá ele, sapecô, pois fogo mai[s] num ‘marrô não, sabe, o jaú [...] vai imbora uai, ele tchup! Den’d’água, ‘té hoje, nunca mais viu ele o jaú, Jaú Sapecado, ficô cum nome de Jaú Sapecado” (G8E1).
Pedra Furada	“‘tão a gente falava: <i>‘Vamo lá pa Pedra Furada... Ah vamo, vamo passá um lance de cabo lá na Pedra Furada’</i> ” (G6E1).
Figueira	“A Figueira é porque tinha um, uma árve de gamelera ela dá figo, dá uns figuim sabe, tinha muita árve de gamelera” (G9E1).
Mata Padre/ Cento e quatorze	“disse que teve uma canoa que foi visitá, mexeno cum garimpo, ês levar’um padre pa vê e a canoa bateu numa pedra e... quê era uma pancada muito feia, né, aí bateu numa pedra e o padre morreu” (G10E1).
Praia da Cana	“Praia da Cana tinha um canavial lá” (M1E1).
Cana Braba	“Cana Braba é lá na ponte Estelita, bem quase dibaxo da ponte, por baxo lá um poquim da ponte, Cana Braba é lá, é garimpo” (G6E1).
Palmito	“Palmito é que ele tinha aquês coquero de palmito lá” (G9E1).
Emborcação	“Emborcação é ond’ é que tem a barrage, onde fez a cerca da barrage” (G9E1).
Poção	“Poção {...} é... [...] na balsa aqui, na balsa aqui, aqui na balsa é onde pegava diamante tamém” (EG1E1).
Pancada do Luiz Horta	“Pancada Luiz Horta {...} é... é... ond’ é que a máq[ui]n]a bombardiô” (G7E1).
Praia da forma	“Praia da Forma foi um garimpo muito famoso” (M1E1).
Poço do Jacinto	“Poço Jacinto, Pancada Luiz Horta {...} é... é... ond’ é que a máq[ui]n]a bombardiô, tem Mata Padre {...} é... Gamela, Anjinha” (G7E1).
Anjinha	“É porque tinha uma velha morava lá perto lá e garimpava, gostava de garimpá {...} é... garimpava, intão ficô o nome dela {...} Ainjinha”

	(G7E1).
Aroeira	“Aruera é purque a madeira que tem lá é Aruera” (G7E1).
Cachoeira Feia	“Cachoera Feia, qu’era cachoera muito feia né {...} ês punha’pilido de Cachoera Feia e é assim por diante” (G10E1).
Monchão da Carolina	“É, Carolina, tinha o monchão Carolina, Carolina morreu lá, é monchão, mais é garimpo {...} é garimpo, monchão” (G8E1).
Monchão do Maquinário	“Monchão do Maquinaro aqui, puque muitos ano atrás teve uns alemão aí que troxe um maquinaro pa lavá o cascái, sabe? Aí ês pois Monchão do Maquinaro” (G10E1).
Pedra da Alabanca	“tinha Pedra da alabanca l’em cima, tinha Ilha do Babaçu, tinha Criminosa, tud’ é trecho” (G8E1).
Ilha do Babaçu	“Ilha do Babaçu é im cima, é puque é uma ilha, uma ilha, onde o ri[o] abria por lá e por cá assim e fazia, e ela ficava no mei’eu já garimpei lá, e na ilha era o puro babaçu {...}” (G10E1).
Criminosa	“Criminosa, porque morreu gente lá, né, a água braba dimais, canoa, canoa lá nós passava na mão, canoa puxano, se descesse cum tudo tava morto, murria tudo, morreu uma canoada de gente lá, parece” (G8E1).
Barra do Babaçu	“Barra do Babaçu que era um corgo que chamava Babaçu e desaguava no rio Paranaíba, ‘tão não sei te contá de garimpo” (M1E1).
Mata Cachorro	“Mata Cachorro é porque a água fazia um rebojo, dizia que cachorro caía lá e num dava conta de saí, ‘cabava morreno afogado, qu’ela, tinha uma época ali que a água fazia um ridimuim e quem caísse lá tava morto” (M1E1).
Barra da Água Limpa	“Barra da Água limpa, qu’ é o corgo da Água limpa que também deságua no Paranaíba, também” (M1E1).
Ilha do Zé Alves	“Ilha do Zé Alves, que era uma ilha, também tinha garimpo dento da ilha, de monchão dento da ilha” (M1E1).
Areia da Galinha	“Areia da Galinha era um garimpo grande, lá ficô máquina muitos ano” (M1E1).
Poção do Wilson	“Poção do Wilso, Barra do Barrero, depois Três Ilha, Ilha do Barco e Cachoera Feia {...} tinha uma cachoera feia lá” (M1E1).
Três Ilhas	“depois Três Ilha, Ilha do Barco e Cachoera Feia {...} tinha uma cachoera feia lá” (M1E1).
Ilha do Barco	“Ilha do Barco, Barra do Barrero... Poção, Porto, Areia da Galinha ( <i>risos</i> )” (G5E1).

#### Formas de diamante (*microcampo*)

Forma	“é o que denuncia é através da forma né, da formação da... do cascalho que a gente trabalhava cum ele” (G3E1).
mamoninha	“mamoninha, uma pedra chumbadinha assim que dava” (G10E1).
palha de arroz	“forma tinha a páia de arroz, fundo lascado, ferragi, marumbé e canjica, né... ferrage é azulim, marumbé é desse cor aí do sofá ( <i>gestos</i> ) ‘marelim assim” (G4E1).
fundo lascado	“o fundo lascado que nós fala, é assim tipo duma limalha de ferro” (G5E1).
pingo d’água	“a mió forma po diamante era o pingo d’água {...} mêma coisa do diamante, a meió forma pa dá diamante era o pingo d’água, a num se[r] a ferrage” (G8E1).
ferragem azul	“hora que achava ferrage azul ficava loco, aí à noite ele sonhava cum aquela coiserada” (M1E1).

besouro leite	“tem bisorro rosa, bisorro leite que nós falava né, o rosa é cor rosa mes[mo] sabe” (G5E1).
marumbé	“tinha marumbé qu’era uma pedrinha muito ‘marelinha, tinha a palha de arroz qu’ês falava” (G10E1).
canjica	“Aí tava perto do diamante {...} canjica, marumbé {...}” (G4E1).
canjica reluzenta	“canjica reluzenta que nós fala {...} canjica reluzenta, tinha bisorro” (G5E1).
besouro	“canjica reluzenta que nós fala {...} canjica reluzenta, tinha bisorro” (G5E1).
besouro rosa	“tem bisorro rosa, bisorro leite que nós falava né, o rosa é cor rosa mes[mo] sabe?” (G5E1).
Fígado de galinha	“figo de galinha, qu’ês falava {...} é porque é [...] igual figo mêmô, lapido assim é a mêmô coisa de figo de galinha assim” (F1E1).
chicória	“chicória é assim, uma pedra cor de vinho, sabe?” (G5E1).

Org. G. G. Jeronimo (2014).

Este campo lexical se refere especificamente à etapa correspondente a “batê cabo, batê cabo é explorá {...} é explorá, merguíá aqui e ali até achá o cascái, aí caçá o caicái é explorá que fala” (G7E1), ou seja, o *lance de cabo* é o momento em que os garimpeiros estão a procura do local ideal para montarem a balsa e ali acamparem.

A pista oferecida pela natureza, no período do *mergulho de exploração*, são as *formas* de diamante, um tipo específico de cascalho que o garimpeiro, por sua experiência, intuirá se ali é um bom lugar para trabalhar. Disto resultaram os nomes das *formas de diamantes* que, de acordo com as descrições oferecidas nas abonações acima, podemos confirmar a questão da semi-motivação do signo linguístico discutida no capítulo anterior, o que também se torna notável na nomeação dos *Trechos de garimpo*, em que temos a *Mancha Velha*, descoberta em 1944, ficando famosa pela abundância em diamantes e marcando o início do apogeu da atividade garimpeira em Três Ranchos.

Aqui, aparecem os termos *correr a traia/ mudar de trecho/correr o trecho*, nomeações que os entrevistados dão na ocasião em que a turma resolve mudar de lugar por conta da notícia de alguma *mancha*, região em que são encontrados muitos diamantes, ou pela razão de aquele *trecho de garimpo* não estar muito propício para o *bamburro*.

Quando a temporada de garimpo acaba, com o início das cheias, é hora de *guardar a traia* e esperar pelo próximo ano.

Através deste campo lexical conseguimos compreender que acima de qualquer conhecimento geológico e geográfico, está a experiência destes homens que adquirem o saber por meio do empírico, do ver, do tocar, do arriscar-se nas profundezas dos rios apenas pela força da intuição, da crença, da superstição.

### 3.2.5 Extração do cascalho

Quadro 3 – Macrocampo *Extração do cascalho*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
Arriar	“É vistia a ropa, arriá {...} é... ond’ é que ‘marra ele tudo, põe peso nas costa, nas frente, no peito, tem que descê cum peso danado” (G8E1).
desarriar	“disarriá é tirá o equipamento lá no fund’água jamais alguém consegue” (G3E1).
carumbé	“carumbé é uma ferramenta de garimpo que tem de trabalha, sabe? [...] É um vasilhame de de de lata, tipo duma batêia é uma batêia im ponto piqueno sabe” (G3E1).
Cata	“Cata é o buraco onde {...} onde tá tirano o cascalho que ele afundô dimais, deu um dismonte muito grande, quê o dismonte...” (G3E1).
charneca	“charneca é às veiz é um sirvicim mei’oculto que tinha e o garimpero quiria escondê do ôto mesmo no fund’água” (G3E1).
frente de cascalho	“É, é a parede que formasse aí é a frente... frente de cascái” (G6E1).
veia de cascalho	“a veia de cascái é o lugá que tem mais forma que segue” (G7E1).
Canga	“a canga é o cascalho carbonizado, mes[mo] que cê fazê uma massa de concreto e {...} ‘tendeu?” (G5E1).
balão de couro	“o cara pra... pa mandá o cascalho ele tinha que ajeitá bem o balão de coro lá, o saco lá, posicioná ele bem posicionado pa ele podê inchê” (M1E1).
canoa de pedra (canoa)	“é o parasita e o canoero, o canoero é d’ôto lado e o parasita dento da canoa de pedra” (G8E1)
canoa morta/ matar a canoa/matar o cocho/matar o pau	“Aí hora que inchiá uma canoa... na nossa language é canoa morta, sabe. {...} matô a canoa” (G3E1).
cascalho chorando	“É... num sei, tem tanta coisa... uns falava que tava chorano, ôtos falava tá derreteno ( <i>risos</i> ) quan[do] tava, dava iss’aqui, dava muita forma” (G5E1).
dez da cozinha	“ês merguiava pra ele, mandava deiz saco, todo dia mandava deiz saco pu cuzinhero” (G8E1).
Piçarra/pegar a laje	“‘Peguei a laje hoje’ que[r] dizê, pegô a piçarra, fundô né {...} aí pra baxo num tinha mais nada, era só até ali na piçarra né” (G6E1).
<b>Tipos de garimpo (microcampo)</b>	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
garimpo de escafandro / mergulhar a saco/garimpo de leito	“O garimpo de iscafandro ele sai lá do fun’do ri[o] vai pro barranco e tal, ele beneficiado im cima lá da balsa” (G3E1).
garimpo de monchão	“É o garimpo, que eles fala garimpo de monchão, iss’ aí o camarada cava o cascalho no seco, dali ele transporta nas carrocinha e tal pra bera d’água pá lavá, sabe?” (G3E1).
garimpo de praia/garimpar no seco	“aí cum a água até na cintura, né, aí é praia {...}” (G7E1).
garimpo de barranco	“Grupiara é porque é no barranco do ri[o] né, barranco do ri[o], às veiz dá dismonte, tem terra, eles dimunta aquilo na pá” (G2E1).
mergulhar de calango	“Merguiá de calango é porque só tinha... {...} merguiá de calango só tinha a bomba, com a equipamento da bomba e a gente assentava a bomba era no seco, num tinha a balsa, num tinha nada não, aí a pessoa vistia no seco e discia, lá pra den’ d’água” (G6E1).
garimpo de virada	“Ah, virada é muita gente né, muita gente, fazê virada é muita gente, fazê virada, suponhamo uma veiz eu tô tirano aqui né, suponhamo...”

	aí “fundô né o cascái, seca lá im riba lá né, assim vira pra lá, aqui fica no seco assim {...} disvia o ri[o] vira pa lá assim {...} é por isso que fala que é virada {...} disviô ele aí ficô no seco né” (G4E1).
rastera/rastra	“lugar raso que num pricisava de mergulho {...} é chamava rastera” (G5E1).
descer de campião	“tinha duas manera de descê: é... na escada e tinha também de uso... tinha o campião. Campião é um peso amarrado numa corda, sabe? Direto do serviço aí o camarada discia im vez dele usá a escada aí ele” (G3E1).
praieiro/pé de pedra	“o pé de pedra qu’ês falava, que era o praieiro {...} pé de pedra {...} era o que ficava na praia” (M1E1).
guachero	“tinha a turma que era da draga e manda os pauzim, nós chamava de guachero {...} guacho {...} guacho é um passarim que choca assim, junta muito pauzim sabe, ês falava ‘Ó o <i>guarchero</i> {...} aí mandava os pauzim era um balai’ assim de arame sabe tipo um [...] {...} é limpano {...} guachero {...} é pau, assim, folha podre sabe, juntava assim que dava monte, muitas canoa cheia pa tirá [...]” (G10E1).
bunda vermelha	“chamava o do moncão, sabe como que ‘chamava ele? Como que chamava o [...] moncão? É... bunda vermeia {...} é porque ele ficava sentado lá naquela terra vermeia né ( <i>risos</i> ) aí tinha o apilido dele, bunda vermeia [...] tinha esse apilido” (G7E1).
Cabeça furada	“Aquês cara que num dava conta de mandá, de descê, cural qu’ês falava, cural né, qu’ês cara que che’novato, sabe é, aquês novato tava iniciano, às vez num dava conta e tava aprendeno {...} é inexperiente né qu’esse novato ês chamava cabeça-furada” (G10E1).
fisqueiro	“É... lá... garimpo manual... tem argum faisquero lá capaiz, que a gente fala é garimpero que vai por conta própria, manual mes[mo], né” (G3E1).
<i>Sinalizações (microcampo)</i>	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
sinal de canoa morta	“a gente calculava, quando ia cabê só mais dois saco que num podia pô mais, porque o cascái era muito pesado né, intão a gente dava o sinal de canoa morta” (G3E1).
pedir avião	“pedi avião é uma saída de emergência... e tanto o mergulhadô dava pá o sinal... aí ele picava o manguero assim ( <i>gestos</i> ) rípidido, sabe? [...] se ele pidisse esse sinal, o camarada que tava no manguero já gritava logo a turma” (G3E1).

Org. G. G. Jeronimo (2014).

Nesta etapa da *Extração do cascalho*, temos um campo extenso estruturado por dois *microcampos*: os *Tipos de garimpo* e as *Sinalizações*.

No caso do *garimpo de escafandro*, também chamado de *garimpo de leito* ou *mergulho a saco*, após tirarem a escala do dia, o *mergulhador* que irá descer é preparado por outros dois companheiros, geralmente o *canoeiro* e o *manguereiro*. Colocam-se os pesos, o escafandro, momento denominado de *arriar* e quando ele retorna, ocorre o processo inverso, o *desarriar*. Existiam duas maneiras de descer: pela escada ou *descer de campião* que era mais arriscado, pois o homem entrava para o fundo do rio de uma só vez.

Como considerado anteriormente, para extrair o cascalho são necessárias algumas ferramentas, como o *carumbé*, espécie de vasilhame que auxilia na retirada do cascalho e bastante utilizado nos *garimpos de virada* que, como o próprio nome define, ocorre um desvio do curso do rio. No *garimpo de leito* e no *garimpo de praia* ou *no seco*, usa-se o *saco de couro* para depositar o cascalho.

No local onde o cascalho é extraído, também chamado de *cata*, vão formando-se *frentes de cascalho* à medida que a perfuração se torna cada vez mais profunda, deixando “visíveis”, ou melhor, tateáveis as *veias de cascalho* que são locais em que a *forma* boa se encontra aglomerada.

Contam os garimpeiros que quando o sujeito que estava no fundo encontrava uma “veia boa”, ele procurava uma maneira de escondê-la dos outros, segredo que era denominado de *charneca*.

Ao atingirem a *piçarra*, “[...] material encontrado logo abaixo do cascalho diamantífero [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009), ou *pegavam a laje*, supunha-se que a extração, ali, chegara ao fim.

No que diz respeito ao tempo que o trabalhador deveria ficar no fundo, a duração dependia das condições do garimpeiro. Quando se tratava de alguém mais experiente e de boa saúde, geralmente, saía apenas nas situações em que não cabia mais cascalho na canoa. No entanto, em se tratando de um iniciante, o chamado *cabeça furada*, acontecia de saírem antes de *matar a canoa/matar o cocho/ matar o pau/ canoa morta*, ou seja, eles não conseguiam encher uma canoa, mesmo com o *cascalho chorando*, isto é, em abundância e fácil de extrair.

Além do cascalho que cada um tirava para si no momento de seu mergulho, o segundo mergulho do dia era reservado para a retirada dos *dez da cozinha*, que correspondiam aos dez sacos de cascalho do cozinheiro.

Quanto aos demais tipos de garimpo, havia também o *garimpo de monchão*, que era realizado fora do leito do rio, em que era preciso, às vezes, de carroça ou caminhão para ajudar na retirada na terra e, justamente pelo constante contato com a terra, os que garimpavam desta forma, recebiam o “apelido” de *bunda vermelha*; já o *praieiro* ou *pé de pedra* era o que optava pelo *garimpo de praia*.

O *garimpo de barranco* como o próprio nome sugere, era realizado nos barrancos que se formavam nas margens do rio por motivos naturais ou não. Já no *mergulho de calango*, a máquina que bombeava o ar era instalada nas margens do rio e o garimpeiro vestido com o escafandro entrava na água, o que visivelmente, segundo os entrevistados, lembravam o réptil.

Anteriormente, quando explicávamos a lexia *fornecedor*, que estruturalmente faz parte do campo *Funções da escala*, dizíamos que era este o responsável por todo o fornecimento, tanto que metade do lucro com a venda das pedras era a ele destinada. Porém, havia aqueles que preferiam garimpar por conta própria: os *fisqueiros*, que trabalhavam na *rastera/rastra*, com a água pegando até a metade do corpo e enchendo o *saco de couro* com os pés, algo que era possível de se fazer sozinho.

Voltando ao *garimpo de escafandro*, como afirmaram os nossos informantes, a vida do *mergulhador* da vez ficava entregue aos companheiros que estavam em cima da balsa. Como não era possível se comunicarem através da fala ou gestos corporais, eles desenvolveram um sistema de sinalização, em que alguns tipos de sinais eram responsabilidade do *corre-dinheiro* que, pela corda onde ficava amarrado o *saco de couro*, avisava quando a canoa já estava cheia, o *sinhal de canoa morta*.

Quando acontecia de o cascalho não estar propício para diamantes, ela apenas jogava o saco sem dar sinal algum. Agora, quando o garimpeiro estava correndo perigo no fundo do rio, ele deveria *pedir avião*, uma sinalização dada na mangueira por onde passava o ar, que ficava sobre os cuidados do *manguereiro*. Este, ao receber o sinal, deveria comunicar toda a turma para retirarem do fundo do rio, o mais rápido possível, aquele que fez a solicitação.

Conseguimos entender, assim, parte da convivência no garimpo, da coragem dos garimpeiros e a confiança necessária no outro. Percebemos também a criatividade do garimpeiro em criar toda uma forma de comunicação com o que o seu meio de trabalho lhe oferecia, isto é, com as possibilidades daquele universo extralinguístico.

### 3.2.6 Lavagem do cascalho

Quadro 4 – Macrocampo *Lavagem do cascalho*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
paiol de cascalho	“cada um tinha o paiol de pô o cascái né... num punha junto não, só punha o cascái junto quand’era bozó” (G6E1)
terno de peneiras	“Chama-se terno {...} terno de penera. É quato penera. Suruca, grossa, média e fina” (G2E1).
peneira grossa	“quand’eu bati a penera grossa eu vi o diamante. Falei: <i>‘Nossa! É um diamante’</i> . Treze quilate e oitenta {...} É um diamantão assim ( <i>gestos</i> )” (G2E1).
peneira média	“pa num pesá dimais na penera fina, intão usa a média, a pinera média, qu’ela tira um bucado da forma, aquela forma mais grossa um poquim fica nela” (G6E1).
peneira fina	“depois tem a fina, é a última {...} intão e[la]s são quato pinera” (G7E1).
surucar	“Surucá? É poque hora que ocê fosse lavá o cascái na pinera tinha já, já tinha as pinera ideal, co’a ma[lha], tinha a suruquinha, a grossa, a média

	e a fina e a surucona que surucava era uma, é a maió” (G10E1).
suruca/surucona/surucão	“Porque a pinera, a pinera é grossa, essa, essa num vai pa lavá não, ess’ é só lá im riba da canoa {...} grossa assim ó ( <i>gestos</i> ) passa as pedra desse taman[ho] só” (G8E1).
suruquinha	“a malha dela é um poco menor {...} é... porque muitas veiz a suruquinha {...} ela, ela batia, ela também quando o cascalho tinha muita forma” (G3E1).
virar a peneira/bater a peneira	“cê lava o cascái aí cê vai batê a penera, cê lava, junta a forma, depois cê vai lá e bate {...} é bate a pinera {...} fica... fica a forma por cima certim” (G6E1).
cascalho surucado/cascalho despedrado/cascalho desemburrado	“ele já é penerado lá, tirado as pedra maior, nós falamo surucado né, o cascalho saía já no jeito de i[r] pá lavadera todo despedrado né, a canoa {...}” (G3E1).
diamante embuchado	“argum sai imbuchado, que ês fala, imbuchado é quando ele num croa, quando ele num croa cê vai lá cê num vê ele e cê vai passá a pazinha, aí cê acha ele às veiz imbuchado {...} é nome imbuchado porque ele num crô” (G6E1).
diamante croado	“Quando, quando a forma é mai[s] baxa cê bate, bate, o diamante saía por ribinha assim ó, croado {...} é pur ribinha, cê já catava ele {...}” (G8E1).
forma de arco a arco	“Que tava pegano chei’ que tava dano os arco da pinera. <i>Forma lá de arc’a arco</i> ’ {...} intão quan[do] nós era soltero e ia no baile que tava bom né, tinha muita moça <i>Th! Moça lá tá de arc’a arco</i> ’ sabia que tava muita, né {...} muita moça ( <i>risos</i> )’ (G5E1).
quebrar o pau	“o cara tava lavano o cascái na balsa lá que pegava um diamante, aí ele gritava assim ó <i>O pau quebrô</i> ’, e pegava, se era de treis quilate, pegava três pedra e sabia até o taman[ho] do diamante ( <i>risos</i> ), tinha muito ditado garimpero né” (G7E1).
Picuá	“era um picuazim assim que nós fazia de osso de trem, pá pô, de guardá o diamante” (G1E1).
Croar	“quando s’ ele croa é porque ele bate ele vem pur cima da forma, aí cê bate cê vê ele” (G6E1).
croar de suruca	“Seria na hora dele surucá saía um diamante muito grande, aí cê imagina o susto” (M1E1).
cortar a forma	“agora o imbuxado cê tem que cortá a forma, pegá uma, uma pazinha e cortá a forma assim pa achá ele, se ele tivé imbuxado {...} é caçano ele, caçano assim ( <i>gestos</i> ), que ele imbuxado” (G9E1).
estar queimando	“Falava que tava quemano dimais (...) num pegava diamante, vasava {...} porque num tava pegano diamante, é cascái quemadô ( <i>risos</i> ) (...)” (G9E1).
bamburrar	“quand’era pedra boa o sinal era de, de, de, tinha arrebetano mêmo... e tinha, eles falava bamburrá, que tinha bamburrado {...} uma boa mêmo” (F1E1).

Org. G. G. Jeronimo (2014).

Esta etapa é constituída por expectativas que *croam* dos homens que ali estão em meio aos paióis, por peneiras que viram, à espera do *bamburro*. É neste momento que o trabalho da semana inteira ganha significado.

O tratamento com o cascalho começa já na balsa em que ele é *surucado*<sup>54</sup> pelo *canoeiro* com o auxílio do *parasita*, no intuito de separar o que é diamantino das pedras inúteis. A criação deste verbo foi motivada devido ao nome da peneira que é utilizada para a realização deste procedimento: a *suruca*, *sucucona* ou *surucão*, peneira de malha mais grossa. Feito isto, o *cascalho surucado* (aquele que passou pela *suruca*) é levado para o *paiol de cascalho* do garimpeiro que o extraiu. Os *paioís* ficavam no leito do rio e cada mergulhador tinha o seu. Eram locais que eles limpavam e organizavam especificamente para depositar o cascalho.

Como foi dito, a lavagem era feita aos sábados e domingos. Desta forma, já nas margens do rio, cada qual com seu *terno de peneiras*, constituído pela *suruquinha*, *grossa*, *média* e  *fina*, quatro peneiras colocadas uma sobre a outra, de acordo com a espessura da malha, da mais grossa para a mais fina, iniciavam-se as lavações, individualmente. Era um momento solitário, acompanhado pela expectativa a cada *bater da peneira*, o ato de chacoalhar o cascalho e virar a peneira, batendo-a no chão.

Com este movimento, o cascalho formava uma roda e, na maioria das vezes, o diamante já saía *croado*, visível por cima da forma; em outros, saía *embuchado*, isto é, por baixo da forma. Nestes casos, era necessário *cortar a forma* com o auxílio de uma *pazinha* para se certificar de que não havia mesmo diamante ali. Vale lembrar que se tinha forma em abundância, os garimpeiros costumavam dizer, ao *virarem a peneira*, que havia *forma de arco a arco*.

Muitas vezes acontecia de o cascalho *estar queimando*, o que significava que ali a sorte não estava favorável, levando-os a *correr o trecho*. Outras vezes, *bamburravam*, pegando boas pedras, “tirando a sorte grande”. A alegria era maior na ocasião em que o diamante *croava de suruca* ainda no leito do rio, quando o cascalho passava pela *suruca*, o que significava *quebrar o pau*, pois como esta é uma peneira de malha bem grossa, o diamante encontrado ali só poderia ser uma pedra de tamanho considerável. Os diamantes de menor extensão eram guardados no *picuá*, uma espécie de recipiente confeccionado com osso de animais ou bambu.

A *Lavagem do cascalho* talvez seja o momento mais esperado e emocionante no ambiente do garimpo. Os garimpeiros anseiam por encontrar a pedra tão procurada. Este

---

<sup>54</sup> Verbo *surucar* no particípio, ver a descrição na sessão 3.1 deste capítulo.

campo lexical diz muito sobre o que é subjetivo em cada um destes homens: a esperança. Revela também sobre o alicerce incerto de suas vidas: a sorte.

### 3.2.7 Venda das pedras

Quadro 5 – Macrocampo *Venda das pedras*

<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
boca de capangueiro	“ês fala boca... de, de capanguero, tinha umas deiz boca lá da onde da, da ponte da Estelita... ‘té ‘qui im Coromandel. Aonde tinha ponto de garimpo né, onde que fazia barraca {...} os comprado, né, os capanguero” (F1E1).
capanguero	“os capanguero que comprava (...)” (EG1E1). “É o que compra, gera...que exporta, aí cê liga pra ele: ‘óia, eu tenho uma pedra assim, assim, assim, dô quanta nela?... ele fala assim: ‘compra barato que eu te compro por tanto’, aí, se eu fô lá vende pra ele, ele já sabe tudo que ocê contô dela” (G1E1).
queimar a pedra	“é... quemá a pedra é pur exemplo, eu vo[u] vendê um diamante, pum pum compradô, pum capanguero [...] intão... às vez eu chego lá meu diamante, vamo sipô, vamo supô assim, vale deiz mil... aí eu chegô lá eu quero vinte mil no diamante, aí nós vai brigá ali, aí cê pega chega, chega, chega, aí ele te fala assim ‘Te dô nove mil e quinhentos no diamante, num dô mais’, aí às vez eu num quero... aí eu ‘Não, quero não’, aí chama quemô o diamante, quê aí ele vai passá pos ôtos compradô tudo, aí todo lugá que ocê fô, aquele preço tá lá, eles num fala pro cê não, o ôto compradô lá num fala, mais ele lá sabe, o ôto já passô pra ele” (G6E1).
pião ou pinhão	“falava doze pião ma[is] tinha muito mais purqu’era todo afacetado, num pudia vendê um diamante daquele na época não {...} tinha que tê guardado, né (risos)” (G5E1).
<b>Tipos de diamante (microcampo)</b>	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
diamante de indústria	“Não, el’era bom ma[s] num valia, era indústria, segunda, é igual cê falá uma mercadoria de primera cum a segunda, el’era a segunda {...} indústria” (G10E1).
diamante pontilhado (pontiado) /urubu	“diamante pontiado, é aquele que tinha um pontim dentr’assim” (G6E1).
diamante brum	“diamante brum, ele é, ele é {...} ‘marelo, é tudo rebentado {...} não, num presta não, sabe ele presta pa [...] pos ôto, pa, pa lapidá os ôto” (G8E1).
branco sal-seda	“conheço o branco sal-seda {...} é o mes[mo] cê vê uma ropa de seda assim, daquela cor” (G4E1).
rubim	“Dá preto que ês chama de rubim, né. Intão... {...} é rubim é um diamante preto” (G2E1).
xibio	“É xibiu {...} xibiu {...} é xibiuzim, piquininim, às vez nem dava lapidação, porque o diamante quand’ele é muito miúdo” (G3E1).
<b>Unidades de medida (microcampo)</b>	
<i>Lexias</i>	<i>Abonações</i>
quilate	“cinquenta ponto é mei’quilate né, agora de cem ponto já era um quilate {...} desse tamaim aí?” (G5E1).
ponto	“É xibiu... que aí cê pegava o diamante xibiu, quan[do] dava lá uns vinte cinco ponto, trinta ponto, quan[do] cê pegava um... um aí de... cem ponto, pur exemplo, pra cima aí já mudava o nome, aí esse dá um quilate” (G3E1).

Org. G. G. Jeronimo (2014).

Através deste campo lexical, principalmente por meio da lexia *queimar a pedra*, compreendemos um dos motivos pelos quais o garimpeiro não consegue enriquecer. Primeiramente, por pensarem que sempre vão *bamburrar*, gastando nas vendas e botequins o seu dinheiro e, depois, porque os comerciantes de capanga, os *capangueiros*, aproveitam para superfaturar os diamantes. Desta forma, pela sua experiência, por mais que o garimpeiro saiba que o valor da pedra é bem maior, é melhor aceitar a primeira oferta que lhe fizerem, pois as demais serão ainda mais baixas, porque os compradores se organizam, entrando em contato uns com os outros e, através de negociações internas, *queimam a pedra* do garimpeiro.

A notícia do *bamburro* chegava rapidamente aos capangueiros, que logo formavam as *bocas de capangueiro* para a compra das pedras. Eles avaliavam os diamantes de acordo com a cor, o tamanho e o formato. As cores eram diversas, como o *branco sal-seda* e o *rubim*, que eram os mais raros, segundo os garimpeiros. Os formatos também eram bem variados e quanto mais facetado o diamante mais caro ele seria. Estas facetas eram chamadas de *pião* ou *pinhão*.

Além dos diamantes considerados mais caros por sua raridade, os entrevistados explicaram que havia os *diamantes de indústria*, de boa qualidade também, porém, não tão bem trabalhados pela natureza. Outros, já não serviam para vender, que era o caso do diamante *brum* e o *diamante pontilhado* ou *urubu* que, por serem defeituosos, eram triturados e utilizados na lapidação.

Sobre as *Unidades de medida*, havia duas medições: o *quilate*, bem conhecido e utilizado no garimpo de modo geral, de diamantes ou não, e o *ponto*, que são os diamantes que não atingiram o quilate, chamados também de *xibios*. Justificamos a presença da lexia *quilate* neste campo lexical, mesmo não fazendo parte do vocabulário específico do garimpo de diamantes, porque estruturalmente, ela não poderia ser excluída deste *microcampo*, pois neste caso, a estrutura interna do léxico ultrapassou os limites do extralinguístico. Por isso, não poderíamos ignorar a estrutura interna que “naturalmente” traz esta *lexia* para o campo.

Vendidas as pedras, os garimpeiros iam para a cidade fazer as despesas da casa e gastar na “farra”, como eles mesmos nos contaram, em meio às risadas, durante as entrevistas: “pegava diamante, nós ia pá essas gandáia aí, gastava tudo, vortava de novo” (G1E1). Na segunda-feira, começava a rodar a escala no garimpo, bem como a dos campos lexicais que, como pudemos perceber, se encontra presente na fala, nos sinais e nos gestos, enfim, no

vocabulário destes homens tão importantes para nossa pesquisa e para a história de Três Ranchos e de Goiás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que através do estudo aqui apresentado, tornou-se possível conhecer parte da história do garimpo no decorrer dos tempos e a importância desta atividade para a cidade de Três Ranchos-Goiás.

Pudemos compreender que estávamos lidando com uma atividade que surgiu nas margens da ilegalidade, da interdição e da desigualdade, pois, como apresentamos no primeiro capítulo, especificamente no tópico 1.2, a exploração de minerais e pedras preciosas em nosso país é antiga, iniciando-se com os portugueses na época do Brasil colônia. Com a fiscalização muito rígida e os diversos impostos sobre a extração, praticamente tudo era destinado à Coroa. Assim, não restava alternativa a não ser minerar escondido; noutras palavras, garimpar.

Demorou um pouco para que as tropas portuguesas iniciassem a exploração pelo interior do país e chegassem até o sudeste goiano, especificamente, onde hoje conhecemos por Três Ranchos. Apesar de haver atividade nas terras trirranchenses desde esta época, foi em 1944 que a notícia dos *bamburros* se espalhou entre os garimpeiros, com a descoberta da *Mancha Velha*, coincidindo com o entroncamento da Estrada de Ferro, o que contribuiu para o acesso destes aventureiros caçadores de diamantes à *corrutela* que, futuramente, seria municipalizada, em 1953.

Entretanto, a atividade de garimpagem não perdurou por muito tempo no município de Três Ranchos, pois, em 1981, toda a zona de garimpo foi encoberta pelo Lago Azul, resultante do represamento do rio Paranaíba para a construção de uma hidroelétrica. Devido a este acontecimento, aqueles que se sustentavam com dinheiro de garimpo se viram numa situação complicada e de grande dificuldade. Alguns optaram por partir para outros locais de extração e o restante permaneceu na cidade e procurou outro meio de sobrevivência.

Alguns destes homens, ainda vivos, uns residentes no referido município e outros em Catalão-Goiás, nos concederam as entrevistas, emprestando a nós, de bom grado, sua memória dos tempos passados, tempos dos quais a maioria nutre grande saudade, recorrente em suas falas sobre a convivência no garimpo, a honestidade e o companheirismo entre os garimpeiros.

Ao voltarmos nosso olhar para a língua, especificamente para o léxico, por ser este um trabalho de cunho lexicológico, acreditamos que através das lexias que constituem o *corpus* de pesquisa outrora analisado, pudemos compreender não somente o modo de vida destes

trabalhadores, mas a história e a cultura do lugar. Isto se evidencia quando analisamos os topônimos que nomeavam os trechos de garimpo circunscritos à parte do Paranaíba que percorria Três Ranchos.

Dizemos isto, pois neste estudo, falamos em um vocabulário específico do garimpo de diamantes e não em um vocabulário restrito exclusivamente a este município, pois percebemos que muitas destas lexias, eram utilizadas também por garimpeiros de outros estados, os quais vieram de outras regiões. Há de considerar ainda as lexias que pertencem ao léxico comum da Língua Portuguesa que, no *corpus*, conferem sentidos outros, concernentes à prática do garimpo.

No entanto, as lexias toponímicas que nomeavam os trechos de garimpo, em sua maioria, motivadas, possuem uma relação muito forte com o lugar a que dão nome, revelando características muito específicas tanto da história, quanto dos aspectos geográficos e geológicos de Três Ranchos, como em *Mata Padre, Jaú Sapecado, Anjinha, Palmito, Praia da Cana*, dentre outros.

Neste aspecto, falar sobre a relação entre léxico e cultura é entender que este campo da língua é aquele que carrega consigo a história do povo, que através dele nomeia e tenta compreender o universo a sua volta, mesmo que muitas vezes utilizem como recurso unidades já existentes na língua, incorporando a elas outros significados.

Esta reflexão foi o que nos levou à discussão sobre arbitrariedade e motivação do signo linguístico. Através das análises apresentadas na primeira parte do terceiro capítulo, constatamos que ambos são possibilidades da língua e que não há como eleger apenas um como padrão. Isto ocorre principalmente quando estamos diante de uma comunidade restrita, em que os seus membros possuem uma relação muito forte com o extralinguístico, o que nos reporta à teoria Sapir-Whorf de que o léxico é, de fato, influenciado pelo ambiente. É o que acontece com a maioria das lexias que constituem o *corpus*, como: *parasita, corre-dinheiro, correr a escala, dez da cozinha*.

Estamos falando, aqui, de um acervo aberto e flexível, o léxico de uma língua, dela patrimônio por excelência.

No que se refere à sua estruturação, fizemos uma discussão pelo viés da teoria dos campos lexicais desenvolvida por Coseriu (1977) e Geckeler (1971). Através deste método de análise e descrição da semântica das unidades léxicas, conseguimos perceber que, por mais que o léxico tenha uma forte ligação com o que está aquém da língua, é um campo linguístico por excelência e dotado de estrutura, isto é, não se trata de uma sucessão de palavras

aglomeradas desordenadamente à disposição dos falantes. Existe uma lógica de organização entre as unidades léxicas através de uma rede semântica, ou seja, elas estão organizadas por uma relação de oposição de ordem paradigmática.

Conseguimos entender melhor como o léxico se estrutura, ao percebermos que cada lexia pertencente ao *corpus* analisado é parte constituinte de um campo léxico determinado, que, conseqüentemente, poderá se opor aos demais campos ou, até mesmo, se ramificar em subcampos. No limiar dos campos, a zona fronteira se faz tênue, mas bem delimitada como se verifica no campo lexical *Funções da escala*, que se ramifica, através do subcampo *O correr da escala*, e se opõe ao campo *Extração do cascalho*.

Vale reforçar que quando falamos em oposição, não estamos dizendo sobre antonímia ou sinonímia, mas sim seguindo o pensamento de Saussure (1995) ao formular a teoria do valor linguístico, em que mesmo diante de dois signos com traços semânticos semelhantes, teremos, ainda, uma relação de oposição, pois a unidade léxica pode exercer a função de outra, mas jamais a substituirá, devido aos seus traços distintivos. Tal se verificou abundantemente neste estudo, a exemplo de *diamante brum* e *diamante de indústria*, que são lexias pertencentes ao subcampo *Tipos de diamante*, uma ramificação do campo *Venda das pedras*.

Nesta pesquisa, pudemos presenciar o complexo e extraordinário acontecimento que é a língua. Cada lexia selecionada e analisada traz consigo história, cultura e, acima de tudo, nos mostra como a língua, por meio de seus recursos morfológicos, sintáticos e semânticos, se modifica, porque é dinâmica e está a serviço de interpretar uma cultura (CÂMARA JR., 2004).

Estes senhores, por nós entrevistados, trazem em sua memória uma amostra da capacidade e necessidade do ser humano de compreender o que está a sua volta, em que o primeiro passo para este entendimento é a criação de um nome, sequência fonêmica aparentemente simples, como em *charneca*, mas que traz toda a complexidade do que é um segredo de um sonhador, guardado numa *frente de cascalho* no fundo do rio.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador-BA: Quarteto, 2006. p. 213-225.

\_\_\_\_\_. *Um estudo do lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador-BA: Quarteto, 2009.

ARRUDA, Simone Aparecida. *Três Ranchos nas memórias de mulheres quebradeiras de coco nas décadas de 1970 a 1990*. 2008. 28f. Monografia (Graduação em História) – Curso de História Licenciatura e Bacharelado, Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão. Catalão, 2011.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas-SP: Pontes, 1991. p. 284-293.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. p. 131-145.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BLIKSTEIN, Izidoro. Crátilo e Hermógenes: motivação *versus* arbitrariedade do signo linguístico. In: *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. p. 27-37.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 volumes. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 11-63.

\_\_\_\_\_. Plural, mas não caótico. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2000. p. 07-15.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. Língua e Cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). *Dispersiones de J. Mattoso Câmara Jr*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. (Org.). *Dicionário Prosódico de Portugal e Brazil*. Porto: Companhia Portuguesa, 1916.

COELHO, Braz José. *Linguagem: conceitos básicos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

COSERIU, Eugenio. Hacia una tipología de los campos léxicos. In: \_\_\_\_\_ *Principios de semántica estructural*. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1977. p. 210-242.

COSTA, Luciano Rodrigues. Os garimpos clandestinos de ouro em Minas Gerais e no Brasil: tradição e mudança. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 37-37, p. 247-279, jan/dez. 2007.

COUTO, José Vieira. *Memória sobre as minas da capitania de Minas Geraes*: suas descrições, ensaios, e domicilio próprio. (1842). Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=dJgwAAAAYAAJ&printsec>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

DUARTE, Aline do Nascimento. *A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais*. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

DUARTE, Sirlene. A noção de norma lingüística segundo Eugênio Coseriu. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*. Catalão, vol. 2-3, 2001. p. 155-164.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e património: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2008. p. 289-311.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1976.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis. *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG*. 2012. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás - *Campus Catalão*. Catalão, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecido Negri. Vocabulário do Seringueiro: campo léxico da seringa. In: \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 91-100.

LYONS, John. Linguagem e Cultura. In: \_\_\_\_\_. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 273-299.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em minas gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1964.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-345.

MARCONI, Marina de Andrade. *Garimpos e garimpeiros*. São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.

MELO, Iris Consuelo de. *Tropeirismo em Três Ranchos – passagens e memórias*. 2008. 60 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) - Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão, 2008.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Oficinas do Serviço Gráfico do IBGE, 1966.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2007.

PLATÃO. *Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras Estórias*. 28. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995 [1962].

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: \_\_\_\_\_. *Linguística como ciência*. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Luana Duarte. *De vozes e tambores: uma proposta de Glossário das Congadas de Catalão-Goiás*. 2010. 94f. Monografia (Especialização em Letras – Leitura e Ensino) – Programa de Pós- Graduação *lato sensu* em Letras – Leitura e Ensino, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, 2010.

SILVA, Maria Emília Barcellos da Silva. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 142-146.

SILVA, Sonilda Aparecida de Fátima. *Campos Verdes: memória, história e saberes*. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.

SOUSA, José Luiz Vaz de. *Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos-Goiás*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão, 2012.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

\_\_\_\_\_. *Estruturas léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. *Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no Livro para servir o registro do caminho novo de Parati*. 580 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

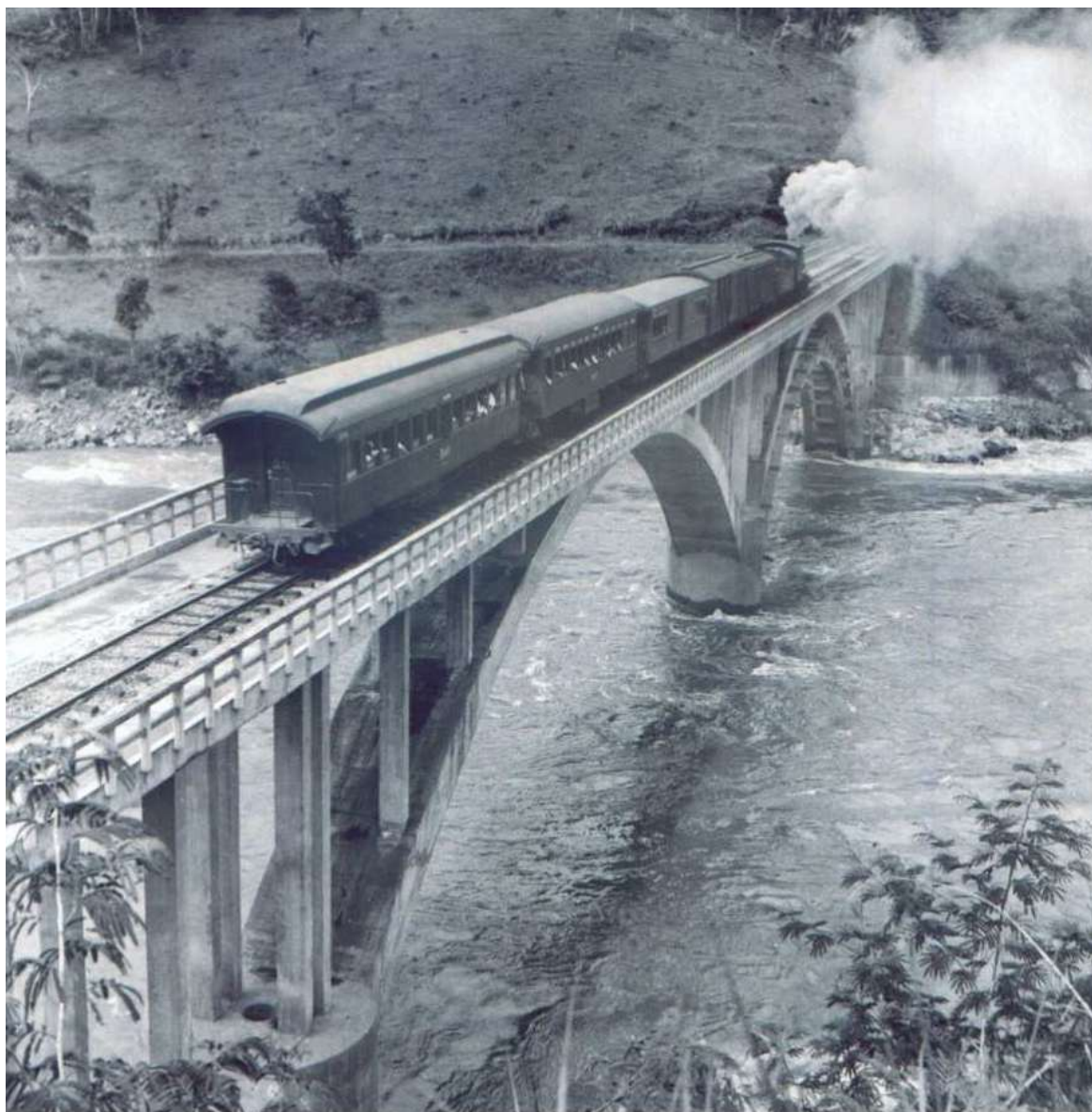
## ANEXOS

### ANEXO A - Trecho da Estrada Real



Disponível em: (MELO, 2008, p. 32).

**ANEXO B** - Trecho da estrada de ferro perpassando sobre a ponte ferroviária



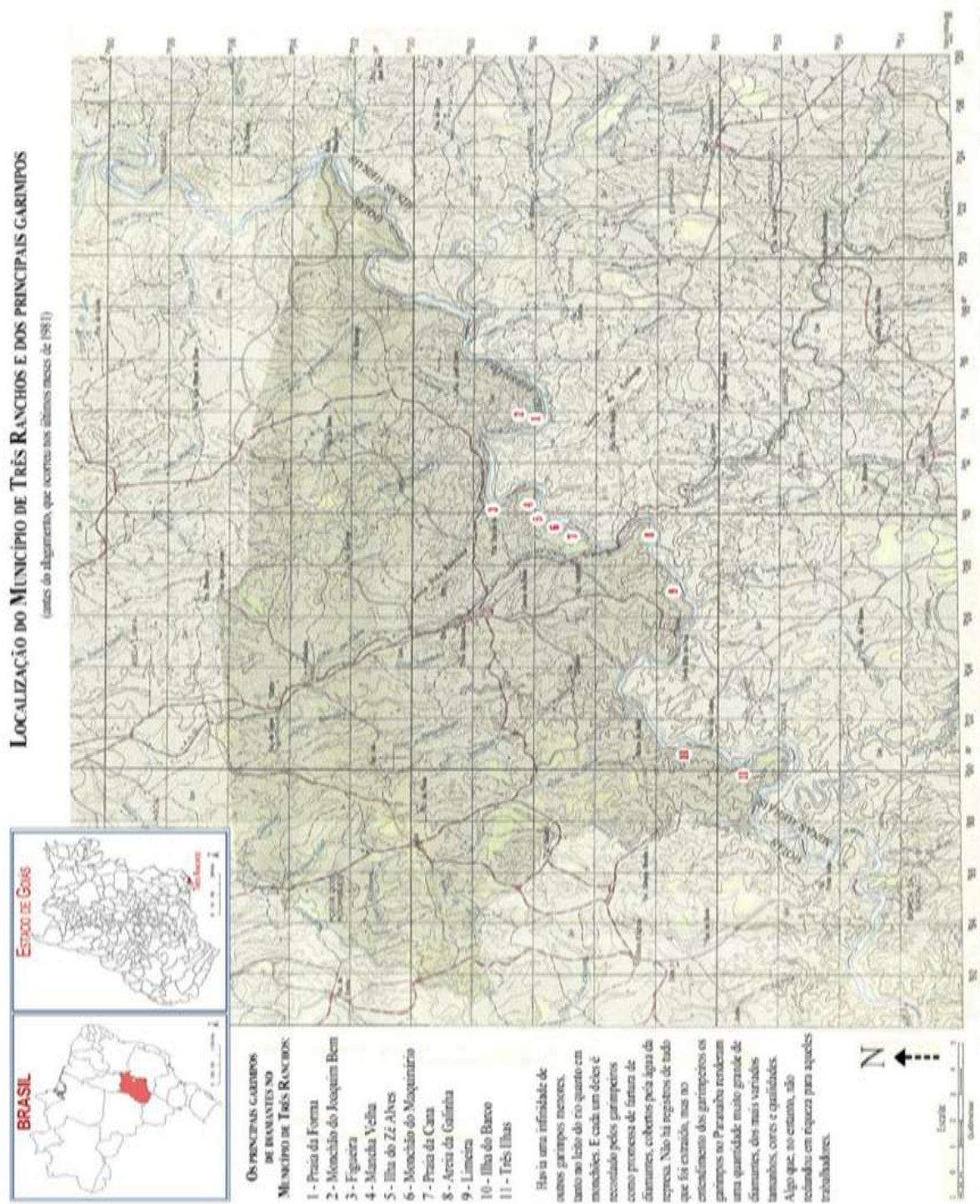
Disponível em: (SOUSA, 2012, p. 53).

**ANEXO C - Três Ranchos após o represamento (foto panorâmica)**



Disponível em: (SOUSA, 2012, p. 58).

## ANEXO D - Três Ranchos antes do represamento



Disponível em: (SOUSA, 2012, p. 13).

**ANEXO E** - mergulhador sendo *arriado*



Disponível em: arquivo pessoal do entrevistado G3E1.

**ANEXO F - garimpo de virada**



Disponível em (SOUSA, 2012, p. 125).

**ANEXO G - Garimpeiros em cima da balsa**



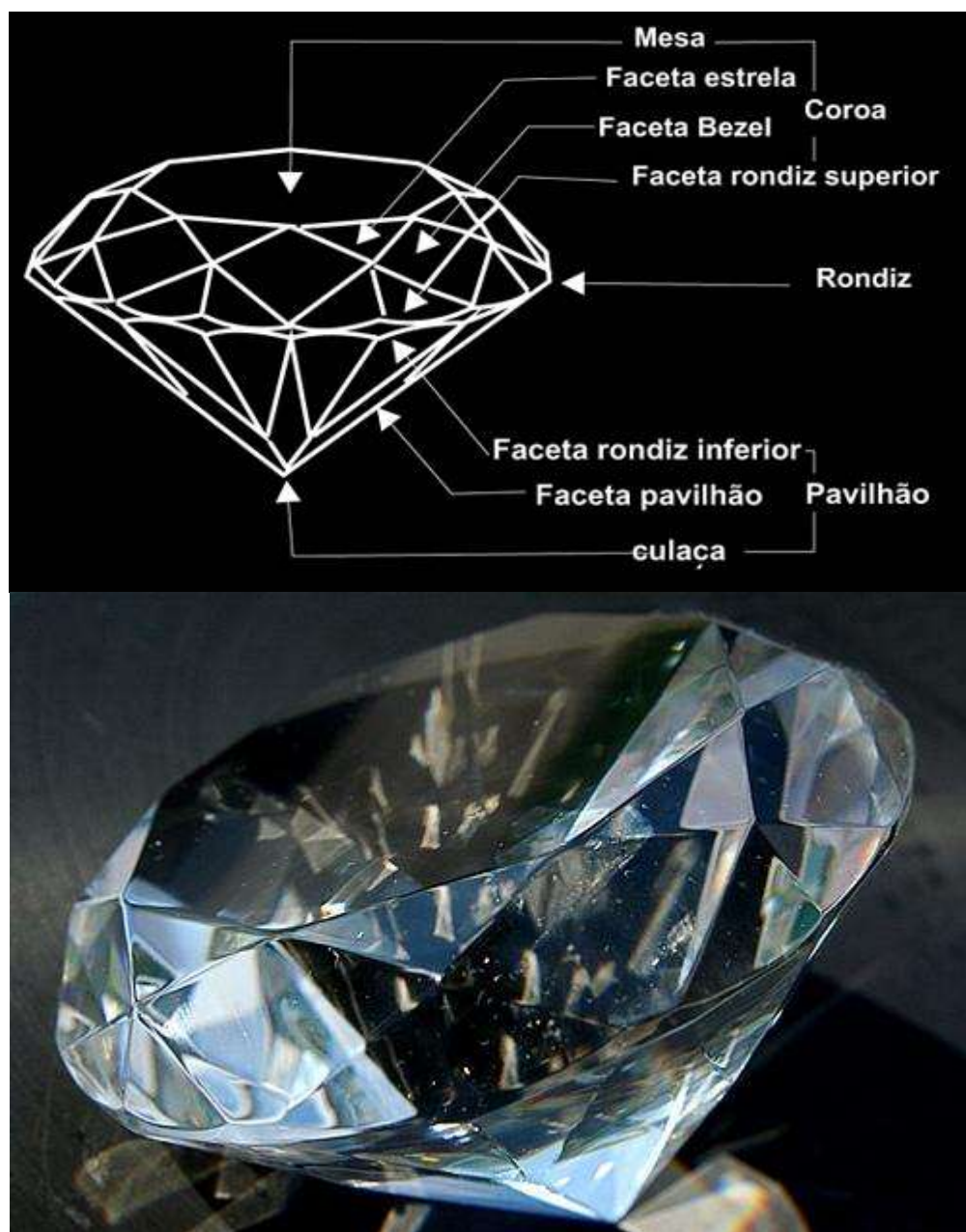
Disponível em: arquivo pessoal do entrevistado G9E1.

**ANEXO H - Garimpeiro batendo/virando a peneira**



Disponível em: arquivo pessoal do entrevistado G1E1.

ANEXO I - Pião ou pinhão (facetas do diamante)



Disponível em: <http://www.jroscoe.com.br/PaginaExibir.asp?opc=exibir&idcat=7&idnot=4>.  
Acesso em: 19 de dezembro de 2013

**ANEXO J - Garimpeiro *cortando a forma***



Disponível em: arquivo pessoal do entrevistado G1E1.

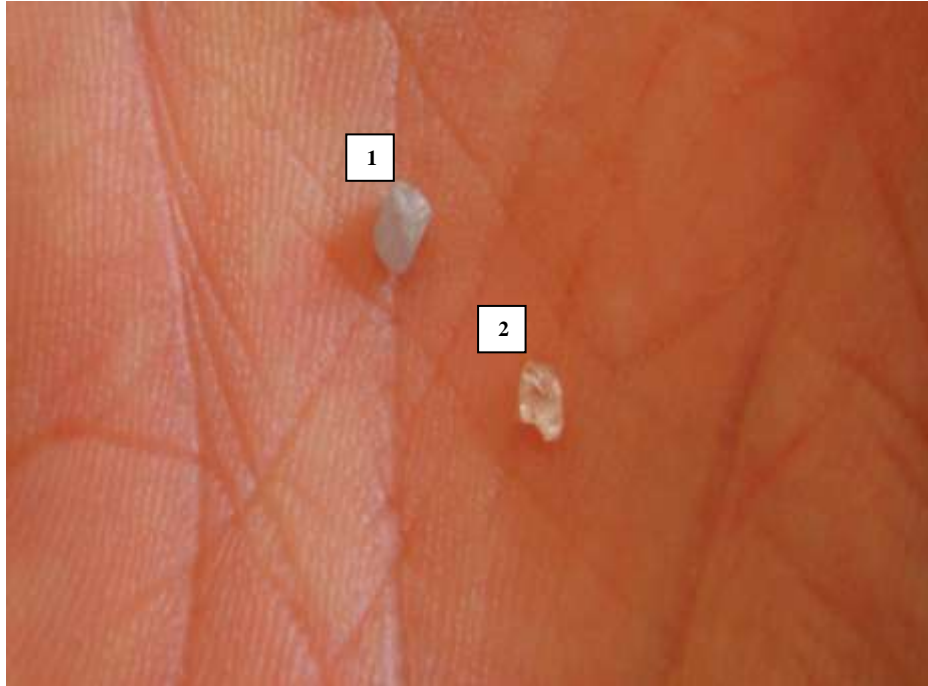
**ANEXO L - Garimpeiro se preparando para mergulhar**



Disponível em: arquivo pessoal do entrevistado G9E1

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Dois *xibios*



Disponível em: arquivo pessoal da pesquisadora (foto tirada durante a entrevista com G1E1)

1. azul
2. branco

## APÊNDICE B - Terno de peneiras



Disponível em: arquivo pessoal da pesquisadora (foto tirada durante a entrevista com G4E1)

1. suruinha
2. peneira grossa
3. peneira média
4. peneira fina

APÊNDICE C - Um picuá



Disponível em: arquivo pessoal da pesquisadora (fotografia tirada durante entrevista com G1E1).

**APÊNDICE D - Forma de diamante besouro rosa e besouro leite**



Disponível em: arquivo pessoal da pesquisadora (fotografia tirada durante entrevista com G4E1).

**APÊNDICE E - A bomba que fornecia ar ao mergulhador**



Disponível em: arquivo pessoal da pesquisadora (fotografia tirada durante entrevista com G1E1).

APÊNDICE F - Parecer de aprovação do Conselho de Ética da Universidade Federal de Goiás



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Goiânia, 18/06/12

**PARECER CONSUBSTANCIADO REFERENTE AO ATENDIMENTO DE  
PENDÊNCIAS EM PROJETO DE PESQUISA**

*Protocolo nº 056/12*

**I. Identificação:**

1. **Título do projeto:** *As Grimpas lexicais e seus diamantes lingüísticos: o vocabulário dos garimpeiros no Município de Três Ranchos – GO.*

2. **Pesquisador Responsável:** *Gabriela Guimarães Jerônimo.*

3. **Unidade/Órgão:** *Campus Catalão*

4. **Pesquisadores Participantes:** *Gabriela Guimarães Jerônimo*

5. **Data de apresentação do protocolo ao CEP:** *22/03/12*

6. **Data do Relato:** *07 de maio de 2012*

7. **Data de Atendimento das Pendências:** *06/06/12*

**II - Parecer do CEP:**

Informamos que o *Comitê de Ética em Pesquisa* da Universidade Federal de Goiás, após análise das adequações solicitadas, **Aprovou**, em 18 de junho de 2012, o projeto acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP/UFG, relatórios da pesquisa, encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões) de acordo com as recomendações da Resolução 196/96.

**III - Data da reunião:** 18/06/2012

  
Prof. João Batista de Souza

**Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP**

*Prof. João Batista de Souza*

*Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa*

*Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFG*

*Comitê de Ética em Pesquisa/CEP*

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1,  
Campus Samambaia (Campus II) - CEP: 74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.

Email: cep.prppg.ufg@gmail.com

**APÊNDICE G - Termo de consentimento livre e esclarecido**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, n.º de  
prontuário \_\_\_\_\_, n.º de  
matrícula \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do  
estudo **AS GRIMPAS LEXICAIS E SEUS DIAMANTES LINGUÍSTICOS: O  
VOCABULÁRIO DOS GARIMPEIROS NO MUNICÍPIO DE TRÊS RANCHOS – GOIÁS**,  
como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora **GABRIELA  
GUIMARÃES JERONIMO** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como  
os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que  
posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer  
penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso).

\_\_\_\_\_  
Local e data

POLEGAR DIREITO

\_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura do sujeito

\_\_\_\_\_  
Testemunha 1

\_\_\_\_\_  
Testemunha 2